Portal do Discente

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS

EMITIDO EM 30/10/2023 10:23

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas (TOE) na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a UFPI a disponibilizar este TEDE sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir do dia 25/08/2023

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação

2. Identificação da Dissertação

Autor:	NAYARA GONÇALVES DE SOUSA		Matrícula: 20211009066 *(identificador)*
Telefone:			
Identidade:	3865306 - SSP/PI	CPF:	E-mail: nayaragonc2016@gmail.com
Orientador:	FRANCISCO ALCIDES DO NASCIMENTO	CPF: 066.317.703-00	E-mail: francisco.alcides@ufpi.edu.br
Membro da banca:	CLAUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES	CPF: 578.456.973-20	E-mail: claudiafontineles@ufpi.edu.br
Membro da banca:	DENILSON BOTELHO DE DEUS	CPF: 884.839.247-49	E-mail: ahlb@uol.com.br
Membro da banca:	FRANCISCO ALCIDES DO NASCIMENTO	CPF: 066.317.703-00	E-mail: francisco.alcides@ufpi.edu.br
Data da Defesa:	25/08/2023	Titulação: Mestre	
Título:	"ENTRE AROMAS, FETIDEZES E MEMÓRIAS:" REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DO VIVER CITADINO EM PICOS-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990		
Instituição de Defesa:	Universidade Federal do Piauí/UFPI		CNPJ: 06.517.387/0001-34
Afiliação:			CNPJ:
Palavras-chave:	História e Cidades. História e Memória. Sensibilidades Urbanas. Picos-PI.		

3. Agência de Fomento

NÃO INFORMADO

4. Informação de acesso ao documento

Liberação para publicação: **Total**

Nayara Gonçalves de Sousa
Assinatura do autor

30/10/23
Data

Havendo concordância com a publicação eletrônica, toma-se imprescindível o envio em formato digital da tese ou dissertação.

ATENÇÃO

Para verificar a autenticidade deste documento acesse **/sigaa/documentos/** informando o identificador, a data de emissão e o código de verificação **208a0e507c**

SIGAA | Superintendência de Tecnologia da Informação - STI/UFPI - (86) 3215-1124 | Copyright © 2006-2023 - UFRN

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS-CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL-PPGHB
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL

NAYARA GONÇALVES DE SOUSA

"ENTRE AROMAS, FETIDEZES E MEMÓRIAS:" REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DO VIVER CITADINO EM PICOS-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Teresina
2023

NAYARA GONÇALVES DE SOUSA

“ENTRE AROMAS, FETIDEZES E MEMÓRIAS:” REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DO VIVER CITADINO EM PICOS-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil-PPGB da Universidade Federal do Piauí-UFPI, na área de concentração História do Brasil e linha de pesquisa Cidades, Memória e Trabalho, como requisito para obtenção do título de Mestra em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento

Teresina
2023

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processamento Técnico

S725e Sousa, Nayara Gonçalves de.
"Entre aromas, fetidezes e memórias" : representações sensíveis do viver citadino em Picos - PI, nas décadas de 1980 e 1990 / Nayara Gonçalves de Sousa. -- 2023.
161 f. il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Pós-graduação em História, Teresina, 2023.
"Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento".

1. História - Cidades. 2. História - Memória. 3. Sensibilidades urbanas. 4. Picos - PI. I. Sousa, Nayara Gonçalves de. II. Título.

CDD 981.22

Bibliotecária: Amanda Maria Coelho Vieira Albuquerque – CRB3/1353

NAYARA GONÇALVES DE SOUSA

"ENTRE AROMAS, FETIDEZES E MEMÓRIAS:" REPRESENTAÇÕES SENSÍVEIS DO VIVER CITADINO EM PICOS-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, como requisito à obtenção do título de Mestra em História do Brasil.
Área de Concentração: História do Brasil
Linha de Pesquisa: Cidades, Memória e Trabalho.
Orientador: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

Aprovado em 25 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

FRANCISCO ALCIDES DO NASCIMENTO – PPGHB/UFPI
Presidente da Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br
DENILSON BOTELHO DE DEUS
Data: 03/09/2023 22:08:10-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

DENILSON BOTELHO DE DEUS - UNIFESP
Examinador (a) Externo (a)

Documento assinado digitalmente
gov.br
CLAUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES
Data: 23/10/2023 17:26:18-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

CLAÚDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES – PPGHB/UFPI
Examinador (a) Interno (a)

Teresina-PI
2023

A Deus, pela força que me concedestes
durante esta jornada.
Aos meus pais, por todo amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Suportar o processo até a chegada do propósito consiste numa tarefa que jamais conseguiríamos executá-la sem o apoio daqueles que estão verdadeiramente ao nosso lado. Por esta razão:

Agradeço primeiramente ao meu bom Deus, Ele que sendo fonte inesgotável de vida, não me deixou fraquejar ao longo desta travessia permeada muitas vezes por medo, angústia e insegurança.

Agradeço de modo especial aos meus pais amados, Francisco Raimundo e Diva Maria, por serem a minha base e fazerem de tudo por mim, abdicando dos sonhos e desejos próprios em prol dos meus.

Agradeço carinhosamente ao meu irmão Almir, por todo o amor, companheirismo e incentivo. Você é luz em nossas vidas.

Aos anjos eternizados em meu coração, Francisco das Chagas, Claudemir e Mário Borges, que hoje habitam na Morada Celestial.

Ao meu companheiro de vida, José Hilton, por tornar a caminhada mais leve através da sua calmaria, acalento, incentivo e apoio incondicional.

Ao meu afilhado amado, Wenzel, por transmitir tanto amor e paz.

À querida amiga Iasmim Ibiapino, por ter sonhado comigo a obtenção deste título de Mestra em História.

À amiga Jakelinne Nayade, que Deus enviou para ser luz na minha vida, através dos seus conselhos, incentivos e ombro amigo sempre que precisei, inclusive nos momentos que achei ser impossível chegar até aqui.

Aos meus amigos Henrique Borges e Janes Miguel, pela amizade e alegria que transmitem diariamente, compartilhando vídeos e memes que descontraíram os momentos de exaustão física e psicológica que a pesquisa muitas vezes me fez sentir.

À amiga de infância, Alana Maria, por sempre acreditar e vibrar a cada conquista minha.

Aos colegas da turma de Mestrado em História do Brasil da UFPI: Flávio Carvalho, Anderson Machado, Marcone Rodrigues, Geise Caroline, Sarah Rocha, Sabrina Thays, Tatiane Carvalho, Gracivalda Albano, João Paulo, Gabriel Rocha, Fernando Castro, Yasmim Moura e Isabella Moura, por compartilharmos juntos e por diversas vezes textos, autores, informações, eventos, medos, inseguranças e alegrias.

As colegas de trabalho, por todo o apoio e entendimento durante este processo, em especial: Lusimar, Viviany, Ariadne, Natália, Cláudia, Marlúcia e Valdênia.

Ao querido orientador, Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento, grande referência na área de História e Cidades, por ter aceitado o desafio de orientar a minha pesquisa e assim contribuir sabiamente com os seus ensinamentos.

Ao querido professor Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, por ter aceitado com grande satisfação dividir mais um momento da minha trajetória acadêmica. Obrigada por me acompanhar desde o início da graduação e ser, além de um grande profissional, também amigo e incentivador.

À querida e admirada professora Dra. Cláudia Cristina da Silva Fonteneles, por todos os conhecimentos repassados durante a disciplina de História Oral e por ter aceitado participar como examinadora deste trabalho, contribuindo assim significativamente para o seu desenrolar.

Ao coordenador do PPHGB, professor Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro, pela solicitude e esforços diários em prol da Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI.

Aos entrevistados desta pesquisa, pela disponibilidade, atenção e conhecimentos transmitidos.

À Academia de Letras da Região de Picos-ALERPI, pelo acolhimento e por permitir, sempre que precisei, acessar fontes importantes para a pesquisa.

Ao Museu Ozildo Albano, por abrigar documentos de grande valor para a compreensão da história de Picos e do Piauí e ser um espaço tão acolhedor para os pesquisadores.

Ao Arquivo Público do Estado do Piauí, pela preservação de fontes inestimáveis a nós historiadores e por me acolher tão bem desde o primeiro contato.

Por fim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente cruzaram o meu caminho durante esta pesquisa e a tornaram menos estafante.

O odor, sempre impregnado de afetividade, é uma forma de viajar no tempo, de arrancar do esquecimento fragmentos de existência. Ele evoca a memória, se associa, de perto ou de longe, a um acontecimento da história individual. E mesmo que às vezes ele demande uma reflexão reavivando circunstâncias específicas, ele continua sendo uma incisão no tempo.

David Le Breton

RESUMO

A cidade de Picos-PI, localizada em uma área que cruza e interliga diferentes regiões brasileiras, alterou significativamente a sua estrutura populacional e territorial durante as décadas de 1980 e 1990, mesmo com o desmembramento dos diversos municípios que se tornaram cidades independentes. Entretanto, a referida urbe deixava a desejar no que concerne a execução de serviços essenciais de limpeza pública que deveriam ser garantidos à população. Tal fato contribuía não apenas para a construção de uma imagem negativa da cidade, mas também para o aparecimento de endemias que afetavam diretamente a saúde de seus habitantes. Por esta razão, a presente pesquisa discorre sobre o viver citadino em Picos-PI nas décadas supracitadas, através das memórias olfativas. Entendemos que este estudo se faz necessário pelo fato de que a cidade, além de simbólica e comunicativa, é também o espaço dos cheiros e odores, esses que sendo fáceis de serem identificados, se tornam marcadores da identidade urbana. O desenvolvimento da pesquisa foi baseado em diferentes tipos de fontes, que incluíram: entrevistas orais, jornais locais e estaduais (Macambira, Jornal de Picos, Tribuna de Picos, O Dia, O Liberal e O Estado), revistas (Foco e Momento Informativo), fotografias, charges, poesias e o código municipal de posturas. A análise destas fontes e as discussões presentes no trabalho contaram com o referencial teórico de diversos autores, entre eles: Raquel Rolnik (1995, Ana Fani Carlos (2007), Sandra Pesavento (2007), Michel de Certeau (2008) e Roberto Corrêa (2007) para as questões de cidades; Alain Corbin (1987), Milena Kanashiro (2003), Palmira Ribeiro e Nadja Santos (2018), Bettina Malnic (2008), Chandler Burr (2006) e João Scortecci (2019) para as questões das percepções sensoriais; Ecléa Bosi (2003), Peter Burke (2000), Michael Pollak (1989), Maurice Halbwachs (2006), Jacy Seixas (2004), Márcio Silva (2008) e Francisco Nascimento (2002) para as discussões de memória; Sônia Freitas (2006), Cléria Botelho da Costa (2014) e José Carlos Meihy (1996) para as compreensões acerca da história oral e Roger Chartier (1990) para o entendimento sobre as práticas de representações. O estudo identificou como se caracterizava o espaço urbano picoense deste período em seus aspectos físicos, sociais e políticos e, para isso discutiu-se acerca da pouca preocupação demonstrada pelos governantes municipais tanto para com a imagem olfativa que se construiria interna e externamente da cidade, quanto pelo bem-estar de sua gente. Também apontou as representações sensíveis e mapeou olfativamente determinados ambientes públicos e privados situados na zona urbana da cidade.

Palavras-chave: História e Cidades. História e Memória. Sensibilidades Urbanas. Picos-PI.

ABSTRACT

The city of Picos-PI, being located in a area that crosses and interconnects different Brazilian regions was, at the dawn of the 1980s and 1990s, considered a true center of state convergence. Although some municipalities had dismembered and become independent cities, Picos-PI continued to expand territorially and demographically due to migrations and the significant number of annual births, compared to the numbers of deaths and/or marriages. of its inhabitants. For this reason, the present research discusses the sensitive representations of city living in Picos-PI in the aforementioned decades, constructed through the olfactory memories of the subjects who lived and/or frequented it. We understand that this study is necessary because the city is symbolic, and the odors felt by these subjects in the experience in society are related to the social and political context of the time. The development of the research was based on different types of sources, which included: oral interviews, local and state newspapers (Macambira, Jornal de Picos, Tribuna de Picos, O Dia, O Liberal and O Estado), Picoenses magazines (Foco e Momento Informativo), photographs, cartoons, poetry and the municipal code of postures. and the discussions present in the work relied on the theoretical framework of several authors, among them: Raquel Rolnik (1995, Ana Fani Carlos (2007), Sandra Pesavento (2007), Michel de Certeau (2008) and Roberto Corrêa (2007) for the issues of cities; Alain Corbin (1987), Milena Kanashiro (2003), Palmira Ribeiro and Nadja Santos (2018), Bettina Malnic (2008), Chandler Burr (2006) and João Scortecci (2019) for the issues of sensory perceptions; Ecléa Bosi (2003), Peter Burke (2000), Michael Pollak (1989), Maurice Halbwachs (2006), Jacy Seixas (2004), Márcio Silva (2008) and Francisco Nascimento (2002) for memory discussions; Sônia Freitas (2006), Cléria Botelho da Costa (2014) and José Carlos Meihy (1996) for the understandings about oral history and Roger Chartier (1990) for the understanding of the practices of representations. The study identified how the Picoense urban space of this period was characterized in the physical, social and political aspects and, for this, it was discussed about the public administrations that showed little concern with the well-being of their people and with the image of the city that would be built internally and externally. As well as pointed out, through the memory of the interviewed subjects and the olfactory cartographic mapping of certain public and private environments located in the urban area of the city, the multiple aromas and odors typical of these.

Keywords: History. Cities. Memory. Urban sensitivities. Peaks-PI.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Plantação de alho às margens do rio Guaribas, 1990.....33
Figura 2 - Bairro Paroquial em Picos, 1996..... 43
Figura 3 - Praça João de Deus Filho, 1993.....52
Figura 4 - Desabamento de casas no bairro Paroquial, da cidade de Picos-PI, em 1994.....58
Figura 5 - Buraco na rua Luís Nunes, em Picos-PI, 1999..... 69
Figura 6 - Charge Os Urubus, Picos-PI, 1999.....70
Figura 7 - Mapa padrão das ruas de Picos, 2022. 77
Figura 8 - Feira livre de Picos-PI, 1982.....78
Figura 9 - Mercado Público de Picos-PI, década de 1980.....80
Figura 10 - Feira de cereais na cidade de Picos-PI, 1974.....83
Figura 11 - Venda de alho na feira livre de Picos-PI, em 1970.....88
Figura 12 - Espaço urbano da cidade de Picos, c. década de 1980.....92
Figura 13 - Esquina da rua Abílio Coelho com a Monsenhor Hipólito, 1995.....96
Figura 14 - Crianças picoenses brincando com o lixo, 1993. 98
Figura 15 - Fezes humanas escorrendo pelos esgotos a céu aberto, 1995 99
Figura 16 - Ruas de Picos, 1992. 101
Figura 17 - Casas Populares entregues às famílias no Conjunto Morada do Sol, 1994..... 105
Figura 18 - Urubus nas ruas da cidade de Picos-PI, na década de 1990.....110
Figura 19 - Planta da Indústria Coelho S.A, em Picos-PI, 1974.....117
Figura 20 - Matadouro Público Municipal de Picos-PI, 1998.....126
Figura 21- Instalações físicas (parte interna) do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018.....129
Figura 22 - Banheiro do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018.....130
Figura 23 - Parte externa do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018.....130
Figura 24 - Praça Félix Pacheco, (década de 1980) 136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População de Picos nas décadas de 1980 e 1990.....30
Tabela 2 - Registro Civil-Município de Picos, 1980 e 1990.....31
Tabela 3 - Integrantes do Legislativo picoense (1997-2000) 64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dados da coleta e tratamento do esgoto da cidade de Picos-PI em 2021.....131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERP - Academia de Letras da Região de Picos

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

BEC - Batalhão de Engenharia e Construção

BEFIEX - Benefícios Fiscais a Programas Especiais de Exportação

BNB - Banco do Nordeste Do Brasil

BNDE - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico

BRs - Vias Federais

CSU - Centro Social Urbano

CTB - Código de Trânsito Brasileiro

DECON - Departamento de Defesa do Consumidor

FINOR - Fundo de Investimento do Nordeste

FUNASA - Fundação Nacional De Saúde

GTA - Guia de Transporte de Animais

HRJL - Hospital Regional Justino Luz

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

MPPI - Ministério Público do Estado do Piauí

PDR – Programa de Desenvolvimento Rural

PDS - Partido Democrático Social

PEA - População Economicamente Ativa

PFL - Partido da Frente Liberal

PI - Piauí

PIB - Produto Interno Bruto

PIN - Programa de Integração Nacional

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNDA - Programa Nacional de Artesanato

PPB - Partido do Povo Brasileiro

PRODART - Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

TCE - Tribunal de Contas do Estado

SEP - Sociedade Esportiva de Picos

SESP - Serviço de Saúde Pública

SNIS - Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento

SUCAM - Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

UESPI - Universidade Estadual do Piauí

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFPI - Universidade Federal do Piauí

UNIVASF – Universidade Vale do São Francisco

LISTA DE SÍMBOLOS

@ - Arroba

Cr$ - Cruzeiro

*h*α - Hectare

km² - Quilômetro quadrado

m³ - Metro cúbico

nº - Número

% - Por cento

$ - Real

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....13
2 MEMÓRIAS DA CIDADE DE PICOS NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.....28
2.1 A urbe de outrora.....29
2.2 Picos-PI e sua "evolução" desordenada.....41
2.3 O cenário sociopolítico da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990.....48
2.4 Picos-PI na "doce" espera do progresso.....59
3 REPRESENTAÇÕES OLFATIVAS DO VIVER URBANO NA CIDADE DE PICOS (1980 -1990) 73
3.1 Um espaço de sociabilidades e de múltiplos cheiros: a feira livre de Picos-PI.....74
3.2 "Transportadores, limpadores e ameaçadores": os animais no espaço urbano picoense.....90
3.3 Lixo, sujeira e mau cheiro.....94
3.4 "Cidade-modelo" ou "cidade dos urubus" 108
4 CARTOGRAFIA OLFATIVA DOS ESPAÇOS URBANOS PICOENSES NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.....114
4.1 Máquinas, mão de obra e cheiro de fumaça: o espaço fabril da Indústria Coelho.....116
4.2 "A sujeira e a fedentina campeiam por todos os cantos:" o Matadouro Público Municipal e o Açougue Félix Borges Leal.....125
4.3 "Cheiro da natureza, da alegria, do encontro humano e da amizade" em espaços picoenses públicos e privados.....132
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....141
REFERÊNCIAS.....144

1 INTRODUÇÃO - A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O desejo em pesquisar algo voltado para o campo temático *História e Cidades*, e mais especificamente sobre a cidade de Picos-PI, nasceu em meados do ano de 2018, após participar de um minicurso ofertado pelos alunos do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, seguido de um convite para participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC, coordenado na época pelo Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Mesmo não podendo participar deste, pelo fato da aprovação como aluna bolsista no Programa Residência Pedagógica-RP no mesmo período, não nos desprendemos da ideia inicial, e buscamos cursar a disciplina optativa *Cidades e História*. Com essa disciplina tivemos a oportunidade de conhecer múltiplos trabalhos desenvolvidos nesse âmbito, quer fosse por meio de leituras, debates e/ou seminários, bem como desenvolver um artigo (cujo objeto de estudo fora um espaço de sociabilidade pertencente à cidade de Picos-PI durante as décadas de 1980 e 1990), posteriormente publicado no livro *Cidades Brasileiras*, que reúne textos de pesquisadores/historiadores de diversas regiões do Brasil.

Podemos assim afirmar que foi essa pesquisa sobre um dos elementos que integram as cidades, neste caso a sociabilidade, e o primeiro contato direto com determinadas fontes históricas (fotografias e entrevistas orais) que confirmaram que de fato queríamos seguir pesquisando sobre essa área de atuação da história. A ampliação e o aperfeiçoamento desta escrita continuaram assim nos anos subsequentes com a construção do projeto de pesquisa, seguido da elaboração do TCC I e II e, consequentemente, com a defesa da monografia intitulada: *A cidade sensível: cotidiano, memória e sociabilidades em múltiplos espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, sob a perspectiva feminina.*

Somando-se a isso destacamos a proposta de pesquisa apresentada e aprovada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil no segundo semestre do ano de 2020, a qual buscava-se discutir através dos cheiros e odores da cidade de Picos-PI, os problemas sobretudo de ordens sociais e estruturais da mesma. Apesar de essa não ser uma abordagem tão comum na historiografia brasileira e piauiense, especificamente, estes estudos sobre sensibilidades urbanas vêm ganhando destaque, principalmente, entre os historiadores inspirados na Nova História Cultural.

No Brasil, podemos destacar o trabalho da pesquisadora Sandra Jatahy Pesavento, por meio de sua obra *"Cidades visíveis, sensíveis e imaginárias"*, e na França a obra do historiador

Alain Corbin: *"Saberes e odores: o olfato e o imaginário social no século dezoito e dezenove"*, de 1982 (publicado no Brasil em 1987). Assim, motivados pelos fatores mencionados e tendo como inspiração os respectivos trabalhos, propomos a realização desta pesquisa: *Entre aromas, fetidezes e memórias: representações sensíveis do viver urbano da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990*. Ela dará ênfase a cidade de Picos, localizada no estado do Piauí, e sua interlocução com o contexto urbano nacional.

O recorte temporal escolhido (1980 e 1990) se justifica, primeiramente, pelo fato de que nesse período estava ocorrendo o ciclo de desmembramento do território do município de Picos, dando origem assim à maioria das urbes de sua macrorregião[1]. Outro argumento que explica essa escolha pessoal também é o fato de que a produção historiográfica sobre o município de Picos está concentrada em períodos mais recuados ao que delimitamos, como podemos perceber nos múltiplos Trabalhos de Conclusão de Curso em História da UFPI/Picos e nas próprias dissertações e teses que tomam a cidade retromencionada como objeto de estudo[2].

Por esta razão, a produção desse novo estudo que envolvem as relações entre história, memória, cidade e sensibilidades urbanas, tendo como foco o município de Picos-PI, foi guiada pelas seguintes questões norteadoras:

- Como era o espaço urbano picoense nas décadas de 1980 e 1990?
- Diante das percepções olfativas, quais os aspectos políticos e sociais têm sua materialização evidenciadas?
- Quais são as representações olfativas do viver urbano da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990?
- Qual o mapeamento cartográfico olfativo da cidade de Picos-PI no período em estudo pode ser construído?
- Quais as práticas olfativas desenvolvidas nos espaços urbanos da cidade de Picos-PI no recorte temporal proposto?

[1] De acordo com informações disponibilizadas no site do IBGE a área territorial inicialmente definida pelas Divisões administrativas da cidade de Picos, permaneceu intacta por bastante tempo, mas especialmente na década de 1990, pode-se observar um maior desmembramento desse território, que resultou na formação de novos municípios. Para maiores informações, acessar o site do IBGE, especificamente no censo de 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>. Acesso em: 06 out. 2021.

[2] Um dos trabalhos sobre a cidade de Picos que podemos citar como exemplo é a dissertação de mestrado da historiadora Karla Ingrid Pinheiro Oliveira (2014), intitulada: "A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960". Disponível em: https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/. Acesso em: 19 out.2020.

Tais questionamentos que conduziram a nossa pesquisa e constituíram o problema histórico nos serviram, principalmente, para aprofundarmos os nossos estudos sobre os sentidos urbanos, já iniciados no ano de 2019 com o Trabalho de Conclusão de Curso de História , já mencionado anteriormente, onde buscamos compreender o espaço urbano da cidade de Picos e as práticas cotidianas desenvolvidas neste, assim como identificar alguns lugares de sociabilidades e as representações sensíveis sobre os mesmos, a partir das experiências femininas emocionalmente vividas.

Nesta pesquisa, especificamente, buscamos, além de compreender de maneira mais aprofundada o viver urbano da cidade de Picos em si, incluindo os aspectos políticos e sociais das décadas de 1980 e 1990, através das memórias e percepções sensoriais dos sujeitos que a habitavam, também construir uma cartografia olfativa de alguns espaços físicos que compunham a cidade e que aparecem nas fontes analisadas repetidas vezes como sendo locais que incomodavam a população pelo mau cheiro que provocavam.

Propomo-nos ainda a realizar este estudo partindo da perspectiva sensível, por entendermos que as urbes são simbólicas e comunicativas, e que as percepções sensoriais dos seres humanos sobre a cidade envolvem todo um contexto social, político e cultural. Deste modo, privilegiamos o uso de fontes orais, no intuito de encontrarmos essa urbe sensível. Assim, a relevância social e acadêmica desta pesquisa consistiu em realizar outro olhar narrativo acerca da história das cidades, com ênfase para a sociedade picoense.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as representações sensíveis do viver urbano da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990. E como objetivos específicos: Apresentar o espaço urbano picoense, nas décadas de 1980 e 1990; Compreender, diante das percepções olfativas, o cenário político e social das décadas estudadas; Identificar as representações olfativas sobre o viver urbano da cidade de Picos-PI no recorte temporal proposto; Fazer uma cartografia olfativa do viver urbano da cidade de Picos-PI nas décadas de 1980 e 1990 e Caracterizar, por meio das memórias olfativas dos citadinos, as práticas desenvolvidas em espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990.

Nossos estudos assim apresentaram um novo olhar historiográfico sobre as cidades brasileiras e sobre o fenômeno urbano, analisando o período de consolidação da urbanização brasileira nas referidas décadas.

Acreditamos que esta análise histórica do fenômeno urbano, por meio de representações sensíveis, poderá atrair a atenção de leitores não apenas da comunidade acadêmica, mas também do público em geral, devido ao enfoque na narrativa de práticas cotidianas.

Esperamos que a leitura destes estudos possa proporcionar aos leitores subsídios empíricos e teóricos, para reflexões sobre a história das cidades brasileiras, pois essas reflexões visam o entendimento do fenômeno urbano nas décadas de 1980 e 1990 e, também, permitem a percepção das rupturas e continuidades que envolvem o *ser citadino* em diferentes tempos e espaços. Portanto, os conhecimentos adquiridos com a leitura desses estudos, irão ajudar os leitores a entender melhor a cidade onde vivem – percebendo as múltiplas cidades que habitam uma mesma cidade – identificando suas subjetividades sensíveis e imaginárias.

Deste modo, para auxiliar na escrita da temática escolhida, alguns autores foram/são de fundamental importância para compreendermos os conceitos ou as categorias de história, memória, representações e sensibilidades que permeiam todo o trabalho.

A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007), por exemplo, escrevendo à luz da Nova História Cultural, nos permitiu olharmos para cidade muito além de sua concretude, de modo que enxerguemos as novas formas de representações e construamos as nossas próprias pesquisas, sejam elas partindo de uma perspectiva local ou não.

A Nova História Cultural se apresenta assim como um espaço multisignificativo, pois abre possibilidades para que tudo o que antes era considerado insignificante, viesse a ser considerado história. A cidade, por exemplo, outrora retratada apenas sob o viés econômico ou social, passou a ser abordada de outra maneira com os estudos emergidos na década de 1990, que não mais a consideravam "como um lócus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais". (PESAVENTO, 2007, p.15).

Nos embasamos, neste sentido, em seus estudos para discutirmos sobre as *sensibilidades urbanas*, pois entendemos que:

> [...] a cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível. A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade. (PESAVENTO, 2007, p.14-15).

Assim, compartilhamos da ideia de que "as sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais os indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo com um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos". (PESAVENTO, 2008, p.57).

Ademais, nos embasamos ainda nos aportes de Ana Fani Alessandri Carlos (2007), para discutirmos e entendermos as noções de espaço e lugar dentro do núcleo urbano. Pois essa nos mostra que o espaço só se torna um lugar quando habitamos nele, de modo que esse não pode ser encontrado nas grandes metrópoles, tendo em vista que o vivido está intrinsecamente ligado à afetividade e à intimidade. A referida autora explicita ainda que os lugares em que residimos dizem muito sobre o nosso cotidiano e o nosso modo de viver, pois:

> O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007, p. 17).

Assim, com base nessa ideia de que as cidades são afetadas pelos nossos sentimentos e pelas nossas experiências, recorremo-nos ainda ao pensamento literário de Ítalo Calvino (1980). Este escritor italiano nos faz entender, essencialmente, a capacidade da literatura em "revelar" urbes invisíveis, presentes em um mesmo lugar.

Outrossim, convictos de que a urbe é um ímã, antes mesmo de ser um local apropriado para o trabalho e moradia, também nos enveredamos pelos caminhos da arquitetura e urbanismo e nos amparamos nos subsídios de Raquel Rolnik (1995). Esta, considera que as povoações se dão a ler através da sua materialidade expressada por meio de símbolos do passado, que permitem ao espaço urbano contar a sua história. Além de as cidades serem também política, pois estão organizadas de maneira coletiva e administradas estruturalmente. Nesse sentido, a referida autora salienta que:

> Ao pensar a cidade como ímã, ou como escrita, não paramos de relembrar que construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. Na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento do vizinho ou num veículo de trânsito [...] hoje, este conjunto se define como massa, aglomeração densa de indivíduos cujos movimentos e percursos são permanentemente dirigidos [...] mesmo quando não se trata de massa, quando falamos de cidades menores estão presentes a concentração, a aglomeração de indivíduos, e consequentemente a necessidade de gestão da vida coletiva. (ROLNIK, 1995, p. 19-20).

Além disso, com base nos estudos do geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000) e do levantamento das fontes que realizamos até o momento, percebemos que Picos-PI se configurava, no nosso recorte de estudo, como uma urbe articulada e fragmentada e que cada

uma de suas partes mantinham relações espaciais com as demais, ainda que sua intensidade fosse variável e o centro funcionasse como o núcleo de toda a articulação.

Sendo um dos principais estudiosos das questões urbanísticas no Brasil, o referido autor concebe o espaço urbano como algo subjetivo. Contudo, também afirma que esse se configura num reflexo de ações realizadas no presente e no passado, podendo ser um condicionante da sociedade, assim como:

> [...] o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o quotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetadas nas formas espaciais, monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc. (CORRÊA, 2000, p. 9).

Com o historiador e erudito francês Michel de Certeau (2008), compreendemos que nas caminhadas pela cidade os corpos têm um jeito único de caminhar e as percepções são subjetivas, pois enquanto do alto pode-se perceber tudo e todos, imerso na multidão, a visão torna-se limitada. Entendemos também que a (s) observação (ções) do cotidiano e de seus detalhes, independem da movimentação e dos passos de quem estar observando, pois:

> [...] o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número de dos possíveis (por exemplo, criando atalhos e desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). (CERTEAU, 2008, p.165).

Ademais, pelo fato de estarmos trabalhando com lembranças através das fontes orais, fundamentamos as nossas discussões baseadas nas reflexões da psicóloga e escritora brasileira Ecléa Bosi (2003), do historiador inglês Peter Burke (2000), do francês Pierre Nora (1993), do sociólogo Michael Pollak (1989) e dos historiadores brasileiros Francisco Alcides do Nascimento (2002) e Jacy Alves Seixas (2001).

Compreendendo a memória como uma forma organizadora, a psicóloga supracitada ensina-nos que ao lidarmos com a memória através das fontes orais, devemos respeitar os caminhos que os entrevistados vão abrindo, pois estes constituem um mapa efetivo de sua própria experiência ou de determinado grupo. Além disso, compreendemos também com os subsídios apontados pela referida autora, que as memórias são frutos da coletividade, ou seja, é o resultado do sentimentalismo que carregamos conosco vivendo em sociedade e em diferentes grupos.

Sob a perspectiva histórica, Peter Burke (2000) descreve as lembranças como uma reconstrução do passado e enfatiza que precisamos nos interessar por elas por diversas razões, por exemplo:

> [...] em primeiro lugar têm de estudar a memória como uma fonte histórica, elaborar uma crítica da confiabilidade da reminiscência no teor da crítica tradicional de documentos históricos [...] em segundo lugar, os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico; pelo que se poderia chamar de história social do lembrar [...] as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade. (BURKE, 2000, p. 72-73).

Já na visão do historiador francês Pierre Nora (1993), a memória deriva da experiência vivida e alude ao coletivo. Vê-se então muitas fragilidades, pois as lembranças são vagas e fortuitas, logo vulneráveis a usos e manipulações. É também múltipla, pois utiliza o passado como pano de fundo. É, portanto, uma construção individualizada. Já a história estaria associada a acontecimentos que seguem uma lógica argumentativa. Reconstrói-se o passado a serviço do presente, e é assim uma atividade consciente por excelência, pois pode pertencer a todos e a ninguém, sendo também operacional, intelectual e laicizante.

Do ponto de vista sociológico, Michael Pollak (1989) enfatiza os não-ditos que se encontram nas lembranças de uns e de outros, cujo silêncio é moldado pela angústia de não ter a oportunidade de ser ouvido ou pelo medo da punição por aquilo que é dito. Também respalda os acontecimentos "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos coletivamente.

Nos embasamos também nos estudos levantados pelo historiador Francisco Alcides do Nascimento (2002) porque esse, sendo uma das principais referências sobre os estudos na área de cidades e memória, destaca que ao lidarmos com a oralidade, precisamos desenvolver a prática do saber ouvir, pois:

> As pessoas têm as suas lembranças narradas. Não podemos revivê-las porque não compartilhamos da cidade por elas descritas; partilhamos sim de uma cidade onde a relação entre a memória e o esquecimento pode ser objetivada por meio de um discurso. Não podemos esquecer, entretanto, que o espaço de uma rua ou de uma praça funcionam como detonadores das lembranças e também como documento/monumento. (NASCIMENTO, 2002, p. 172).

Compreendemos por esta razão que, quando buscamos uma cidade guardada na memória de alguns sujeitos, é construída uma urbe que pertence a determinado momento, pois as imagens que cada um desses guarda são repletas de significados e lembranças.

Ainda no que tange a memória, percebemos por meio dos apontamentos da historiadora Jacy Alves Seixas (2001), que essa pode ser *voluntária*, isto é, que se dá no presente e é guiada pela consciência e pela razão, sendo necessário se lembrar para conhecer o passado. Ou mesmo *involuntária*, quando guiada pela imaginação e imagens, marcada por "lampejos bruscos" que pendem para a sensibilidade. Esses percursos voluntários e involuntários construídos pela memória partem, segundo a autora, sempre do presente.

Jacy Alves Seixas (2001) defende ainda a ideia de que a memória é ativada visando de alguma forma o controle do passado e, portanto, do presente. Essa é a sua finalidade política. Segundo seu pensamento, história e memória estão em um mesmo patamar, pois ambas se tornam criação sobre o passado, além de controlar e domesticar o passado.

A memória, sob essa perspectiva de análise, serve mais para agir do que para conhecer. O presente sempre atualiza o passado e contribui para projetar o futuro, esses que estão entrelaçados e compõem à nossa maneira de pensar. Assim, toda memória é uma memória para alguma coisa; ela tem um destinatário.

A autora Jacy Alves Seixas (2001) tem chamado a atenção também para algo bastante relevante neste sentido. Na sua visão, a partir da década de 1980, a historiografia toma consciência de que a relação entre memória e história é mais uma relação de conflito e oposição do que de complementaridade. Ela destaca ainda que a historiografia contemporânea tem pouco recorrido às reflexões da filosofia ou da literatura, mas tem estabelecido com a sociologia o seu diálogo preferencial.

Observamos assim, a partir destas análises, que a memória está inerentemente ligada ao conceito de representação, logo torna-se interessante nos atentarmos aos estudos do historiador francês Roger Chartier (1990). Pois, ele concebe as representações como, fundamentalmente, a "presentificação de um ausente" e como algo que envolve diferentes processos, entre eles o de percepção, identificação, legitimação e exclusão.

Este mesmo historiador (2002) nos ajuda a compreender, por meio de uma série de reflexões historiográficas e metodológicas, os deslocamentos que transformaram os modos de pensar e de descrever a história nesses últimos vinte anos. Essa se apresenta, neste sentido, como um saber à beira do abismo, o que nos leva a pensar nos seus possíveis limites e nos seus recortes clássicos.

Buscando dessa maneira ter maior compreensão acerca dos sentidos, de modo geral, e como podemos pensá-los enquanto arquivos documentais, nos debruçamos sobre os estudos teóricos e bibliográficos de alguns estudiosos e dialogamos de maneira interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, como a geografia e o urbanismo, por exemplo.

Assim, os subsídios da arquiteta e urbanista Milena Kanashiro (2003), nos auxiliaram na compreensão das subjetividades das cidades, e no entendimento de como os nossos sentidos podem ser transmissores de experiências emocionais, pois segundo a referida autora, as lembranças mais tenazes que guardamos dos lugares estão associados aos odores dos quais eles são portadores, pois "nas cidades, a percepção através do olfato recebe um significado socioespacial" (KANASHIRO, 2003, p. 158).

Já os apontamentos dos estudiosos Thiago Tavares das Neves e Gustavo Leite Sobral (2019), nos serviram para entender a construção de sensibilidades entre os sujeitos e o espaço urbano, assim como as leituras que os corpos fazem do meio em que estão inseridos, pois:

> Há construção de sentidos entre os sujeitos que se comunicam e entre o sujeito e o mundo [...] as atividades sensoriais do sujeito são, portanto, fruto da vida em sociedade. O indivíduo cumpre a função de construir seu próprio arranjo sensorial como mundo de sentido. (NEVES; SOBRAL, 2019, p. 49).

Sob essa mesma perspectiva, nos amparamos ainda nas contribuições da geógrafa Márcia Alves Soares da Silva (2018). Esta apresenta-nos uma discussão sobre emoções como um desafio para o debate científico, assim como ressalta que a geografia tem buscado, incessantemente, contribuir na compreensão dessas enquanto fatos espaciais. Nesse sentido, a referida autora defende que:

> Nossa vida acontece, além da relação com as outras pessoas, também com os espaços da vida cotidiana. Tal relação é indissociável, porque somos sujeitos espaciais. O vínculo com o espaço se dá tanto na esfera íntima do corpo e a necessidade de orientação espacial básica [...] e também na construção de espaços de (con.) Vivência. (SILVA, 2018, p. 70).

Especificamente sobre o sentido do olfato, nos embasamos nas discussões realizadas pelo historiador francês Alain Corbin (1987). Este aborda a história dos séculos XVIII e XIX através da percepção olfativa, enfatizando que os cheiros que antes passavam despercebidos, em torno de 1750 tornavam-se incômodos e passavam a provocar horror na população, como por exemplo, o "fedor do pobre". Este, era contido através dos progressos de higiene que se davam através da obrigação destes se recuarem para setores residuais, isto é, zonas mais afastadas do centro da cidade.

Desse modo, com a redução dos níveis de tolerância e com as funções desempenhadas pelos saberes, Corbin concluiu que através do olfato se pressentia a desintegração de si mesmo e do outro, e fundava-se uma nova relação entre o homem e o meio em que estava inserido.

Também nos amparamos nas discussões levantadas por Chandler Burr (2006) que considera o olfato o sentido mais misterioso, se comparado aos demais, pois, na sua concepção ninguém sabe de fato como sentimos. Ainda de acordo com a sua perspectiva de análise, de tudo o que se sabe acerca da evolução e da biologia molecular, o olfato é o que realiza o impossível. Para confirmar tal afirmação ele compara-o com o sistema digestivo e conclui que:

> O olfato é ilimitado, como o sistema imunológico, mas é instantâneo, como o sistema digestivo. E tudo o que sabemos sobre a forma e o reconhecimento molecular diz que isso deveria ser impossível. Mas, sobre o olfato, não sabemos, não podemos prever. É por essa razão que o olfato é o objeto de duas corridas encarniçadas. (BURR, 2006, p. 19).

As discussões levantadas por Bettina Malnic (2008) também foram de fundamental importância na escrita deste trabalho. A referida bióloga enfatiza que ao longo das nossas vidas estamos cercados por cheiros, sejam eles agradáveis ou não. Logo, o olfato é o sentido mais intimamente ligado às regiões do cérebro envolvidas com as emoções e as memórias.

Não menos importante, as poesias do escritor João Scortecci (2019) também nos ajudaram a compreender acerca das memórias olfativas e das experiências coletivas ou individuais de cada sujeito ao sentir diferentes aromas e sabores.

Nos debruçamos ainda sobre os apontamentos das autoras Palmira Ribeiro e Nadja Santos (2018) para percebermos como funciona o sentido do olfato esteticamente. Ambas concluem que este é permeado por preconceitos, fomentados em grande medida pela própria história ou pelo avanço do homem na era considerada da razão. Os cheiros assim "exalam histórias e costuram narrativas e memórias, já que, de todos os sentidos, o olfato é o que está relacionado diretamente e biologicamente à memória". (RIBEIRO; SANTOS, 2018).

Por fim e não menos importante, dialogamos com os estudos recentes acerca dos sentidos urbanos na cidade de Picos, das pesquisadoras Ana Ester Matos[3], Amanda Sousa[4] e Jessilane Pereira[5] (2021). Essa última historiadora em seu Trabalho de Conclusão de Curso buscou compreender as impressões olfativas e gustativas dos habitantes da cidade sobre

[3] A referida pesquisadora analisou em seu Trabalho de Conclusão de Curso as memórias auditivas em torno da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990 e, nesse sentido, apontou as sonoridades emitidas no cotidiano urbano, através das práticas individuais e coletivas dos picoenses.

[4] A referida pesquisadora apontou em seu Trabalho de Conclusão de Curso os espaços ocupados pelas mulheres na cidade de Picos-PI, por meio dos cinco sentidos, bem como analisou o processo de urbanização da urbe nas décadas de 1980 e 1990.

[5] A referida pesquisadora discutiu em seu Trabalho de Conclusão de Curso sobre as iguarias e aromas picoenses nas décadas de 1980 e 1990.

determinados espaços de sociabilidades, o que nos ajudará a entender e relacionar com algumas questões que serão levantadas no decorrer desta pesquisa.

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, realizamos assim estudos teóricos e bibliográficos apresentados anteriormente, que versam sobre as temáticas de história, cidades, memória e sensibilidades urbanas com a finalidade de atualizarmos os nossos conhecimentos sobre as mesmas e, de modo particular, sobre a história da urbe Picos.

Em seguida, analisamos novamente a pesquisa documental já realizada no Museu Ozildo Albano no ano de 2019-2020, especificamente na *Revista Foco*[6], datada de 1990, que contém diversas poesias, produzidas por sujeitos que abordam a cidade em si, enfatizando essencialmente os cheiros, sabores, o cotidiano, entre outros elementos pertinentes ao nosso estudo. Assim como observamos e utilizamos também a revista *Momento Informativo* (1995), um canal de comunicação que traz os principais acontecimentos da cidade e do estado do Piauí naquele período.

Fizemos ainda uma pesquisa documental nos seguintes jornais locais e estaduais: *Jornal de Picos*[7], *Macambira*[8], *Notícias Universitária*[9], *O Dia, O Estado*[10] e *Tribuna de Picos*[11]. Todos esses jornais que carregam consigo as marcas do tempo, se encontram digitalizados e salvos no computador pela pesquisadora, que entende que seus conteúdos não podem e nem devem ser compreendidos de forma linear, pois "tais processos são resultantes de uma multiplicidade de determinações, de projetos, de obrigações, de estratégias e de táticas individuais e coletivas" (REVEL, 2010, p. 444).

---

[6] Revista produzida na década de 1990, por homens e mulheres picoenses, cujos nomes não foram possíveis encontrarmos. A referida revista reúne diferentes informações da cidade, desde assuntos políticos, sociais a desfiles de modas, e encontra-se disponível fisicamente na sede do Museu Ozildo Albano, na cidade de Picos-PI.

[7] Fundado em 1982, por uma equipe composta de idealizadores que incluía professores e jornalistas, entre eles: Erivan Lima (Editor-proprietário); Durvalino Leal, José Aristides de Carvalho Neto, João Batista de Barros (repórteres e redatores); José Albano de Macêdo (professor Ozildo Albano), entre outros. O referido jornal se apresentava como um veículo de comunicação inovador, eficiente e aberto para as divulgações de notícias referentes ao cotidiano e acontecimentos de Picos e macrorregião. Atualmente produz conteúdos jornalísticos de forma online, com atualizações diárias.

[8] Jornal picoense que circulou entre as décadas de 1970 e 1980. Fundado em 22 de dezembro de 1975, através da atuação do Projeto Rondon, o jornal *Macambira* funcionava na sede do Campus Avançado de Picos da Universidade Federal do Piauí, localizado no Bairro Junco. Tinha como redatores e colaboradores, alunos do curso de jornalismo oriundos de Goiás, sendo eles: Prof. José Ubiratan de Moura, Carlos II Rodrigues, Edilena de Barros Velasco, Jurivô do S. Santos Cruz, Iolanda Gonçalves Lopes e Ilza Garcia Silva.

[9] Jornal picoense de cunho reflexivo produzido por acadêmicos de alguns cursos da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí, que circulou por um curto período na cidade de Picos, na década de 1990.

[10] Ambos os jornais que veiculavam notícias a nível estadual e que também estiveram em circulação no recorte temporal desta pesquisa, foram encontrados e acessados pela pesquisadora na sede do Arquivo Público do estado do Piauí, em Teresina.

[11] Jornal picoense fundado em 05 de agosto de 1973, de posse do proprietário João Pereira de Souza. As páginas encontradas e analisadas para a escrita deste trabalho, porém, são da década de 1990.

Ao observarmos as peculiaridades (omissões, inversões, seleções, posicionamentos e destaques) e o histórico de cada um destes jornais (quem eram seus proprietários, quando e quem produziu, a qual público é destinado, bem como os objetivos que se pretende alcançar), inferimos que de certa forma a imprensa periódica picoense dos anos 1980 e 1990 configurava-se como um "porta-voz do Estado" ou de grupos políticos que a financiava e detinha uma poderosa arma política: o discurso. (SILVA, 2014, p. 28).

Também realizamos posteriores pesquisas na Internet e encontramos nas fanpages: *Acervo e Memória Picoense*, *Foto Varão Memória*, *História de Picos* e *Picos das antigas*, imagens de lugares de memórias da referida urbe, como ruas, praças, avenidas etc. Compreendemos, no entanto, que o uso deste tipo de fonte enquanto registros históricos exige de nós a sabedoria de interrogá-las e analisá-las, uma vez que estas nos propõem múltiplas formas de leituras, como bem assinala Roland Barthes (2003).

Além disso, realizamos entrevistas com oito sujeitos que vivenciaram o cotidiano da referida urbe e que, portanto, têm diferentes experiências com os espaços urbanos. Assim, elaboramos primeiramente um roteiro de entrevistas amplo, objetivando um maior número de informações acerca da cidade em diferentes tempos históricos.

Posteriormente, adotamos um roteiro com questões mais específicas, visando responder diretamente a problemática da nossa pesquisa e dividimos as perguntas em quatro grupos, a partir dos temas abordados, objetivando respostas para as nossas indagações. Nos embasamos, nesse sentido, no pensamento da historiadora Sônia Freitas (2002), que considera que "uma entrevista sem roteiro, tende a ser subjetiva e sem dados realmente fundamentais para a pesquisa". (FREITAS, 2002, p. 91).

As perguntas foram divididas em duas categorias (direta e indutiva e indireta e dedutiva), seguindo os aportes teóricos do historiador José Carlos Meihy (2005). Na sua concepção, ao fazermos uma pergunta mais específica teremos, possivelmente, uma resposta mais fechada. Diferentemente de quando objetivamos alcançar maiores informações e contextualizamos as questões pois, consequentemente, há um maior envolvimento pessoal com a sequência dos fatos e as respostas serão mais completas.

No que concerne ao modelo de entrevistas, optamos pelo tipo *temática*, ou seja, que versassem sobre as representações sensíveis do viver urbano da cidade de Picos nas décadas de 1980 e 1990, levando em consideração sempre as memórias e percepções sensoriais dos entrevistados. Esse tipo de entrevista articula, em grande medida, os diálogos com outras fontes, pois partindo de um assunto específico, ela compromete-se em esclarecer a opinião do entrevistador sobre algum evento definido.

Foram realizadas as seguintes etapas: *pré-entrevista* (nesta etapa a pesquisadora preparou os colaboradores para a entrevista por meio de uma breve conversa); a *entrevista* em si (adotou-se nessa fase um roteiro semiestruturado como instrumento de coleta de dados e antes de começar a gravação, observou-se o ambiente e procurou adaptá-lo aos propósitos da entrevista; a *transcrição* (neste momento passamos o conteúdo oral para o texto escrito, consistindo assim em um trabalho árduo que necessitou de bastante disponibilidade de tempo e dedicação).

Nesta fase da transcrição, buscamos manter a integridade, isto é, preservar ao máximo a fala dos entrevistados, valorizar a oralidade e respeitar o ritmo da fala deles, não agredindo assim as regras básicas da língua formal. Na última etapa, ou seja, na *validação*, os entrevistados validaram o texto transcrito, autorizando-o a utilizá-lo na pesquisa.

Estabelecemos os seguintes critérios para seleção dos sujeitos da pesquisa: ter sido morador da cidade de Picos, nas décadas de 1980 e 1990 e ter entre 15 e 20 de idade nesse recorte temporal. Isto porque acreditamos que geralmente os jovens, nessa transição para a vida adulta, experimentam diferentes realidades levando em consideração, principalmente, o meio em que estão inseridos, e, por isso, têm maior probabilidade para memorizar e compreender os acontecimentos à sua volta. O aceso a esses participantes da pesquisa se deu mediante o diálogo da pesquisadora através dos meios digitais, como WhatsApp, Facebook e/ou Instagram.

Considerando o contexto pandêmico, a fim de preservar a saúde dos colaboradores e por preferências dos mesmos, realizamos algumas entrevistas através de plataforma digital (Google Meet) e outras presenciais, como preferiram os entrevistados, mas seguindo todas as recomendações do momento.

Na realização das entrevistas presenciais notamos aquilo que os autores Ricardo Santiago e Valéria Barbosa de Magalhães (2020) nos trazem quando escrevem sobre o rompimento do isolamento e nos fazem pensar nas entrevistas à distância. Na perspectiva de ambos, os corpos dizem muito no ato de uma entrevista, seja pelos gestos ou trejeitos, o próprio olhar, a maneira em que os sujeitos se portam a determinada resposta ou mesmo as suas expressões faciais.

Atentamo-nos de maneira cuidadosa a isso e pudemos compreender muito além daquilo que as longas respostas tinham a nos dizer. Percebemos que o tom da voz, por exemplo, se elevava quando nos iam falar sobre a falta de cuidado dos gestores com a cidade, bem como

sobre o saneamento básico[12] inexistente no período estudado, enfocando determinados ambientes cuja problemática era maior. Notamos também que as expressões faciais se modificavam quando iam responder determinadas perguntas, e para isso fez-se necessário ainda mais o contato olho no olho.

Ademais, antes da realização das entrevistas tivemos toda uma preparação cuidadosa quanto as maneiras de perguntar. Buscamos seguir o que Paul Thompson (2002) nos alerta, isto é, que devemos ser sempre simples e diretos, utilizando-se da linguagem comum, não fazendo deste modo perguntas complexas, que tenham duplo sentido ou que levem os entrevistados a pensarem do modo como nós pensamos e não da maneira deles.

A pesquisadora fez no ato de cada entrevista o que a autora Cléria Botelho da Costa (2014) denomina de "caçador invisível", pois foi em busca daquilo que ainda não havia sido dito e que não estava escrito, com o intuito de cada vez mais se aproximar da voz do seu entrevistado e ampliar assim o seu campo de interpretação.

Nesse sentido pudemos compreender, ao fazermos uso da metodologia da história oral, que esse tipo de fonte indica, a priori, uma espontaneidade do entrevistado e que ela acaba coincidindo com o interesse da nossa pesquisa. Entendemos também, nessa perspectiva de análise, que qualquer historiador comprometido com a história deve prezar pela verdade.

Além disso, compreendemos também que é a partir dos vestígios documentais que vamos tentando dar inteligibilidade ao passado, pois sabemos que a verdade em história é uma construção narrativa que está paralela à investigação histórica, e o que entendemos por realidade é sempre uma dimensão. (AMADO; FERREIRA, 2006).

Fizemos em todas as entrevistas o processo de preenchimento do termo de cessão dos direitos autorais e do Termo de Consentimento Livre Esclarecido-TCLE, pois isso nos garante usos tanto no presente quanto no futuro. Realizamos também o momento de pré-entrevista, para deste modo podermos fortalecer o relacionamento entre entrevistado e entrevistadora, buscando manter sempre a cordialidade, o respeito e o profissionalismo.

Em relação aos benefícios/relevância desta pesquisa, acreditamos que ela será interessante a sociedade porque fará com que os sujeitos realizem um outro olhar narrativo acerca da história das cidades, em especial da cidade de Picos, e assim compreenda, sob uma perspectiva ainda pouco estudada, a urbe que habitam e/ou (des) conhecem.

O trabalho foi assim estruturado em três capítulos que têm os respectivos títulos:

[12]A utilização deste conceito no decorrer da pesquisa está baseada na Lei Federal 11.445/2007, que o define como o conjunto de serviços, infraestruturas e instalações operacionais de abastecimento de água potável, esgotamento sanitário, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos e drenagem e manejo das águas pluviais.

Memórias da cidade de Picos-PI nas décadas de 1980 e 1990. No primeiro capítulo fizemos uma apresentação geral da cidade do passado de forma mais ampla, historicizando-a e discutindo algumas questões, como a sua "evolução" desordenada, o cenário político e social das décadas de 1980 e 1990 e como a população, desassistida em muitos aspectos, se encontrava naquele período de espera pelo progresso que se delineava em torno da cidade. Buscamos situar os leitores sobre os aspectos supracitados nesta abordagem inicial do trabalho, porque consideramos relevantes para o entendimento do nosso recorte espacial e pelo fato de esses ajudarem a compreender os demais assuntos discutidos nos capítulos subsequentes.

Haja vista a nossa pretensão, nos embasamos teoricamente em autores que discutem as categorias de cidades e memória. Como fontes históricas utilizamos os jornais já mencionados e as entrevistas orais. Desta maneira, buscamos construir uma narrativa que permitia ao leitor perceber que a cidade é esse espaço subjetivo que constrói e se reconstrói por meio das vivências de suas gentes.

No segundo capítulo intitulado **"Representações olfativas do viver urbano na cidade de Picos (1980 e 1990)"** discutimos sobre o espaço da feira livre da cidade, sua organização, cheiros e condições de higiene, assim como a presença dos animais no espaço urbano e suas "funções" (transportadores, "limpadores" e ameaçadores). Além disso, abordamos a questão do lixo, sujeira e mau cheiro que constituíam problemas além de estéticos, também de saúde pública. Por fim, refletimos sobre as denominações da cidade relacionadas a essa problemática do serviço de saneamento básico ineficaz. As discussões presentes neste capítulo se amparam em matérias dos jornais supracitados na introdução deste trabalho, fontes imagéticas, Código Municipal de Posturas e entrevistas orais com sujeitos picoenses que vivenciaram a realidade da cidade no recorte temporal desta pesquisa.

No terceiro capítulo intitulado **"Cartografia olfativa dos espaços urbanos picoenses"** buscamos construir uma cartografia de diferentes espaços da cidade e assim discutir sobre os cheiros que poderiam ser respirados nestes múltiplos ambientes. Neste sentido, enfatizamos a Indústria Coelho e o pó que expelia de suas chaminés, poluindo assim suas adjacências e provocando problemas respiratórios nos moradores dos bairros próximos a ela, o Açougue Municipal e o Matadouro Público e suas condições de higiene, bem como a praça Félix Pacheco que aparece como o lugar que, em meio ao caos que se encontrava a cidade em termos de cuidados e saneamento, ainda podia se respirar outros ares. Neste capítulo também fizemos uso de fontes hemerográficas e confrontamos as informações com as entrevistas orais.

2 MEMÓRIAS DA CIDADE DE PICOS-PI NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Definimos a memória como a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. Enquanto aprendizes de historiadores carregamos conosco o dever de preservá-la e de articulá-la historicamente ao passado. Esse, como sabemos, não é fixo, pois pode ser objeto de várias ressignificações. E a história se apresenta como essa ciência da interpretação que está submetida sempre a condicionantes que nos permitem olhar para o passado por um prisma.

Uma vez que a pretensão desta pesquisa é compreender o espaço urbano da cidade de Picos-PI a partir da memória olfativa de sua gente, consideramos ser relevante apresentar determinados aspectos. Assim, discorreremos inicialmente sobre o processo de formação e elevação à categoria de cidade e, em seguida, acerca do ideal de modernização que se pretendia construir para a referida urbe, ao qual se iniciou antes do nosso recorte temporal, mas que se estendeu por este (1980 e 1990), bem como a respeito do cenário político e social local e a memória coletiva em torno das primeiras doenças confirmadas, a qual se tem conhecimento, que acometeram diversos picoenses em decorrência da ineficácia do serviço de saneamento básico da cidade.

Estruturamos o capítulo desta maneira, porque as discussões estarão ligadas ao que pretendemos discutir no capítulo subsequente acerca das representações olfativas do viver urbano na cidade supracitada.

Por estarmos lidando com as memórias de sujeitos que viveram na Picos de 1980 e 1990 e que, portanto, partilham de diferentes experiências com o espaço urbano, a nossa análise será amparada no conceito de *memória coletiva* utilizado pelo autor Maurice Halbwachs (2006). Esse sociólogo a entende como sendo uma atividade natural, espontânea e seletiva, ou seja, que guarda apenas o que é útil, sendo assim controlada.

Os apontamentos do historiador francês Pierre Nora (1993) também nos ajudarão a pensar a memória que, para ele, deriva da experiência vivida e está ligada ao coletivo, podendo ser assim frágil, pois as lembranças são vagas e fortuitas, logo vulneráveis a usos e manipulações.

Entendemos, deste modo, que a memória não se trata de algo estático e que quando trabalhamos com a mesma a partir da oralidade de determinados sujeitos, devemos estar conscientes de que estamos lidando com efeitos de narrativa, portanto, devemos respeitar os silêncios e não falar pelo outro. Philppe Joutard (2007), nos traz nesse sentido que, apesar de

história e memória serem duas vias de acesso ao passado, a memória constitui apenas como um objeto da história, logo, passível de questionamentos e problematizações, podendo também ser cruzada com outros tipos de fontes.

No caso desta pesquisa, a qual analisamos e problematizamos, por exemplo, os jornais locais e alguns estaduais que circularam durante as décadas de 1980 e 1990, entendemos que estes podem ser pensados como "guardador de uma memória que não tem a pretensão de restituir as lembranças, nem de se colocar como verdade, mas, de ser o elemento capaz, pelas mãos do pesquisador, de reiventariar um passado representado no impresso". (SANTOS, 2019, p.1).

Consideramos ainda que (re) visitar o passado de uma cidade é permitir que as memórias de seus habitantes entrem em cena. Uma memória que não se dá de maneira individual, pois como afirma Maurice Halbwachs (1990), nossas lembranças permanecem coletivas mesmo que se trate de acontecimentos que apenas nós mesmos tenhamos vivido, pois na realidade nunca estamos sós.

É assim enveredando por esse caminho da memória coletiva dos citadinos, expressa por meio de suas oralidades, das fontes hemerográficas, poesias e escritos em revistas que trazem aspectos da cidade, que buscaremos apresentar um pouco da urbe Picos, não somente no recorte temporal proposto, mas fazendo recuos e avanços a outros períodos quando necessário.

2.1 A urbe de outrora

Ao centro-sul piauiense, entre grandes montes picosos, localiza-se a cidade de Picos-PI. Essa urbe que atualmente se apresenta como fragmentada e articulada e que, portanto, atende a muitos anseios de sua microrregião conta, segundo os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2021, com uma população estimada em aproximadamente 78.627 habitantes distribuídos em uma área de 577.30 km². Destes habitantes, 79, 42% residem na área urbana e 20,58% na zona rural.

Nas décadas estudadas esse número era bem inferior, como podemos acompanhar na tabela abaixo que apresenta a área demográfica da cidade, a população total e por sexo, os habitantes da zona urbana e rural, a densidade demográfica, a taxa urbana e a População Economicamente Ativa (PEA).

Tabela 1- População de Picos nas décadas de 1980 e 1990

Picos-PI	1980	1990
Área geográfica	**2. 048 km²**	**1.857, 7 km²**
População total	**71.065 (100%)**	**78.409 (100%)**
Homens	**34.476 (48,5%)**	**37.625 (48,0%)**
Mulheres	**36.589 (51,5%)**	**40.784 (52,0%)**
População urbana	**33.098 (46,6%)**	**45.571 (58,1%)**
População rural	**37.967 (53,4%)**	**32.838 (41,9%)**
Densidade demográfica	**34,70**	**42,18**
Taxa urbana	**46,57**	**58,12**
PEA	**24.32 (34,2%)**	**27.890 (35,6%)**

Fonte: Da autora, 2023.

Notamos na tabela 1, ao comparar as duas décadas, que houve uma redução na área geográfica, o que se explica pelo fato de alguns municípios terem se desmembrado e tornado cidades independentes. Observamos também que em ambas as décadas o número de mulheres é superior ao número de homens, o que se mantém de certa forma até hoje, segundo os dados do IBGE.

Outro aspecto que podemos perceber ainda é a crescente taxa urbana, que indica a migração das populações rurais para a cidade de Picos, e o número expressivo de nascimentos, se comparados ao número de casamentos e óbitos, revelados através dos registros civis municipais.

Essas transformações na estrutura populacional acompanham, segundo Maria José Rodrigues de Sousa (2017), as mudanças na economia do município, pois uma vez que se trata de uma cidade cuja localização é privilegiada por cruzar estradas e interligar diferentes regiões, esta acaba se singularizando no interior nordestino e passa a ser vista como um verdadeiro centro de convergência estadual.

Tabela 2- Registro Civil-Município de Picos, 1980 e 1990.

Registro civil	1980	1985	1990	1996
Nascimentos	4.495	1.959	2.462	3.181
Casamentos	585	539	624	590
Óbitos	286	269	272	341

Fonte: Da autora, 2023.

Picos-PI, por ser assim um local de passagem, mas também de parada obrigatória para quem transita para outras cidades e estados, é considerada hoje o principal entroncamento rodoviário do Nordeste, o que lhe permite se destacar nacionalmente em termos comerciais, alcançando o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado, ficando atrás apenas da capital Teresina e das cidades de Parnaíba e Uruçuí, respectivamente.

A referida urbe conta ainda com uma microrregião subdividida em 20 municípios, limitando-se a Sul com o município de Itainópolis; a Norte com os municípios de Sussuapara, Santana e Santo Antônio de Lisboa; a Leste com Geminiano e a Oeste com as cidades de Paquetá e Dom Expedito Lopes.

Sobre a sua origem especificamente, as fontes apontam que a 13 de dezembro de 1890, Picos foi elevada à categoria de cidade através da resolução de número 33, baixada pelo governador do estado, chefiado na época por João da Cruz e Santos, o Barão de Uruçuí. Sabe-se que sua origem está associada, especialmente, à criação de gado vacum e cavalar. Porém, há algumas vertentes sobre o povoamento desta urbe.

A primeira hipótese afirma que a cidade formou- se em torno do rio Guaribas, especificamente na sua margem direita, onde os habitantes das fazendas Sussuapara e Samambaia planejaram fundar um povoado, uma vez que este estaria rodeado por picos montanhosos e, por isso a denominação da cidade. A segunda é a de que ela teve origem a partir de Bocaina, na época ligada a Oeiras, a primeira capital do Piauí[13].

A hipótese mais aceita e difundida entre os picoenses, portanto, é a de que os primeiros indícios dessa região datam do século XVIII, momento em que o português vindo da Bahia,

[13] Esta versão está associada ao fato de o português Antônio Borges Leal Marinho ter chegado por volta de 1740 trazendo escravos, gado e ocupando porções de terras onde atualmente constitui o município de Bocaina, local onde se casou com Maria da Conceição Pereira de Sousa Brito e constituiu família.

Félix Borges Leal, instalou a sua primeira fazenda de gado (Fazenda Curralinho) às margens do rio Guaribas[14], na época considerada uma área fértil para o desenvolvimento de atividades agrícolas, da pecuária e, posteriormente, do comércio.

Ao passo em que a referida família se instalava na cidade e aumentavam seus descendentes, foi construída a primeira capela de São José de Botas em alusão a devoção dos vaqueiros da região. De início comportava os fiéis, contudo com o passar do tempo conforme ia crescendo a população, fez-se necessária a reforma da capelinha, que depois de concluída passou a se chamar capela do Sagrado Coração de Jesus.

Porém, a história religiosa de Picos não se resume a isso. A tradição oral conta que, posterior à reforma mencionada, o coronel Victor de Barros Silva encomendou uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios, cumprindo assim uma promessa feita por um de seus vaqueiros chamado João das Dores, que em prece clamava que seu filho e o do patrão voltassem salvos da Balaiada, para o qual haviam ido sob o comando do capitão José Francisco Fontes.

Ainda de acordo com a historiografia local, a imagem encomendada em Salvador, que custou cerca quarenta mil réis, chegou a Picos em 31 de dezembro de 1847, trazida pelas mãos de um escravo que recebeu como pagamento a sua alforria. E, no dia primeiro de janeiro de 1848 a referida imagem foi benta pelo primeiro sacerdote de Picos, o cearense Francisco de Paula Moura, mas a freguesia de Nossa Senhora dos Remédios só foi canonicamente reconhecida pelo bispo do Maranhão na época, Dom Manoel Joaquim da Silveira, em 1854. (OZILDO..., 1987).

Percebe-se nesse sentido que Picos, em seus primórdios, assumiu a dimensão de *lugar* a qual defende a geógrafa Ana Fani Carlos (2007), pois através da tríade habitante-identidade-lugar e da necessidade de utilizar o próprio corpo, o homem se apropria do espaço através dos modos de uso que faz do mesmo.

Essa apropriação do espaço em Picos, como podemos notar, se deu em torno do rio Guaribas. O geógrafo Renato Duarte (1995) em seu livro *Picos: os verdes anos cinquenta*, explica que o referido rio mesmo no período de seca, fazia com que a cidade ficasse cercada de verde, pois possuía dois centuriões de umidade que a envolvia quase em sua totalidade, o que favorecia tanto a vivência quanto a economia. Sendo assim, "a parte do rio Guaribas que tinha essa influência mais direta para a cidade era aquela que se estendia da localidade chamada Catavento, a nordeste, e ia até a Passagem das Pedras, a sudeste". (DUARTE, 1995, p. 20).

[14] O rio Guaribas tem sua origem na fazenda Canavieira, localizada entre as cidades de Picos e Valença. Seus principais afluentes são o rio Itaim e Riachão, mas recebe também água de outros riachos. Abaixo da cidade de Oeiras, o referido rio junta-se ao Canindé.

No que tange a contribuição econômica para a cidade, existia uma divisão do leito do rio, ou seja, determinados trechos eram de propriedades particulares e por isso as *vazantes* eram realizadas durante o período do verão e cultivava-se verduras, especialmente o alho considerado o produto de maior exportação do município, como podemos acompanhar na imagem a seguir (figura 1). Já em outros trechos, havia as *passagens* que correspondiam ao uso público e, portanto, era de onde boa parte da população humilde tiravam o seu sustento.

Figura 1- Plantação de alho às margens do rio Guaribas, 1990.



Fonte: Acervo pessoal de José Rodney Leal Brito.

Além da agricultura, outra atividade econômica que dependia das águas desse rio era a lavagem de roupas. Essa, segundo Renato Duarte (1995) era poluidora, assim como as demais atividades dependentes do rio.

> Havia outras utilizações do rio nas passagens, que eram poluentes por natureza, mas que tinham os seus efeitos nocivos bastante reduzidos, porque eram realizadas ao fim do dia: a lavagem dos poucos veículos então existentes na cidade e os banhos que eram dados nos animais. Ocasionalmente a água e a areia do rio eram usadas para uma tarefa bem específica: arear as panelas das cozinhas picoenses. Não havendo, então, água encanada nas casas, a combinação de água corrente em abundância com a branca areia das margens do Guaribas mostrava-se providencial. (DUARTE, 1995, p. 20).

Ao trazer essa informação o autor nos permite compreender alguns aspectos da cidade. Primeiro que se tratava de uma urbe provinciana, que surgiu "no final de um longo período de estagnação da economia brasileira e no início de um novo ciclo econômico que começava a se materializar na região Sudeste, particularmente em São Paulo" (DUARTE, 1995, p. 33). Segundo, que a questão de o encanamento de água na cidade relatado pelos moradores não ser comum, por exemplo, na década de 1980, já era uma problemática bem antiga, como podemos acompanhar na citação acima que se reporta aos anos 1950. As pessoas apropriavam-se do único rio perene da cidade para sobreviverem, quer fosse para ingerir, lavar roupas ou higienizar seus meios de transportes (veículos e/ou animais).

Outra questão apontada por Renato Duarte (1995) é a nocividade. Ele afirma ter seus efeitos poucos sentidos pelo fato de tais atividades serem realizadas somente ao final do dia, mas acreditamos que isso não impedia as pessoas, no dia seguinte, consumirem aquela água e assim se prejudicarem. Isso pode ser confirmado no grande surto de esquistossomose que assolou a cidade por um longo período. Uma vez que Picos não possuía um saneamento básico desde os seus primórdios, fez com que os esgotos, até mesmo o hospitalar[15], escorressem para o rio e assim misturassem-se às águas destinadas para o consumo.

Tal prática tornou-se recorrente e se perpetuou por muito tempo, por exemplo, nos anos de 1980. O senhor Vilebaldo Nogueira[16] (2021) em entrevista para este trabalho nos relatou que:

> Aqui na nossa região por muito tempo a esquistossomose, a chamada barriga d'água, acontecia com frequência, isso devido ao esgoto que era diretamente jogado no rio. Não só os esgotos dos hospitais, mas algumas residências às margens do rio passaram a jogar esses dejetos diretamente no leito do rio. E isso causou sim essa doença, aqui uma epidemia mesmo na cidade de Picos que foi essa doença da barriga d`água. (Vilebaldo Nogueira, 2021).

Embora o entrevistado acima mencione a década de 1980 como um período de elevados índices de casos de barriga d´água em Picos-PI, esta foi uma doença que desde a década anterior já se comentava nos jornais locais. Em dezembro de 1970, por exemplo, o jornal *Macambira* trouxe em uma de suas edições que a Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) havia promovido uma campanha de combate à referida doença, pois teriam

[15] De acordo com a entrevista concedida pelo colaborador Vilebaldo Nogueira, este nos informou que quando o Hospital Regional Justino Luz foi instalado na cidade, na segunda metade da década de 1970, o esgoto do mesmo foi jogado diretamente para o rio Guaribas.

[16] Vilebaldo Nogueira Rocha, nasceu na cidade de Picos-PI em 26 de dezembro de 1964. O mesmo é poeta, professor e ator. Atualmente ocupa a cadeira 10 da Academia de Letras da Região de Picos (ALERP).

encontrado o principal transmissor, ou seja, caramujos, na parte do rio que compreendia a ponte até o bairro Trizidela, tendo como principais acometidos as crianças.

O órgão supracitado buscou, em um primeiro momento reverter a situação através da aplicação de uma droga denominada *Balucid*. Contudo, por ser um produto considerado tóxico, este foi suspenso não chegando assim a ser aplicado como planejado.

> Era plano da SUCAM, lançar nas águas do rio infestado, a mais nova droga para combate ao caramujo, transmissor da doença, Balucid. Entretanto, o prefeito municipal, antes de autorizar o lançamento desse medicamento, entendeu-se com o diretor do Departamento de Endemias Rurais de Teresina, procurando conhecer a extensão dos efeitos tóxicos do Balucid, principalmente porque toda a população ribeirinha abaixo da cidade se abastece daquele rio. Em razão disso, a sede da SUCAM, em Brasília, suspendeu até segunda ordem a aplicação do medicamento. (A LUTA..., 1977, p. 9).

Dois anos após essa tentativa de combater a esquistossomose na cidade de Picos, o problema continuava a assolar a população e mais uma vez a SUCAM buscava aplicar medidas que controlassem o foco da doença na região, especificamente nas proximidades do rio Guaribas, local que segundo o jornal *Macambira*, era depositado dejetos in natura pela população ribeirinha.

> Já foram feitos uns 20.000 exames, revelando-se 844 casos positivos. Por isso, a diretoria regional da SUCAM-PI mandou para o Distrito, uma equipe composta de oito laboratoristas para fazer novo inquérito coproscópico de aproximadamente 20.000 pessoas (população sob risco) e tratar com MANSIL todos os casos positivos. (ESQUISTOSSOMOSE, 1980, p. 12).

Além da esquistossomose, outras doenças associadas à falta de saneamento básico também acometiam os citadinos, como a cólera, a febre tifoide e verminoses como a tênia, por exemplo, que vinha sendo uma alerta à população, pois os porcos que são os principais responsáveis por transmitir essa doença, transitavam livremente pela cidade junto aos humanos.

Neste sentido, os médicos integrantes do projeto Rondon[17] identificados como Maria da Glória Marreto e José de Oliveira e Silva que atuaram na cidade na década de 1980, escreveram para o jornal *Macambira* que vieram para a cidade na época com o objetivo de aplicarem medidas preventivas diretamente a população. No entanto costumavam, ao

[17] O Projeto Rondon é um programa desenvolvido pelo Ministério da Defesa, em parceria com outros ministérios e com governos estaduais, municipais e instituições de ensino superior (IES), públicas e privadas. Ele contribui para a formação do jovem universitário como cidadão e para o desenvolvimento sustentável de comunidades pouco assistidas. Informações disponíveis em: https://projetorondon.defesa.gov.br. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

atenderem no Hospital Regional Justino Luz (HRJL), prescreverem bastante vermífugos, de preferência o mebendazol e, por esta razão ressaltavam que:

> Os bons compositores Sá e Guarabira já previam que o "Sertão vai virar mar". Sempre imaginamos que isso não passava de uma música, até que um dia chegamos a esta cidade. Que surpresa! As ruas estão alagadas, os esgotos estão sendo jorrados para todos verem e sentirem o odor que exala. Até que é uma boa, pelo menos dessa maneira, e somente assim, o pobre tem fartura de água. Para os porcos e bois não morrerem e, assim poder dar lucros aos seus donos. Aliás, é um paradoxo, faltar água nas casas e sobram nas ruas, ou seja, é o retrato fiel de um povo onde as contradições fazem parte integrante e inseparável de nossas vidas. Os galetos de cor negra sobrevoam tranquilamente as casas e nas cumeeiras fazem a pousada "achando graça" da situação que lhe é conveniente. Os vermes são distribuídos gratuitamente nos esgotos, que circulam nas ruas como se fosse o carrão do ano. A única diferença é que aqueles não pagam impostos.
> Uma coisa queremos elucidar: vamos todos dar as mãos, porque unidos somos fortes e construiremos em Picos um mar dentro das casas e deixemos o sertão para as ruas. (O SERTÃO..., 1982, p.2).

Destacamos que estes estudantes do projeto RONDON eram enviados para determinadas regiões do país, como foi o caso de Picos-PI, tanto para identificar os problemas estruturais do tipo destacado, quanto para pôr em prática os conhecimentos adquiridos nas universidades, e por esta razão levavam consigo diversos medicamentos, entre eles antibióticos, vacinas antivariólicas, antianêmicas, antimaláricas, anfifílicas, soros antiofídicos e vermífugos.

O historiador José Elierson de Sousa Moura (2017) destaca que para a implantação do Campus Avançado de Picos, sede do projeto RONDON, foi necessário estudos, visitas e diversas reuniões entre as equipes responsáveis pela inserção do mesmo em território piauiense. Além disso, sabe-se que foram firmados acordos entre o governador da época, Alberto Tavares Silva, esse que se comprometeu em reformar o prédio doado pelo estado, bem como entre o prefeito municipal da época, Antônio de Barros Araújo, que "com o projeto de Lei de nº 30 de 31 de dezembro de 1972, abriu um crédito especial de Cr$ 4.500 cruzeiros, para arcar com a compra de material de consumo que seria utilizado no funcionamento do Campus Avançado". (MOURA, 2014, p. 2017).

Uma vez inaugurado o Campus Avançado, que contou com a presença do Ministro do Interior, Costa Cavalcanti, do governador mencionado acima, do prefeito da capital Teresina, Joel da Silva Ribeiro, do prefeito de Picos e outras autoridades, iniciou-se a atuação dos rondonistas na zona urbana e rural do município, bem como nas cidades circunvizinhas. O tempo de permanência destes na região tinha como objetivo principal a realização de práticas

assistencialistas aos mais vulneráveis, o que fazia com que muitas pessoas vissem e fossem atendidas, pela primeira vez, por um médico e/ou um dentista.

Conforme acompanhamos na notícia anteriormente citada, os médicos rondonistas que atuavam no espaço urbano picoense descrevem a realidade caótica da cidade do ponto de vista da falta de cuidado com a população. E nesse sentido começamos a perceber as discrepâncias entre as leis que deveriam reger a cidade com a real face que ela apresentava. Em tese, a Lei Municipal de nº 1465, afirmava ser de responsabilidade da prefeitura a higienização das vias públicas, mas observava-se na prática, além do odor provocado pela sujeira, também a geração de doenças e até mesmo acidentes no simples ato de trafegar pelas ruas, em virtude dos esgotos escancarados[18].

Percebemos ainda que os rondonistas pertencentes ao curso de medicina da Universidade Federal de Goiás (UFG), uma vez que vinham prestar assistencialismo aos mais pobres, buscavam desempenhar um papel que deveria ser exercido, primeiramente, pelos governantes locais, isto é, garantir a saúde pública de qualidade a estes que constantemente sofriam com o descaso, e que também faziam parte da história desta urbe.

Com a fala de ambos os médicos integrantes do projeto RONDON já mencionada, notamos ainda que neste mesmo espaço onde ora corria escancaradamente impurezas, também os animais se apropriavam para saciarem sua sede, enquanto no espaço interno das residências faltava água potável para satisfazer as necessidades de seus donos. Os urubus, denominados pelos médicos de *galetos de cor negra*, compunham aquele cenário e faziam das ruas os seus habitats, bem como os vermes que "desfilavam" diariamente e naturalmente por toda a urbe, prejudicando a sua gente.

Sobre o fato de os urubus sobrevoarem pelas residências, era comum que notícias envolvendo esses *galetos de cor negra* fossem veiculados nos periódicos em circulação. Na década de 1990, por exemplo, o *jornal de Picos* noticiou que:

> Nossa cidade de Picos é um verdadeiro campo de concentração de aves negras, de muitos tipos de aves negras. Algumas têm como instinto despoluir a terra, extinguindo qualquer forma de poluente perecível, causador de odores. Esse tipo de ave temos menos e até agradeço, pelo seu sujo, mas precioso serviço. (ANIMAIS…, 1999, p. 12).

[18] Em entrevista para um artigo produzido pela pesquisadora Nayara Gonçalves de Sousa, fomos acordados de que Picos inteira era esgoto na década de 1980, embora fosse um período que a cidade estivesse se expandindo. Notamos, contudo, que essa é uma problemática ainda atual, pois mesmo na contemporaneidade os feirantes, por exemplo, são obrigados vez ou outra a conviverem com as situações indesejáveis dos esgotos próximos a suas bancas de frutas, verduras e confecções.

Observamos que o sujeito que escreveu essa matéria descreve o "serviço" feito pelas aves que caberia a prefeitura municipal, já que em tese a mesma afirmava estar cuidando da cidade e ser de sua responsabilidade a higienização das vias públicas. Notamos que embora o período apresentado em ambas as matérias seja diferente e as gestões fossem outras, se repetia a cena e a cidade deixava muito a desejar.

O entrevistado Douglas Nunes[19] (2021) comprova este fato ressaltado, ao afirmar que:

> Se havia descaso do poder público com referência à saúde pública, havia os urubus para limpar a cidade. Ele fazia e ainda faz esse trabalho de limpeza que está destinado aos homens. Homens que se comprometeram a trabalharem pela comunidade. (Douglas Nunes, 2021).

Mas, se de um lado havia os urubus que exerciam o "serviço" de limpeza das vias públicas que caberia aos homens, do outro haviam animais, como cachorros, bois e porcos que faziam uso das ruas da cidade para sujarem através dos estercos eliminados, como podemos perceber na matéria abaixo.

> No caso de Picos é bastante visível o movimento de animais nas vias públicas, como ruas, avenidas e praças. Além de atrapalharem o tráfego normal de veículos e pedestres, os animais emporcalham a cidade através de estercos jogados em plena rua. Tal situação não está sendo solucionada pela Prefeitura Municipal de Picos, através da Secretaria de Serviços Urbanos, no sentido de notificarem os donos a não deixarem seus animais soltos e, caso este não tome providências, caberia à Secretaria apreender os animais no curral municipal, que em sua maioria são jumentos, vacas, cachorros e porcos. (ANIMAIS..., 1999, p. 25).

Imaginamos com isso que cada animal e suas fezes tinha o cheiro próprio, resultado da alimentação deles. Sobre esses cheiros de origem animal que permeiam determinados ambientes, as autoras Palmira Ribeiro e Nadja Santos (2018) destacam que estes eram aromas condenados durante o século XVIII, pois aguçavam, por ressonância, a condição de bicho, isto é, o cheiro era uma questão também de civilidade e não necessariamente de saúde. Sendo assim:

> Sentir cheiro de fezes e vísceras não cabia mais entre os modos do homem moderno, sendo necessário padronizar os odores, catalogar quais representariam limpeza, frescor ou beleza, tornando os odores animais e viscerais um universo fora da conduta esperada de um cidadão civilizado e

[19] Douglas Moura Nunes nasceu em Picos-PI, em 05 de junho de 1951, mas mudou-se para São Paulo quando criança, retornando a sua cidade natal em 1974, após perseguições das forças do regime militar. Durante o final da década de 1970 o mesmo trabalhou como locutor na Rádio Difusora de Picos, em 2002 fundou o seu próprio jornal e nos últimos anos escreve livros e dirige roteiros de filmes.

> com o seu lado farejador completamente mudo e domesticado (RIBEIRO; SANTOS, 2018, p. 4).

Compreendemos, nesta perspectiva, que os odores não sendo facilmente contidos, acabam transgredindo fronteiras e provocando horrores, pois é através do sentido do olfato que se pressente a desintegração de si mesmo com o outro e funda-se uma nova relação entre o homem e o meio a qual está inserido. (CORBIN, 1987)

Percebemos também a partir do que foi elencado, que o rio Guaribas apesar de ser este espaço que atendia aos anseios de muita gente e servir ainda como lazer, pois propiciava principalmente encontros íntimos à noite entre os casais mais liberais da época[20], era considerado o depósito de todos os entulhos produzidos nos diferentes espaços e estabelecimentos da cidade, o que acarretava também mau cheiro e contaminação.

Além disso, segundo o *Jornal Macambira*, na época de estiagem o rio Guaribas transformava-se num rio praticamente morto e dada a sua pequena vazão, ele tornava-se mais vulnerável às agressões decorrentes das atividades urbanas. O rio supracitado aparecia como a única alternativa para o destino de resíduos de fábricas, hospitais e da rede parcial do sistema de esgotos, e como consequência a população sofria as ameaças da esquistossomose.

Sobre essa falta de cuidado adequado com o referido rio, o poeta de pseudônimo Pebinha[21] escreveu a *Revista Foco*, já no ano de 1990, quando a cidade completava cem anos de emancipação política, os seguintes versos:

"Picos, cem anos na história
O seu bonito Rio Guaribas
Banha toda a cidade
Água clara e gostosa
De grande utilidade
Hoje morre à míngua
Por falta de humanidade
O Guaribas produz alho,
Feijão, arroz, banana,
Batata, cebola, milho
E doce cana caiana
Favorece a pobreza
Todos os dias da semana"
(PEBINHA, 1990, p.30).

[20] Renato Duarte (1995) traz ainda que, sobretudo, a quietude e o bucolismo do local favoreciam esses encontros íntimos.
[21] O poeta popular Antônio de Moura Ibiapina, conhecido como Pebinha, era o irmão mais novo do escritor picoense Fontes Ibiapina e costumava discorrer sobre datas, pessoas de época e fatos esquecidos pela sociedade.

Observamos que Pebinha se trata de um sujeito que não apenas observou o rio Guaribas ou que tenha talvez se desfrutado dele outrora, mas mostrava-se naquele momento insatisfeito com a deplorável realidade em que esse se encontrava. Sob esse primeiro aspecto apresentado, observamos que se trata de uma memória de algo vivido e, portanto, testemunhado.

A figura da testemunha, neste sentido, é interessante de ser pensada. O autor Márcio Seligman Silva (2008) pontua que ela aparece como necessidade absoluta. O tempo passado é assim tempo presente. A memória neste caso também é interessante de ser respaldada porque essa sempre foi pensada como esse misto de verbalidade e imagens, e nunca de forma isolada.

Com um discurso marcado por sua intencionalidade, o poeta de pseudônimo Pebinha não se reporta ao passado apenas por lembrar, numa espécie de culto ao passado, ele retoma ao que aquele rio representou um dia para os picoenses, para alertá-los sobre os descuidos humanos que esse vinha sofrendo diariamente, resultando-o em um verdadeiro retrocesso para a própria cidade.

Ademais, o autor Pebinha destaca outros tipos de alimentos, além do alho, que eram produzidos às margens desse rio e que assim movimentavam a economia local, sendo eles: feijão, arroz, banana, batata, cebola, milho e o doce de cana. De acordo com a historiadora Mara Carvalho (2015), muitos desses produtos comercializados na região de Picos eram produzidos por italianos e imigrantes portugueses que chegaram à região por volta de 1870, "quando Picos ainda era uma vila, com características rurais e com possibilidades econômicas de crescimento na zona urbana, se destacaram na introdução de novas técnicas agrícolas como o cultivo de hortaliças irrigadas, através do rio Guaribas". (CARVALHO, 2015, p. 30).

Sob a perspectiva de análise da referida historiadora, a vinda desses imigrantes no século XIX, foi de suma importância para o desenvolvimento do comércio, sobretudo o informal, pois tendo em vista o pequeno número de habitantes no Piauí e as raras e densas áreas de povoamento territoriais, tornava-se bastante difícil a solidificação do comércio.

Em Picos, a fixação desses imigrantes italianos e portugueses se deu em ruas que constituem o centro, ou seja, na avenida Getúlio Vargas e na rua Coronel Luís Santos, que mais tarde passaram a ser "a área comercial de maior importância na cidade". (CARVALHO, 2015, p. 31). Por estar localizada em uma das áreas de maior potencial agropecuário do Piauí e ser um dos principais entroncamentos do Nordeste, Picos demonstrou, assim como assinala Duarte (1995), uma nítida vocação comercial.

Desse modo, podemos considerar que a chegada dos sujeitos italianos e portugueses foi crucial para que a cidade se expandisse, uma vez que esses acabaram introduzindo novas técnicas agrícolas que favoreciam o cultivo de outros alimentos, para além do que já se plantava

e colhia na região. E que contribuíram, é claro, com a cultura da cidade através dos costumes e práticas trazidas de fora e aqui incorporadas pelos picoenses.

Além disso, este comércio que teve início ainda no século XIX, movimentou e movimenta até a atualidade não somente a urbe Picos, mas também as cidades circunvizinhas, pois recebe e exporta diariamente produtos de diversas regiões do Nordeste. Sobre esse entreposto comercial, Renato Duarte (1995) ressalta que:

> Picos era, naquela época, um importante entreposto de comercialização das matérias-primas chamadas de "gêneros de exportação" – produzidas nas áreas circunvizinhas. A organização da produção, a geração e a apropriação do excedente econômico reproduziam os mesmos mecanismos identificados em outras partes do interior nordestino. (DUARTE, 1995, p. 44).

Tendo em vista que existia na cidade, durante o século XX, uma indústria têxtil que processava as matérias-primas locais, os fazendeiros vendiam seus produtos para ela. No entanto, as matérias-primas eram enviadas para diferentes regiões do Nordeste, as quais se destacam Fortaleza e o Crato. E outras exportadas, como era o caso do algodão, enviado para Floriano e assim transformado em óleo bruto, e depois encaminhado para Fortaleza, seguindo como destino a região Sudeste ou o exterior.

2.2 Picos-PI e sua "evolução" desordenada

Em meados da década de 1970, a cidade de Picos-PI passou a se tornar atrativa aos olhos de determinados órgãos que prometiam impulsionar a economia local e contribuírem para o seu progresso. Em 1971, a referida urbe recebeu a implantação do 3º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC), transferido do estado do Rio Grande do Norte, como fruto do Programa de Integração Nacional (PIN), criado no governo do presidente Emílio Garrastazu Médici, que tinha como principal objetivo integrar as regiões Norte e Nordeste ao longo do país.

De acordo com o historiador José Elierson Moura (2014), o fato de Picos ser considerada o *marco zero* da rodovia Transamazônica, isto é, da BR-316, fez com que figurasse nos debates nacionais a ideia de se construir o 3º BEC, pois este empreenderia a construção da referida rodovia nos estados do Piauí e Maranhão.

Esse órgão, construído em uma área mais afastada do centro da cidade, no bairro denominado Paraibinha, nos leva a entender que a cidade, antes da década de 1980, já começava a se expandir territorialmente. Fazemos tal afirmativa pelo fato de que, após a instalação do 3º BEC em uma zona distante do centro da cidade, construiu-se próximo a ele o bairro Jardim

Natal. Esse era, segundo o empresário Amâncio Pereira Batista, dono do referido loteamento, o "bairro mais chique da cidade", cujos habitantes dele deveriam passar por uma seleção rigorosa. (JARDIM..., 1976, p.9).

Consideramos que essa atitude de selecionar moradores mais favorecidos economicamente para ocuparem espaços específicos estava associada ao ideal de modernização que atravessava a cidade, desde meados da década de 1970, e que incluía determinadas instâncias de poder, a começar pela Igreja Católica.

Sobre este aspecto é interessante observarmos as vertentes apresentadas pela historiografia local. Primeiramente, sabe-se que a igreja comprou um terreno com dinheiro adquirido com conhecidos do pároco na época residentes na Alemanha, com ajuda da prefeitura municipal e da própria igreja em uma área afastada do centro, hoje denominada de bairro Paroquial. Segundo o que afirma a referida instituição religiosa, tal atitude beneficiaria os "pobres urbanos" residentes no bairro Trizidela que no inverno tinham suas casas ameaçadas, pois o rio Guaribas costumava transbordar e inundá-las.

Contudo, sabemos que apenas efetuar a compra de terrenos e doar as 300 famílias em estado de vulnerabilidade social, sem ofertar nenhum outro tipo de amparo, não era suficiente. Pois, uma vez não tendo condições financeiras, estes sujeitos acabaram construindo suas casas seguindo os mesmos padrões de antes e sem nenhuma infraestrutura, ou seja, feitas de taipa e cobertas de palha e desprovidas de nenhum tipo de saneamento[22], conforme aponta os dados estatísticos do censo demográfico de 1980.

> No censo de 1980 havia em Picos 2.146 domicílios rústicos, cerca de 16% de total de domicílio do município, onde morava 15,2% de sua população. O Bairro Paroquial estava entre um dos mais antigos de Picos, juntamente com a Vila Malvinas e os dois apresentavam precárias condições de moradia em que 71,1% dos domicílios do Bairro Paroquial eram de alvenaria e apenas 24,4% era taipa enquanto na Vila Papelão 40 % eram de alvenaria e 53 % de taipa, caracterizados como situação de favela. (SOUSA, 2017, p. 148-9).

Notamos que essas "estratégias clientelistas" de cunho político em conceder lotes de terras em áreas de domínio público, para o assentamento das famílias picoenses mais vulneráveis, foram comuns durante a década de 1980. A vila Malvinas, atual bairro São Sebastião, por exemplo, foi fundada neste período e apresentava situação de extrema pobreza e desigualdades.

[22] Se no centro da cidade a questão do saneamento já era um problema, este se intensificava ainda mais nas zonas periféricas.

Segundo os estudos realizados por Maria José Rodrigues de Sousa (2017), não havia até a década de 1990 nenhum tipo de planejamento urbano para o município de Picos, bem como propostas ou ação na via da política pública, pois os políticos locais não demonstravam preocupação com o conjunto da cidade ou mesmo com a implementação de políticas públicas que garantissem, de fato, os direitos fundamentais dos cidadãos.

Observa-se assim que a imagem negativa criada em torno de determinados espaços picoenses, sobretudo nestes dois últimos bairros retromencionados, cujo perfil socioeconômico era de extrema pobreza e as moradias apresentavam precárias condições, configura-se em um reflexo dessa defasagem nas políticas públicas.

Figura 2- Bairro Paroquial em Picos-PI, 1996.



Fonte: jornal de Picos.

Na imagem acima percebemos nitidamente que o referido bairro foi formado de forma aleatória e sem nenhum tipo de planejamento, cujas residências foram construídas amontoadas umas às outras na encosta de morros, o que consequentemente provocava grandes constrangimentos nos períodos chuvosos.

Ademais, alguns picoenses não chegavam a frequentar o referido bairro nem se relacionavam com seus moradores, pois o discurso internalizado era de que se tratava de um espaço perigoso e violento, ou seja, a pobreza estava associada a violência e criminalidade. Em trabalho sobre as referidas questões, a pesquisadora Nayara Gonçalves de Sousa (2019), entrevistou pessoas que chegaram a afirmar que nos anos 1980, após este ser construído e já habitado, não frequentavam pelas seguintes razões:

> "Naquela época num [não] era tanta droga, era maconha e mais cachaça mesmo" (Edênia Sousa, 2019).
> "Não pode ir no Bairro Paroquial não, que lá no Bairro Paroquial se você entrar, você não sai" (Maria Costa, 2019).

Essa era a visão que boa parte dos picoenses que habitavam o centro da cidade tinham sobre o bairro Paroquial, porém é algo que não ficou restrito somente a esse período. Esse bairro até os dias atuais sofre os resquícios dessa visão que a sociedade tinha/tem e é, portanto, estigmatizado.

Entretanto, não apenas este bairro foi estigmatizado na cidade de Picos no recorte temporal desta pesquisa por abrigar pessoas de baixo poder aquisitivo. O bairro Parque de Exposição[23], por exemplo, fundado na década de 1980, a partir da doação de terrenos feita pelo prefeito Abel de Barros Araújo, possivelmente em seu primeiro mandato, era visto "como um local agregador de pobres e favelados". (MOURA, 2016, p. 38).

Além da condição financeira dos moradores, sobretudo dos que habitavam as "casinhas"[24], a historiadora Mariana Floracir de Moura (2016), ressalta que outro fator que contribuiu para a descriminalização do referido bairro foi o fato de esse ser, embora um dos mais populosos da cidade Picos, o menos desenvolvido urbanisticamente. A junção desses fatores contribuiu para o estigma mais agravante segundo ela, que é o da violência, criado em grande medida pela indústria midiática local.

O historiador Durval Muniz (2007) explica que estes estigmas, as maneiras de caracterizar o outro e de enxergar os habitantes de um lugar,

---

[23]De acordo com os estudos realizados pela historiadora Mariana Floracir de Moura (2016), a primeira denominação que consta na primeira planta de loteamentos de terra é Parque Habitacional Popular, ou seja, um loteamento destinado a habitações populares, cujos terrenos haviam sido doados pelo prefeito municipal Abel de Barros Araújo. Somente na segunda planta do loteamento, do ano de 1998, é que aparece o nome Parque de Exposição que, segundo a pesquisadora supracitada, se deve ao fato de dentro do bairro haver um grande parque público onde acontece vaquejadas e feiras agropecuárias anualmente, cujo nome é Parque de Exposições Santino Xavier.

[24] Pequenas casas populares entregues por José Neri de Sousa, no ano de 1998, a garis e servidores municipais estatutários no bairro Parque de Exposição, em Picos-PI.

> [...] foram pensados e produzidos em outro momento, em outro contexto histórico, motivado por situações diferentes das de hoje, mas que, no entanto, continuam se repetindo em opiniões, imagens e estereótipos, que não sabemos direito de onde vem e, o pior muitas vezes achando que aquilo que dizemos é uma realidade incontestável, naturalizando assim o que não é natural. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 19).

Ainda sobre esse viés da estigmatização cristalizada em torno de alguns lugares a partir da classe social de seus moradores, e recapitulando a denominação utilizada pela igreja católica para se referir aos menos favorecidos economicamente, e que foram enviados para uma área distante do centro da cidade, acreditamos que não se tratou de um simples ato de caridade, pois como podemos perceber, o bairro também não possuía uma boa infraestrutura, mas que tem forte relação com reordenamento social e o ideal de modernização que permeava pelo estado do Piauí.

Encontramos em algumas fontes analisadas que os mesmos padres que trabalharam em prol da compra desse terreno para a construção do bairro, também desenvolviam atividades de cunho religioso com os habitantes. Entre as principais atividades se destacavam as de: recitação do terço e a realização de catecismos, cujo objetivo era evitar que tanto aquelas crianças quanto os adultos não se enveredassem pelos caminhos da ociosidade[25].

Compreendemos que essas "estratégias" de aproximação da classe marginalizada aos ensinamentos cristãos, são resquícios da concepção de pobre que se permeou no Brasil no final do período imperial e início da República, haja vista que os detentores do poder, a mídia e os médicos sanitaristas difundiam a ideia de que o pobre, além de "sujar" o espaço urbano era também perigoso e ameaçador da ordem social. (CHALHOUB, 2001).

Ainda sobre essa perspectiva, é interessante observar outra classe que foi retirada do adro da igreja e das ruas da cidade nesse contexto de embelezamento urbano, e enviadas para o abrigo dos idosos: os velhos pedintes. A criação do abrigo de nome Joaquim Monteiro de Carvalho, foi resultado da parceria entre a igreja católica, a Associação Beneficente João XXIII, o 3º BEC e demais sujeitos da alta sociedade picoense.

> O abrigo foi fundado em maio de 1972, por um grupo constituído por Pe. Alfredo Schaffler, Regina Pio de Almeida, Maria José Gaze Gonçalves, Maria das Graças Portela de Deus, Filomena Martins, Sigifroi Moreno e Tadeu Maia,

[25] Ocorreram também na cidade, já na década de 1980, por exemplo, movimentos envolvendo jovens de Picos e região, cujo objetivo era fazer com que esses vivessem a penitência quaresmal e, consequentemente, se afastassem da violência. Destaca-se a "Caminhada Jovem" que ocorreu em 23 de março de 1980.

> com o objetivo de receber e amparar os velhinhos desamparados que perambulavam pela cidade. (UM ABRIGO...,1977, p.6).

Registros apontam, contudo, que o responsável pela igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios na época, Dom Alfredo Schaffler, recebeu forte influência do então governador do Piauí Alberto Silva, que visitou a cidade juntamente com a sua esposa e sugeriram a criação do abrigo para acomodar aqueles idosos que perambulavam pelas ruas e nos dias de missas sentavam-se próximo à entrada da igreja para pedirem esmolas.

Além de sugerir a construção dessa entidade de apoio à pessoa idosa, encontramos em uma matéria do periódico *O Liberal*, que o governador Alberto Silva participou também, por volta das 11:45 da manhã, do dia 22 de julho do ano seguinte, da entrega final da referida entidade. Essa entrega, no entanto, ocorreu de forma breve, pois sua agenda política marcava que ao meio-dia aconteceria um almoço íntimo na residência do comandante do 3º BEC.

Ao encontramos essas informações em nossas fontes, compactuamos da ideia de que a sugestão dada pelo governador e, posteriormente, acatada pela igreja, fazia parte da política que foi empreendida durante a gestão de Alberto Silva de "limpar", por exemplo, a capital Teresina e torná-la a capital mais bonita da região Nordeste. Limpeza essa que expulsava os pobres que viviam nas favelas próximas ao centro e os enviavam para zonas mais afastadas.

Alguns moradores da cidade de Picos nesse contexto, a exemplo do entrevistado Douglas Nunes (2021), enxergavam a atitude da igreja católica somente sob o viés de que aquele espaço pensado e construído abrigaria os "idosos mendicantes que não tinham aposentadoria e nem fundo de pensão. Assim, eles teriam alimentação três vezes por dia, cama e atendimento médico". (Douglas Nunes, 2021).

A nossa pretensão ao trazer esse tipo de posicionamento não é, no entanto, generalizar e afirmar que o abrigo não beneficiou muitos idosos na época, que sequer faziam suas refeições diariamente ou viviam em locais inapropriados, e que após a construção deste passaram a viver 'dignamente'[26]. Mas sim apresentar que por trás de tudo isso havia o desejo de modernizar a cidade e de torná-la ao menos parecida com os moldes da capital na época.

Trazendo esta realidade da cidade de Picos para o nosso contexto a nível estadual, é interessante percebermos que existiam muitas contradições nesse processo de modernização piauiense. Vejamos por exemplo, Teresina. Embora ela estivesse vivenciando essa 'febre

[26] Cabe destacar que em nota, no ano de 1982, dez anos após ter sido construído o referido abrigo, o jornal *Macambira* noticiou uma matéria que mostrava que poucas pessoas visitavam aquele espaço e a carência afetiva os perturbava. Naquele ambiente se encontravam idosos não apenas da região de Picos, mas também de outros estados, a exemplo o Ceará, incluindo paraplégicos e pessoas com mais de cem anos que já não enxergava mais e dependia exclusivamente dos cuidados internos da instituição.

modernizadora' e sendo uma espécie de modelo para as demais cidades piauienses, incluindo Picos, também deixava a desejar em muitos aspectos. Aspectos estes que incluíam as classes menos favorecidas que residiam em áreas periféricas, cujas moradias eram precárias e o saneamento básico era inexistente, e que assim como em Picos, certamente contribuíam também para a disseminação de muitas doenças, sobretudo no período invernoso.

Confirmamos essa realidade na matéria intitulada *Os desassistidos*, veiculada no jornal *O Liberal*.

> Nos anos de inverno forte a pobreza sofre duras privações. Além do estado lamentável em que se encontram as ruas em que mora, com suas casinhas prestes a desabar, não raro ocorre que muitas famílias ficam sem teto, sobretudo aquelas que habitam às margens dos rios que circundam a nossa capital. [...] O governo está empenhado em muitas realizações de importância. Estádio de futebol, hotel para turistas e outras, que vão, por certo, elevar o nome do Piauí e trazer alegria para o seu povo. Mas não basta. Ou antes, as realizações devem atingir também a outras áreas. Daí reclamarmos hospitais, casas de assistência à maternidade e à infância, saneamento, esgotos, limpeza pública, maior cuidado dos bairros da capital, obras que são indispensáveis ao lado de outras que estão sendo realizadas em boa hora e que atestam, sem dúvida, a iniciativa oportuna do governo. (OS desassistidos..., 1973, p. 6).

Observamos acima uma crítica aos feitos do governador Alberto Silva, que priorizava a construção de determinadas obras na capital e, consequentemente, por todo o estado, mas que deixava a desejar em outras áreas consideradas de suma importância para a sociedade. Esse fato, no entanto, foi e é comum não somente na gestão do governo supracitado, pois como veremos mais adiante na escrita deste trabalho, na cidade de Picos, por exemplo, em outras gestões e períodos mudavam- se os governantes, quer fossem estaduais ou municipais, mas o cenário, ou melhor, a problemática com as questões voltados ao bem-estar da população (saneamento básico e de qualidade, água encanada, destino adequado dos lixos e esgotos) era praticamente a mesma.

Vale destacar que abordamos este assunto em um tópico especificamente para que o leitor possa compreender melhor esse ideal de modernização que a cidade de Picos passou na década anterior ao nosso recorte temporal, e que se refletiu nas décadas seguintes, sobretudo nos planos de governo que eram elaborados para a cidade.

2.3 O cenário sociopolítico da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990

A cidade de Picos-PI, em meados da década de 1980, estava sob a administração política do prefeito Waldemar Rodrigues Martins, membro do Movimento Democrático Brasileiro

(MDB), que assumiu o cargo na condição de vice-prefeito em 24 de novembro de 1979, quando o então político eleito na época, Severo Maria Eulálio[27], faleceu.

O parlamentar Waldemar Rodrigues Martins costumava, com bastante frequência, fazer uso dos meios de comunicação da época para mostrar as suas pretensões com a cidade e as obras realizadas. Em 07 de outubro de 1980, ele proferiu as seguintes palavras que foram veiculadas no jornal *Macambira*:

> Da limpeza pública não nos temos descuidado, porque entendemos que uma cidade do porte de Picos merece oferecer melhor visual urbanístico aos seus filhos e visitantes. Milhares de metros quadrados estão sendo concluídos, mormente nas ruas periféricas onde a lama sempre imperou às épocas chuvosas. (PICOS..., 1980, p. 8).

Dialogando com outras fontes utilizadas nesta pesquisa, podemos afirmar que esse discurso de passar uma imagem positiva da cidade era apenas um dos meios encontrados pelo político supracitado de se autopromover publicamente, pois como destacado no primeiro tópico na denúncia feita pelos rondonistas, o problema não era solucionado pelas autoridades municipais e ia muito além do aspecto físico, além de ser, principalmente, uma questão de saúde pública.

Ademais, uma das primeiras obras que Waldemar Rodrigues Martins inaugurou e que está registrada nos jornais picoenses, foi a inauguração da segunda via de acesso à cidade que recebeu o nome do ex-prefeito falecido, Severo Eulálio, em 31 de março de 1980. Essa obra havia sido iniciada quando o prefeito falecido ainda estava no poder e contava com dois quilômetros de pista pavimentada e iluminação a vapor de mercúrio.

Dando continuidade a esse ideal de "progresso" que se delineava para a cidade, o recém-empossado político inaugurou também, no mesmo dia, segundo o jornal *Macambira*, o sistema de iluminação nas praças Coração de Jesus e João Leopoldo e no pátio do Complexo Escolar. Essa iluminação foi substituída de sistema incandescente para vapor de mercúrio, que prometia iluminar com maior intensidade e assim melhorar o acesso dos transeuntes à noite em determinadas partes escuras da cidade.

[27] Severo Maria Eulálio iniciou sua vida política como secretário da Prefeitura Municipal de Teresina, na gestão de João Mendes Olímpio de Melo. Em seguida teve o seu primeiro mandato parlamentar. Foi também deputado estadual, pela legenda do Partido Trabalhista Brasileiro-PTB e Deputado Federal pelo Movimento Democrático Brasileiro-MDB. Em 1976 foi eleito prefeito de Picos, por uma estreita maioria de votos. Sua morte, em 1979, provocada por um acidente automobilístico, causou forte comoção em todo o estado. Segundo o jornal Macambira, o governador da época, Lucídio Portela, chegou a decretar luto oficial por três dias e enviou seu secretário de governo, o deputado Freitas Neto, para lhe representar o poder no funerário.

Para além desses feitos inaugurados em março de 1980, o jornal *Macambira* noticiou também que reuniões estavam marcadas entre o prefeito e sua equipe técnica com o Conselho Deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). O motivo desta reunião seria buscar captar recursos para a construção de diversas obras na cidade que já estavam no cronograma elaborado por Waldemar Rodrigues Martins.

Observamos que se tratava de uma gestão preocupada em mostrar o que estava sendo realizado para assim tornar-se bem vista pela população, pois na mesma página em que traz a inauguração dessas obras e a busca por mais recursos, há uma preocupação em reforçar que o município havia adquirido cartilhas para serem distribuídas gratuitamente nas escolas da rede municipal de ensino e que a gestão estava coordenando um trabalho de supervisão das escolas e postos de merenda, cujo objetivo era melhorar o atendimento para aqueles que buscavam aquelas instituições de ensino.

Nesse mesmo contexto de execução de atividades, era destaque ainda no jornal mencionado a construção do Centro Social Urbano (CSU), localizado no bairro Junco, que oferecia alguns benefícios para a população, entre eles o serviço de lavanderia. Este era um serviço que empregaria 36 mulheres lavando e 10 passando e beneficiaria aqueles que não tinham como lavar suas roupas em casa devido à escassez de água.

No setor de esporte e lazer, o Centro Social Urbano construído ainda na gestão de Severo Maria Eulálio, contava com quadras adequadas para diversos tipos de jogos, práticas de educação física e outras atividades esportivas. Era também nesse centro que ocorriam os bailes, as festas típicas, apresentações folclóricas, peças teatrais e reuniões destinadas às pessoas mais carentes. O referido centro disponibilizava ainda de cursos profissionalizantes, dentre eles o de eletricista, corte e costura, arte culinária, manicure, artesanato em palha e em couro,

> Todos os cursos serão dados com a finalidade de capacitação de mão de obra, treinamento e orientação para o trabalho. Esclarecemos ainda que os mesmos serão destinados a atender pessoas de baixa renda que estão necessitando de orientação e apoio para o trabalho. (ESPORTE..., 1980, p. 14).

Esse prédio, no entanto, não durou muito tempo e em novembro de 1980, o jornal *Macambira* noticiou que o CSU de Picos encontrava dificuldades, a qual se destacava a falta de uma vigilância contínua e eficiente para que pudesse existir uma melhor conservação dele. Notamos, neste sentido, que ao passo em que a gestão da época buscava mostrar os serviços prestados, também era insuficiente no que tange a conservação e manutenção desses prédios públicos.

Encerrando-se o período de quatro anos de mandato (1979-1983), o prefeito Waldemar Rodrigues não concorreu mais à política picoense e diz sair de consciência tranquila por ter cumprido com as suas obrigações. No entanto, deixava o pleito político insatisfeito com o governo estadual da época, Lucídio Portela, que segundo ele apenas atrapalhava a administração municipal.

Mudando-se assim a gestão outros planos surgiam. O prefeito eleito que assumiu o pleito em 1º de fevereiro de 1983, Abel de Barros Araújo, apresentou à população picoense o seu plano de governo antes mesmo de assumir o poder. Ainda em novembro de 1982 quando venceu a eleição, afirmava ele:

> Assistência social sem paternalismo, dinamização de ações da saúde, saneamento básico e educação, além da convocação de toda a população para que participe de toda a sua gestão, essa é a meta do recém-eleito prefeito da cidade Dr. Abel de Barros Araújo. Isso é o que ele afirmou, acrescentando ainda que uma equipe capacitada o ajudará a planejar a sua administração, onde a comunidade é quem vai ditar as prioridades, frisou. (NOVO..., 1982, p. 2).

Notamos que o recém-eleito prefeito municipal desejava que novos tempos chegassem a referida urbe através da renovação nos mais diferentes âmbitos. Este, chegou a afirmar ainda ao jornal *Macambira*, que tal mudança independeria de vínculos com grupos sociais privilegiados ou com as oligarquias locais.

Além disso, acreditava também que para que ocorresse uma mudança significativa era necessário que a cidade possuísse uma infraestrutura básica, como o fornecimento de água, a implantação da rede de esgotos e o calçamento das ruas, apesar da mesma ter como principais empecilhos a topografia e a escassez hídrica.

Outro plano de seu governo era arborizar as ruas com árvores frutíferas que fossem resistentes ao clima da região, pois estas embelezariam a cidade e contribuiriam para amenizar o calor. Também construir áreas de lazer que permitissem as sociabilidades entre os citadinos.

Em 1984, na gestão do prefeito supracitado, circulava também nos periódicos da época a ideia da construção de um museu, cuja finalidade era resguardar a memória da cidade.

> Apesar de ser um fato pela maioria dos picoenses, o museu João Gomes Caminha, pertencente ao diretor do Departamento de Cultura do Município, José Albano de Macedo (Sr. Ozildo) é uma realidade que começa a despertar interesse geral. Tanto é que o Ministério da Educação e Cultura, através do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, já providenciou o cadastramento do museu de Picos. Também o secretário de Cultura do Estado, deputado Jesualdo Cavalcanti Barros, tem falado constantemente sobre o

> assunto em suas entrevistas. Isto significa que o museu é reconhecido e divulgado em termos nacionais e estaduais. (MUSEU...,1984, p. 6).

Este museu que surge com o nome de João Gomes Caminha[28] contou com a ajuda da prefeitura no sentido de essa reivindicar, juntamente ao deputado Jesualdo Cavalcanti Barros[29], a colaboração do mesmo em apoiar os empreendimentos ligados à cultura da região, além da construção de um centro cultural para a cidade.

A prefeitura reforçou nesta solicitação que o prédio seria utilizado para acomodar adequadamente as peças do museu, além de abrigar todas as manifestações culturais da terra, entre elas as apresentações de folclore, peças teatrais, projeção de filmes e slides e uma sala para exposição do artesanato.

O responsável por organizar um museu que abrigasse a considerável quantidade de objetos antigos, incluindo imagens esculpidas em madeiras que acompanhavam a família Albano há dez gerações, livros, documentos do Brasil Colonial, Imperial e Republicano, entre esses destacavam-se as escrituras de compra e venda de escravos e mensagens da Guerra da Independência, Ozildo Albano, era inclusive autor do jornal *Macambira* e se tratava de um sujeito ligado aos valores culturais de sua terra.

A princípio, o museu funcionava em sua própria residência quando o mesmo passou a reunir objetos e documentos referentes às famílias Gomes Caminha, Fontes, Moura, Gonçalves, Guimarães, Macêdo, Barros, Leite e Rocha, isto é, seus ancestrais e também os primeiros desbravadores da região.

Por receber bastante material que guardava a memória da região de Picos, havia a necessidade de se construir um espaço físico adequado para a distribuição das peças do museu. Enquanto um historiador que entendia da importância de se preservar as fontes históricas e de mostrar à sociedade a relevância delas, ele afirma ao jornal *Macambira* que era necessário a contratação de um estagiário para que atendesse e orientasse os visitantes e, consequentemente, catalogar toda a documentação existente.

> [...] Ele ressalta ser imprescindível a presença de um funcionário disponível para atender e orientar os visitantes. Atualmente- diz ele: estou reivindicando junto ao Campus Avançado um estagiário para catalogar as peças e documentos, além de organizar a biblioteca. (MEMÓRIA..., 1984, p. 7).

---

[28] Sujeito que participou da guerra da Independência e presidente da antiga capitania de São José do Piauí.

[29] Iniciou a carreira política em outubro de 1962, quando se elegeu vereador em Teresina na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Tomou posse na Câmara Municipal em janeiro de 1963 e, logo após a vitória do movimento político-militar que depôs o presidente João Goulart (1961-1964), teve o mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos com base no Ato Institucional nº 1, editado em 9 de abril de 1964.

O ano de 1984 assinala assim um crescimento da cidade em diversos segmentos. No âmbito cultural implantava-se um museu que guardaria as memórias de sua terra. No que tange à saúde, inaugurou-se no dia 28 de julho de 1984 o Hospital Geral da cidade que era, segundo o jornal *Macambira*, "equipado, com moderna aparelhagem e um completo laboratório de análises clínicas." (NOVO..., 1984, p. 13).

Na área do lazer, noticiava-se no jornal *Macambira* que seriam construídas duas praças: a praça João de Deus Filho e a praça Passagem de Pedras. Estas obras seriam financiadas pela prefeitura e "a divisão das praças está de acordo com as necessidades do povo, buscando dar melhor distração". (CONSTRUÇÃO..., 1984, p.4).

A primeira praça supracitada, como podemos acompanhar na figura abaixo (figura 3), estava subdividida em canteiros altos e baixos e contava com iluminação baixa. Se tratava de um espaço destinado ao lazer das crianças. Já a praça Passagem de pedras, contava com um piso de pedra portuguesa e sua área seria destinada aos canteiros e gramíneas, bem como outros tipos de árvores.

Figura 3- Praça João de Deus Filho, 1993.



Fonte: Jornal Tribuna de Picos.

Na área da educação, criava-se o 1º e 2º ano básico na Escola Normal Oficial que ofertava aos seus alunos cursos Pedagógicos, Habilitação Básica em Saúde, Comércio entre

outros, baseados na lei de nº 5692/71. Esta lei foi promulgada no contexto da ditadura civil-militar e modificou a estrutura de ensino do país, onde o curso primário e o antigo ginásio se tornaram um só curso de 1º grau. Pretendia-se com esses cursos formar o aluno como bom profissional, para que esse se integrasse com maior facilidade a vida social.

Além desses cursos ofertados pela Escola Normal Oficial, existiam naquele mesmo contexto os que eram oferecidos pelo Projeto Rondon, bastante atuante naquele momento na cidade de Picos e que tinha parcerias com a prefeitura. Entre esses cursos destacava-se o de parteira, por exemplo, dedicado exclusivamente às mulheres.

Esses cursos eram ofertados tanto dentro do perímetro urbano da cidade de Picos quanto fora dele e ofertavam além da teoria e da prática, também itens utilizados durante os partos. Estes eram doados pela secretaria de Ação Social do Município, uma vez que era firmado parceria entre o Campus Avançado e a prefeitura municipal, sobretudo para os estágios da área da saúde que aconteciam nos postos e hospitais municipais.

Ademais, outro aspecto que nos chamou atenção nesse cenário social e político da cidade é o fato de que no mesmo período em que o CSU se fechava por falta de manutenções, era ativado o Centro de Aprendizado no bairro Junco. O programa tinha como objetivo principal oferecer reforço escolar aos menores que permaneciam naquele espaço durante quatro horas por dia, em regime de externato.

Funcionando inicialmente em local provisório, o Centro de Aprendizado desenvolvia múltiplas atividades com os adolescentes, dentre as quais se destacavam: preparação de tarefas escolares, prática de esporte, lazer, cursos de preparação de mão-de-obra, como corte e costura, bordados e outros. Era ainda ofertada uma refeição diária aos alunos, almoço ou jantar, de acordo com o horário. É interessante respaldar ainda que os rondonistas também prestavam serviços a esse centro, sobretudo assistência odontológica e educativa por meio de palestras ministradas pelos acadêmicos.

Já no que concerne à geração de empregos para o município nesse contexto político e social da década de 1980, inaugurou-se naquele mesmo período (1984) a fábrica de Coca-Cola no bairro Junco. A empresa se apresentava como uma consequência direta da expansão dos serviços da organização e prometia dinamizar a economia local, ao passo em que geraria cerca de 80 empregos diretos e 300 indiretos. A instalação dessa fábrica na cidade de Picos pretendia atender ao mercado consumidor do eixo que compreendia as cidades de Valença, Paulistana, Fronteiras e Oeiras.

Observamos que essa ideia de trazer indústrias para a região de Picos que gerasse assim empregos para sua gente também fazia parte do plano de governo do prefeito Abel de Barros

Araújo, pois este pretendia, sobretudo estimular a construção civil e implantar indústrias no município, inclusive com a isenção de impostos.

Porém, o que é mais interessante de se notar na gestão do prefeito Abel de Barros Araújo no ano de 1984, em particular, é que essa agora se alinhava ao mesmo partido político do então governador do Piauí na época, Hugo Napoleão[30], eleito pelo Partido Democrático Social (PDS)[31] com 58,7% dos votos. Estar assim do mesmo lado do governo estadual poderia vir a facilitar as reivindicações em prol de melhorias para a população picoense. Entre as principais aquisições feitas pelo prefeito e seu vice estavam:

> A construção de três galerias para escoamento de esgotos, sendo uma no bairro São José, asfalto para as principais ruas, um passeio de ciclismo no bairro Ipueiras, alargamento da ponte para pedestres, mais um posto de saúde, e uma avenida beirando o rio Guaribas. (GOVERNO..., 1983, p. 3).

Essas obras, na visão do prefeito municipal Abel de Barros Araújo (1983-1988) e do seu vice José Neri de Sousa, deveriam dar muita força ao desenvolvimento da cidade, que vinha sofrendo há tempos com a ausência dos proventos federais. No entanto, por trás disso existia uma grande problemática. Embora o governador estadual e o prefeito municipal compactuassem dos mesmos ideais, havia um conflito interno entre o primeiro desses, Hugo Napoleão, que "acenava para a Aliança Democrática" e Lucídio Portela, que declarava apoio à candidatura de Paulo Maluf, o que acabou culminando na desvinculação partidária de ambos.

Para o cientista político Vítor Freitas (2019), tal desvinculação, seguida da vitória do candidato a governador em 1986, Alberto Silva, apoiado por Lucídio Portela, fez com que houvesse uma separação, ao menos temporária, dos grupos políticos dominantes no cenário estadual há várias décadas (Almendra Freitas e Napoleão do Rêgo).

Ademais, nos chamou a atenção ainda na gestão do prefeito Abel de Barros Araújo na cidade de Picos, o envolvimento na luta em 1985 pela Constituinte por parte de alguns picoenses. Enquanto algumas lideranças políticas locais estavam à frente dos debates que aconteceriam no cinema Cine Spark, em março daquele ano, e que contou com a participação

[30] A origem política do piauiense Hugo Napoleão do Rêgo está vinculada a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e, ao Partido Democrático Social-PDS, respectivamente. Contudo, sabemos que após dissidências políticas que articulavam a candidatura de Tancredo Neve e, posteriormente a sua vitória à Presidência da república, o referido político assumiu a criação do Partido da Frente Liberal-PFL, desvinculando-se assim politicamente, como podemos considerar, do político Lucídio Portela, membro do PDS.

[31] O Partido Democrático Social-PDS foi criado no ano de 1980, juntamente com outro cinco partidos (PMDB, PP, PT, PTB e PDT). O mesmo sucedeu a antiga e extinta ARENA, herdando assim a sua estrutura de organização e contando com uma expressiva quantidade de integrantes que o apoiava.

de estudantes e diferentes camadas da sociedade, outros apresentavam posicionamentos diferentes sobre a Constituição.

Segundo uma pesquisa feita pelo *jornal de Picos*, quando crescia a ideia e o desejo da realização de uma Assembleia Nacional Constituinte no Brasil, a maioria dos picoenses ainda não sabia o que seria de fato essa assembleia, como a mesma aconteceria, quem participaria e qual era o seu objetivo, embora alguns já tivessem ouvido algo a seu respeito.

> O Jornal de Picos entrevistou 15 pessoas, entre jovens e adultos. Desse número 10 eram estudantes de segundo grau e o restante constituído por pessoas de diferentes segmentos da sociedade. Do total de respostas, apenas dois estudantes disseram entender que a Assembleia Nacional Constituinte é uma reunião de pessoas com o objetivo de elaborar a Constituição. No entanto, elas não souberam dizer quem participa da Assembleia nem que Constituição é a lei fundamental que regula os direitos e deveres do cidadão.
> Esse resultado negativo obtido entre os estudantes demonstra que não somente as pessoas que não têm acesso à informação, que desconhecem totalmente o assunto, ao mesmo tempo que revela também o pouco interesse que há pelo conhecimento e pela participação dos rumos do país. (MAIORIA…, 1985, p. 9).

Alguns defendiam que esta Assembleia deveria acontecer somente em 1986, quando ocorreria também a eleição do novo Congresso. Para outros, a Constituição que regia o país naquele momento era apenas um arremedo de Constituição, pois ela vinha sendo “mutilada” por sucessivos atos e decretos, na sua maioria alheios à vontade do povo. Em contrapartida, a vereadora eleita pelo PDS, Olívia Rufino, acreditava que deveria haver primeiramente um grande estudo em torno do assunto para que a nova Carta saísse de acordo com as reais necessidades do povo brasileiro.

Assim, os principais pontos que deveriam aparecer na nova Constituição para eles eram: caráter socialista e melhor distribuição de renda que se achasse concentrada no governo federal. Consideravam- os assim que os pontos da nova carta no final das contas, seriam os frutos da discussão do grupamento de pessoas, que deveria acontecer no tempo necessário para discutir a fundo todo o contexto da atualidade em que estavam vivendo. Bem como exigiam ainda que constasse na nova Carta uma melhor distribuição da renda nacional e defendiam que muita coisa da atual constituição poderia ser aproveitada.

Esse grupo de picoenses, cientes da conjuntura sociopolítica brasileira naquele momento, defendiam ainda que para a realização da Assembleia Nacional precisavam serem ouvidos além dos políticos, outros segmentos da sociedade, como por exemplo: sindicatos, igrejas, associações de bairros, universidades e representantes de classes.

> Realçando esse pensamento, o vereador Emir Filho disse que: “A constituição só terá validade se for previamente outorgada pelo povo. Toda a sociedade deve ser ouvida”. Olívia Rufino também sugere que a participação do povo na elaboração da Constituição, através de seus representantes legítimos, que seriam eleitos diretamente. (PICOENSES..., 1985, p. 9).

Não sabemos ao certo se o envolvimento de tais políticos picoenses mencionados estava relacionado apenas a autonomia política, financeira e administrativa que o município ganharia consequentemente, ou se possuíam, por exemplo, vínculos com o então deputado federal oriundo de Picos na época, José Luiz Martins Maia, que ocupava uma cadeira na câmara dos deputados e participava de forma ativa da Assembleia Nacional Constituinte naquele ano. Porém, sabe-se que a vereadora Olívia Rufino pertencia a mesma filiação partidária dele, isto é, ao PDS, bem como o próprio prefeito da cidade da época, Abel de Barros Araújo.

Além disso, notamos durante a pesquisa que enquanto o assunto do ano de 1985 discutido entre muitos picoenses era a Constituinte, por outro lado o deputado estadual Antônio de Barros Araújo fazia os primeiros contatos do Partido da Frente Liberal (PFL), que como já mencionado anteriormente, foi resultante do esfacelamento do PDS após a sua convenção nacional que apontou Paulo Maluf como candidato oficial do partido.

Ainda nesse mesmo contexto discutia-se na mídia local que o orçamento do município para o ano seguinte ultrapassaria 18 bilhões.

> O pacote orçamentário para o ano de 86 do Executivo Municipal, enviado ao Poder Legislativo no mês de outubro, atingiu o total de Cr$ 18 bilhões, 850 milhões e 570 mil cruzeiros, que aprovado por unanimidade, fixa um acréscimo de 300% sobre o orçamento deste ano, que foi de Cr$ 4 bilhões, 620 milhões e 400 mil cruzeiros. A maior parcela do orçamento de 86 foi de 28% e ficou para o Departamento de Obras Públicas, que baixou em relação aos 36% do orçamento de 85%, e a menor (0,65%) para o Departamento de Desportos que em 85 recebeu uma parcela igual a 0,45%. (ORÇAMENTO..., 1985, p. 3).

Para o ano de 1986 buscava-se então no que concerne à projetos, dar ênfase à construção de obras públicas, sobretudo calçamento, unidades escolares, postos de saúde e uma maior promoção social. Apesar de o orçamento para o Departamento de Obras Públicas ter baixado aproximadamente 8 pontos em relação ao ano anterior, ele continuava sendo prioridade, recebendo assim 28%, equivalente a Cr $5 bilhões, 285 milhões e 370 mil cruzeiros.

Assim, parte desse investimento foi destinado a obra de calçamento da avenida Industrial, porém, o que tinha de tudo para ser positivo para a população daquela área da cidade em termos de saneamento básico, acabou provocando insatisfação, à medida em que o serviço não havia sido realizado da maneira correta.

> Os moradores da avenida Industrial estão insatisfeitos com o calçamento que está sendo implantado naquela artéria, que segundo eles ao invés de melhorar o problema de saneamento ali existente, vai piorar a situação. Os moradores alegam que os trabalhos estão sendo desenvolvidos erradamente, deixando o nível do calçamento à altura das calçadas, o que certamente provocará a inundação das casas quando chover forte. (MORADORES..., 1985, p.3).

Por ser uma cidade que não contava com uma estrutura condizente com a realidade do período chuvoso, os moradores temiam essa época do ano e buscavam junto aos representantes políticos locais uma medida paliativa, contudo não obtinham o sucesso esperado e acabavam pagando o preço de um serviço mal executado, pois nem a prefeitura, nem o secretário de obras e limpeza pública ou mesmo os engenheiros responsáveis pelas execuções das obras públicas admitiam em quem e onde de fato estava o erro.

Em fevereiro de 1987, por exemplo, o *Jornal de Picos* mostrou a realidade enfrentada pelos moradores das ruas Olavo Bilac e Oswaldo Cruz, que tinham suas residências invadidas por lamas em decorrência das vias de escoamento se encontrarem entupidas.

> Neste local, as casas são invadidas pela represadas em decorrência da obstrução das vias de escoamento, que se encontram entupidas. A situação é dramática e ameaça a saúde das pessoas, pois a lama, a sujeira e os detritos acumulados pelos esgotos são levados para dentro das residências. Segundo um dos moradores da localidade, muitas reclamações já foram feitas à Prefeitura, mas até o momento nenhuma providência foi tomada. (LAMA…, 1987, p. 4).

Essa realidade também era vista em outras partes da cidade em períodos distintos, como no centro e nas duas principais avenidas (Getúlio Vargas e Nossa Senhora de Fátima) já em meados de 1994, ano em que Picos foi surpreendida por grandes precipitações pluviométricas que além de impedirem a passagem de veículos, também ocasionaram vários incidentes, sobretudo na área periférica como podemos acompanhar na imagem a seguir.

Figura 4- Desabamento de casas no bairro Paroquial, da cidade de Picos-PI, em 1994.



Fonte: Tribuna de Picos.

Nos bairros mais afetados com os deslizamentos e desmoronamentos de casas naquele ano em decorrência das fortes chuvas, como Paroquial, Canto da Várzea, Vila Papelão[32], Vila da Grota e Ipueiras, muitas famílias ficaram desabrigadas e registrou-se o número de duas mortes. Ademais, o próprio centro comercial também sofreu os resquícios destas chuvas e teve algumas estruturas de seus prédios destruídas, o que provocou a desativação de lojas e o prejuízo aos seus proprietários.

De acordo com a imprensa picoense, que na época fez a cobertura dos bairros mais atingidos, era grande o drama dos flagelados pelas águas. Esses, abrigados de forma precária em ambientes cedidos pela prefeitura ou amigos, enfrentaram grandes dificuldades, pois mesmo quando as águas começavam a baixar, não podiam retornar a suas casas pelo fato de a maioria delas haverem sido totalmente destruídas, além do risco de uma nova enchente, levando em consideração o tempo propício a mais chuvas.

O drama vivido pelos moradores da Vila da Grota, em especial, configurou-se, de acordo com Maria José Rodrigues de Sousa (2017), em uma luta ampla, considerada por muitos como

[32] A nomenclatura deste bairro possui um caráter depreciativo e está atrelada a sua fundação, haja vista que as primeiras residências ali construídas pertenciam a famílias bastante humildes e eram, portanto, cobertas de papelão, um tipo de papel considerado mais resistente e feito à base de materiais recicláveis. Por ser habitado por sujeitos que viviam (em) à margem da sociedade, criou-se e difundiu-se, consequentemente entre os picoenses a imagem negativa de um bairro perigoso e violento.

uma luta histórica. Pois, se de um lado se organizavam para reivindicarem novas moradias, "por outro havia uma luta dos proprietários dos terrenos vizinhos, contra estes moradores" (SOUSA, 2017, p. 150), e que acabaram ganhando, pois, a Prefeitura Municipal optou por despejá-los de modo a atender os interesses dos grandes proprietários.

Sabemos que, sobretudo o fato de a cidade estar localizada entre rio e morros, a tornava mais vulnerável ainda à ação devastadora das grandes enxurradas e as periódicas cheias do rio Guaribas na época, contudo faltava também políticas públicas que beneficiasse diretamente à periferia, público mais atingido no inverno pelo fato de suas habitações não contarem com uma estrutura digna e apropriada que suportasse maiores precipitações.

Além disso, sabe-se que o maior drama enfrentado pelos flagelados era a falta de alimentação neste período de calamidade, pois embora fossem "abrigados", lhes faltava a assistência necessária, assim como o pós-inverno, momento que tinham que reconstruir suas moradias e ter que conviver nas mesmas novamente sem nenhuma condição de higiene.

2.4 Picos-PI na "doce" espera do progresso

O período de 1993-1996, que compreende o segundo mandato de Abel de Barros Araújo na cidade de Picos, é marcado em grande medida pela esperança de dias melhores. Apesar de ter sido uma gestão que prometia em seu discurso humanizar a cidade, através da realização de obras que beneficiassem diretamente o seu povo, essa era na década de 1990, em particular, uma cidade de expectativas e que deixava a desejar em muitos aspectos.

Nas primeiras linhas do jornal picoense *Notícias Universitárias*, do ano de 1995, aparece o seguinte questionamento: "Dizer é muito fácil! Fazer é mais difícil! E esperar, seria o que?". Podemos compreender, a partir destas afirmações e na indagação que o segue, feita por um estudante da época, que na cidade de Picos permeava há muito tempo discursos, obviamente políticos, que na prática não se cumpria, pois a a população era, em grande medida, desassistida socialmente

Nas linhas seguintes o estudante manifesta sua insatisfação com as leis municipais, pois de acordo com ele, essas eram alteradas conforme o mandato de determinado partido político, contudo, a imagem física da cidade em nada se alterava. Notamos também uma forte indignação em relação ao poder do voto e a confiança dos picoenses depositadas nas mãos de determinados partidos e políticos.

> É incrível o descaso que os políticos-fato comprovado no decorrer dos mandatos eletivos- têm para com a cidade e o povo em geral, que com o poder do voto, confia nesses possíveis administradores da máquina governamental – isto é, partido "A", "B" ou "CENTRO". Uns querem conservar, alguns

> querem entrar, e outros brigam-na dificuldade de estarem no muro, sem nada fazer. (PICOS..., 1995, p. 3).

Seguindo sua crítica, o estudante que escreveu para o jornal *Notícias Universitárias* aponta ainda que na cidade de Picos havia uma certa adaptação por parte dos candidatos aos complôs políticos, ou seja, esses visavam os "prêmios" que ganhariam pós-eleição quando aquele determinado partido político estivesse no poder. E nesta mesma proporção relegariam o verdadeiro projeto político, que seria a representação e defesa da população que, confiante, havia depositado os seus votos nas urnas esperando o retorno através da implementação de obras.

A todo instante é reforçado também que o povo picoense estava calejado de promessas políticas, mas que ao mesmo tempo muitos destes ficavam apenas esperando uma solução e nada faziam, como era o caso de muitos adultos. Ainda na sua visão os jovens, por exemplo, almejavam uma cidade desenvolvida, enquanto os idosos já estavam decepcionados e, portanto, não se sentiam mais atraídos, ficando somente a observar o "trem" passar.

> Hoje, calejados, vivemos a observar todo o movimento antecedente às eleições e ficamos tristes com todo esse "rock" fantástico e milionário que existe, envolvendo toda a população. Ludibriando, iludindo e alienando cada vez mais a população com promessas e mais promessas.
> E o povo na mesma espera!
> Afinal o que aguarda?
> Aguardamos alimento, habitação, vestuário, saneamento, limpeza pública, dignidade, cumprimento de promessas eleitorais.
> Mas continuamos na expectativa.
> (PICOS..., 1995, p. 3).

Esse desejo de uma cidade mais desenvolvida e a espera por uma gestão que atendesse aos anseios da sociedade, era comumente tema de artigos publicados nos periódicos da época, como foi o caso do artigo "*Um olhar sobre a cidade"*, publicado no *Jornal de Picos*, em 1996, onde discutia-se justamente sobre a situação caótica que se encontrava a urbe e acerca da incerteza diante gestões que pouco ou quase nada faziam em prol de sua gente.

> Será que teremos que viver tanto tempo num verdadeiro mausoléu, numa cidade em que não podemos sair à porta de nossa casa, sim pois quem aguenta o mau cheiro do lixo espatifado no chão! Será que passaremos a viver infinitamente com isso? Será?!!...
> Será se ainda haverá de brotar um homem-coragem promovido de pudor e modéstia, vestido com a bandeira do povo, que seja capaz de salvar a tempestuosa Picos de um náufrago na imensidão do Brasil? (UM OLHAR..., 1996, p. 10).

Além desses questionamentos feitos pelo autor do artigo, ele descreve também o retrato social do povo picoense da época: crianças que passavam fome e sequer sabiam ler, adultos desempregados pedindo esmolas para não terem que roubar, lixos, urubus, lama, favelas, dinheiro, pobreza, comércio, vida, brigas, subumanos, árvores, cárceres, animais, crimes, mortos e doentes.

Com esse olhar acerca dos problemas internos que afligiam os citadinos, o autor faz também um apelo à população na hora de escolherem seus governantes que os representariam por quatro anos ou mais, e demonstrava preocupação sobretudo em relação aos mais carentes, que eram os principais alvos do voto de cabresto.

> Portanto, meus amigos, cuidado! Escolham bem nossos representantes nas próximas eleições, por isso, precisamos tem um pouco mais de consciência para podermos escolher em quem votar, necessitamos ajudar as pessoas "inocentes" a dizer não ao voto de cabresto para depois não ficarmos perplexos com as decisões tomadas por nosso líder para a gente não ficar na ordem mundial. (OLHAR..., 1996, p. 10).

Assim como os jovens picoenses tinham esse olhar interno acerca da sua cidade e dos problemas que lhes incomodavam, o "forasteiro", isto é, quem estava de fora, também se sentia incomodado com a administração pública da urbe Picos naquele período e, portanto, buscava os meios de comunicações para se expressar.

Um sujeito que preferiu não revelar o nome, mas que se dizia ser formado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em Ciências Sociais pela Universidade Geral de Kassel, na Alemanha, escreveu um artigo que também foi publicado no periódico *Jornal de Picos*. Nesse, o autor declarou ser pesquisador do projeto Waves, abreviatura em inglês que significa "Water Availability, Vulnerability of Ecosystems and Society in the Northeast of Brazil", traduzido para o português quer dizer: "Disponibilidade água, vulnerabilidade de ecossistemas e sociedade no Nordeste do Brasil".

Em tal pesquisa ele buscava compreender a interação humana com o meio ambiente, em uma região do Ceará e na cidade de Picos, "tendo em vista um quadro de ameaças e privações ambientais e socioeconômicas, o qual inviabiliza as perspectivas e esperanças dos indivíduos que vivem na região em foco" (PICOS..., 1999, p. 2).

Mas, para além dessa investigação sobre problemas ambientais, ele relatou algo que nos chamou bastante atenção nesse contexto: a omissão por parte da gestão da época em fornecer

informações sobre assuntos públicos envolvendo a cidade, mesmo esse tipo de acesso sendo um direito assegurado pela Lei Federal 12.527/2011.

> Aqui em Picos, no que tange aos contatos com a prefeitura local, deparei-me com um outro quadro, um quadro adverso às minhas expectativas. Feitas as raríssimas exceções, as quais felizmente sempre há, defrontei-me com má vontade, incredulidade, ignorância e grosseria. Ao perguntar se poderia falar com o digníssimo prefeito, ouvi de uma senhora com ares de rainha da Inglaterra que o prefeito não fala com qualquer um. Nada mais desejava do que dados de natureza estatística, como por exemplo a incidência de furtos, latrocínios, estupros e agressões corporais de toda natureza nos últimos dois anos no município de Picos. (PICOS..., 1999, p. 2).

Ainda neste sentido, é interessante compreendermos que o ano de 1996 na cidade de Picos é bastante emblemático, pois se tratava de um ano de campanha eleitoral para prefeito e que assinalava também a última gestão de Abel de Barros Araújo. O referido prefeito buscava talvez fazer em seus últimos meses de mandato obras que não haviam sido realizadas durante os quatros anos, e assim modificar o aspecto físico da cidade.

> Com recursos próprios do município e de convênio com o governo do Estado, o prefeito municipal de Picos, Abel de Barros Araújo, está executando um elenco de obras na zona urbana, o que vai melhorar consideravelmente o aspecto físico da cidade. No interior, várias obras também estão sendo construídas pela atual administração, que tem atendido os reclamos da população. (ABEL..., 1996, p. 6).

Uma das obras executadas no final do mandato de Abel de Barros Araújo envolvendo a cidade de Picos, foi a pavimentação de algumas ruas do bairro Paroquial (figura 03). Em outras partes da cidade, porém, como no bairro Bomba, por exemplo, no mesmo período, moradores faziam um abaixo-assinado solicitando o calçamento da rua Vicente Balduíno, que segundo eles faltava menos de mil metros quadrados.

O que é mais interessante de se observar é que no mesmo dia em que Abel mostrava a sociedade picoense as obras em que buscava entregar e inaugurar ao final de seu mandato político, populares se reuniram em uma carreata em apoio ao candidato político e médico Oscar Eulálio e seu vice, o advogado Kennedy Barros. Segundo *o jornal de Picos*, em matéria veiculada no dia 13 de setembro de 1996, a carreata reuniu cerca de 300 carros, 200 motocicletas e mais de três mil pessoas, essas simpatizantes da coligação “Tradições Unidas”, em apoio ao candidato a prefeito e vice, bem como aos vereadores que disputavam uma das quinzes cadeiras na Câmara Municipal.

O candidato a vice-prefeito da chapa de Oscar Eulálio, o advogado Kennedy Barros, quando disputava uma vaga na prefeitura de Picos, escrevia uma carta aberta ao ex-prefeito e também candidato a eleição daquele ano pelo PSDB, Valdemar Rodrigues, onde deixava claro seus ideais políticos e criticava a maneira como o candidato supracitado vinha agindo contra ele com calúnia e difamação. Além de se mostrar insatisfeito com as atitudes dele, o candidato a vice-prefeito da chapa opositora, criticava também a forma como ele havia chegado ao poder quando fora prefeito de Picos e a sua administração pública.

> O candidato a prefeito do PSB desconhece o meu trabalho jurídico, mas informo-lhe, que durante os quatro anos que advoguei em Picos, vários não tinham condições de contrair um advogado e, gratuitamente me dispus a resolvê-los e, se precisar de provas que procure os arquivos dos cartórios locais que, com certeza encontrará. Mas aproveito a ocasião para dizer que como a minha especialidade é em Direito do Estado, volto a repetir, fiz uma opção pela política, um direito que cabe a todo e qualquer profissional liberal. Mas acrescento que, quando é para sair da minha especialização para entrar com ação contra os grandes, não meço esforços e assim o faço, como farei nesta ocasião, ingressando com uma ação contra o senhor Valdemar Rodrigues por calúnia e difamação.
> Agora o senhor que quando chefe do executivo era conhecido como homem de poucas letras que só chegou ao cargo por ironia do destino, causada pela morte do líder político de Picos, o saudoso Severo Eulálio. Não se sabe se o ex-prefeito tem primário ou ginásio completo. (CARTA..., 1996, p.2).

Sabe-se, além disso, que entre os candidatos disputavam a eleição municipal na cidade de Picos, estava José Neri de Sousa. Mas esse, em 13 de agosto de 1996, por decisão judicial, teve sua candidatura impugnada e seu nome constava como inelegível no Tribunal de Contas do Estado (TCE). Todavia, embora estivesse travando uma batalha com a justiça, José Neri acabou se sobressaindo e venceu a eleição de 1996 para o cargo de prefeito municipal mais uma vez, com uma quantidade de votos considerada bastante expressiva para o número de habitantes da cidade.

Um aspecto nessa eleição especificamente nos chama a atenção: a política picoense continuava sendo constituída em grande medida por figuras masculinas. Naquele ano, cerca de onze mulheres disputaram uma vaga na câmara municipal, mas apenas a senhora Olívia Rufino[33] conseguiu se eleger e exercer o mandato, conforme podemos acompanhar na tabela abaixo:

[33] Olívia da Silva Rufino Borges foi professora e vereadora da cidade de Picos-Piauí. Além de ser considerada a pioneira no esporte feminino em Picos, por ter sido coordenadora de Educação Física por 12 anos, a mesma se destaca ainda na cidade por ter trazido o projeto de meia entrada para os jovens estudantes, mesmo quando os demais representantes políticos tentaram vetar a sua proposta. Olívia Rufino é também autora de várias poesias,

Tabela 3- Integrantes do Legislativo picoense (1997-2000)

Antônio Afonso Santos Guimarães (PPB)	Oliveiro Antônio da Luz (PSDB)
Olívia Santos Rufino (PDS)	José João de Araújo (PPB)
Elias Pereira Lopes (PPB)	Osvaldo Alves Costa (PTB)
Francisco Gilvan Gomes (PPB)	Paulo de Tarso Nunes Leal (PTB)
Francisco Gonçalves Filho (PPB)	Pedro Barbosa da Silva (PMDB)
João Militão Rufino (PMDB)	Luís Rodrigues Coelho
Inácio Baldoíno de Barros	Robson Eulálio Araújo (PFL)
José Osvaldo de Sousa (PFL)	Serafim Santana de Sousa (PSDB
Manoel Vieira de Barros Lima (PT)	Simão Carvalho Filho (PFL)

Fonte: Da autora, 2023.

Passada esta eleição que elegeu como representantes da casa legislativa os nomes apresentados na tabela acima, muita coisa continuava como antes, como era o caso da falta de compromisso com a concretização do saneamento básico. O *jornal de Picos*, em outubro de 1997, noticiava que o caos continuava, sobretudo no período chuvoso, onde acumulava-se água da chuva nas principais vias da cidade, que além de provocar problemas no trânsito pelo fato de as ruas e avenidas ficaram intrafegáveis, também gerava altos graus de contaminação à população.

> As principais ruas da cidade ficaram praticamente intrafegáveis. O lamaçal se acumulou em praças e avenidas. Esgotos transbordaram a céu aberto, invadindo casas e comércios. Crianças foram contaminadas, e os graus de infecção atingiram os mais altos índices. A sociedade cobra de um lado; o prefeito promove um espetáculo de estardalhaço e utopia pelo outro. Neste momento a população recorre a oposição. Pior: Não existe. Trocando em miúdos, o prefeito José Néri está absolutamente à vontade. Não envia prestação de contas nem dá satisfações ao povo sobre seus gastos administrativos. (CAOS..., 1997, p. 2).

Várias promessas de campanha eleitoral começaram a ser cobradas pela população no início de 1997, quando José Neri assumiu o cargo. Uma delas era a parceria com a Associação de Moradores do bairro Cristovinho, em prol do desenvolvimento do município.

> O presidente da Associação de moradores do povoado Cristovinho, José Antônio Monteiro disse que o prefeito desconhece todas as obras da

samba-enredo, hinos e livros, ocupando assim a cadeira de número 3 na Academia de Letras da Região de Picos-ALERP.

> localidade, construídas pela entidade para servir à comunidade em parceria com o PAPP/ Banco Mundial e outras entidades. José Antônio disse que o que está acontecendo mesmo é muita perseguição aos presidentes de associações e, até mesmo de Cristovinho, onde atua com sua Associação que fez muitas obras conveniadas, inclusive com a prefeitura no governo passado, foram todas tomadas pela prefeitura, pois ele disse só não ter entregue as obras que foram construídas pela Associação em parceria com o PAPP e Banco Mundial, porque no contrato dos convênios rege que a obra ficará pertencendo à Associação, salvo caso de eletrificação rural, mas as demais ficam sob a administração da entidade, o que o prefeito deveria achar bom, pois são menos despesas para o município. (PREFEITO..., 1997)

A matéria acima faz menção a um desentendimento que estava tendo entre a Associação do bairro Cristovinho e a prefeitura municipal de Picos-PI no que concerne a serviços que seriam prestados à população. Entre os problemas que preocupavam o presidente da Associação de Moradores estava a questão do lixo que era jogado no bairro Altamira e prejudicava os habitantes do bairro vizinho.

O problema assolava as duas comunidades da seguinte forma: enquanto no primeiro bairro a população se prejudicava com as moscas e a fedentina que vinha do lixo, o segundo bairro recebia no período invernoso as águas poluídas que desciam nos grotões e era utilizada para o consumo tanto animal quanto humano.

Em meio a situação, o jornal *Folha Picoense* trouxe uma matéria que tinha por título *Petista acusa Néri de iludir associações.* Nessa, o vereador eleito na época pelo Partido dos Trabalhadores-PT, Manoel Vieira, alegava que o Orçamento Participativo não constava no Orçamento Oficial e aquilo era apenas uma maneira encontrada pelo prefeito de iludir os presidentes de associações, e que ele, enquanto um representante do povo, não compactuava dessa atitude.

O vereador supracitado mostrava-se ainda indignado na matéria concedida ao *Jornal de Picos*, com a postura assumida pelos demais vereadores que, segundo ele, eram submissos ao prefeito José Néri de Sousa. Dizia ele: “Essa cultura de seguir orientações do prefeito é decepcionante. Não existe independência na câmara”. (PETISTA...,1997).

Um outro assunto que repercutia entre os picoenses no primeiro ano em que José Neri assumiu a prefeitura de Picos, era a cobrança pelo concurso público anunciado pelo mesmo através de uma emissora da capital Teresina para o mês de dezembro do referido ano. Alguns cogitaram a possibilidade de uma manifestação em frente à prefeitura e outros, no anonimato, iniciavam os preparativos pró-manifestação, caso o prefeito continuasse descumprindo com as suas promessas.

> A ideia, segundo fontes oficiosas pertencentes ao grupo de populares, é realizar um ato público de grande repercussão a fim de pressionar o prefeito e o presidente da câmara, vereador Elias Pereira Lopes, a ter um maior respeito pela sociedade picoense. O grupo diz sentir-se humilhado e ludibriado pelas mentiras do prefeito. (NÉRI..., 1997).

Sentindo-se pressionado pela população picoense, que almejava a realização do primeiro concurso público municipal[34] para o cargo de professor, José Neri chegou a admitir na mesma emissora em que tinha anunciado, que havia pecado quando anunciou a realização do concurso e não cumpriu. Outras fontes, no entanto, afirmavam que o prefeito, de maneira estratégica, pretendia realizar o concurso somente nas vésperas da próxima eleição, pois isso lhe garantiria um maior prestígio perante o povo.

Sabe-se, portanto com isso, que José Neri foi notificado algumas vezes pela Procuradoria Regional do Trabalho, exigindo dele a realização do concurso o mais breve possível, mas ele continuava se omitindo e desrespeitando as recomendações, o que representava para a classe de professores, principalmente, uma atitude incoerente diante de um discurso aparentemente democrático.

Se em virtude deste fato as coisas não iam muito favoráveis para José Neri no cenário político, ele buscava conquistar a admiração de alguns através da intensificação dos preparativos para o carnaval do ano seguinte, que prometia ser o melhor do Piauí.

> A prefeitura municipal de Picos, através da Secretaria de Cultura já deu início aos preparativos para o Carna Picos 98. Segundo informou o secretário de cultura, Mury Campos, a ideia da secretaria é de repetir o mesmo sucesso do carnaval de 97. Embora desacreditado, o carnaval picoense, de acordo com o secretário, promete muitas surpresas. A prefeitura municipal contratou uma banda de música e um trio elétrico. A avenida Getúlio Vargas, será tomada por um sistema de som automotivo. Haverá também a participação de uma banda local, de propriedade do senhor Miguel Moura. (PREFEITURA..., 1997).

Esse carnaval que garantia proporcionar bastante alegria aos foliões, no entanto, se diferenciava dos carnavais dos anos anteriores que contava com a presença de escolas de samba vindas de outros estados, como por exemplo, a Iang da Portela. Naquele referido ano, o secretário de cultura afirmava que pelo fato de algumas escolas estarem desestruturadas e por não poderem como gastar mais de 50 mil reais com elas, iriam optar pelos artistas locais e

[34] Vale destacar que a obrigatoriedade do concurso público no Brasil se deu apenas com a Constituição de 1988, que em seu artigo 37 traz que a investidura em ocupações, funções ou cargos públicos seja na União, nos estados ou municípios, deverá ser mediante aprovação em concurso, através de provas escritas ou de títulos, exceto nas nomeações para cargos comissionados.

incentivar a criação de uma Liga de Escolas de Samba genuinamente picoense para animarem os próximos carnavais.

Porém, proporcionar apenas carnavais de rua já não agradava mais tanto os picoenses. Alguns questionavam onde estava a cultura do município.

> 105 anos de história, diriam os mais otimistas. Picos cresceu, desenvolveu-se, recebeu e criou mais gente. Festejou o fim da II guerra juntamente com as pessoas que mandou para a Europa; foi invadida pelas águas em 60, tornou-se importante entroncamento rodoviário; maior centro produtor de mel do país. E hoje não possui um cinema de "respeito". Uma biblioteca que possa receber visitantes e ser um local de pesquisa. Um museu que se mantenha vivo, mesmo depois da morte de seus idealizadores. Demonstrações públicas das antigas tradições, seja nas praças, nas ruas ou nas escolas. Jornais bons, que possam transmitir muito além de notícias sensacionalistas.
> Afinal, o que Picos pode oferecer, quando falamos de arte, divertimento e, principalmente, de cultura? (CADÊ..., 1997).

Quem fez esse questionamento ao *Jornal de Picos*, chegou a afirmar também que naquele momento a cultura da cidade se restringia aos bares sempre lotados aos finais de semana e vésperas de feriados. Nesse sentido criticava a falta de atitude dos governantes quanto ao investimento de políticas que contribuíssem para a cultura local, fosse através de livros, apresentações, palestras etc.

Para além dessas questões havia ainda, na "cidade de expectativas", o sonho do cuidado com determinadas ruas de alguns bairros. No bairro Junco[35], a rua David Cipriano tinha como pseudônimo "a rua prometida".

> Na eleição municipal de 1992, por exemplo, veio a primeira promessa animadora: o candidato Abel de Barros Araújo assumiu, de público, o compromisso de calçar a rua. Terminou o mandato sem pagar a promessa. Em 94, seu sobrinho Kennedy, na época candidato a deputado, mandou reunir os moradores para anunciar o pagamento da dívida do tio com juros e correção monetária, ou seja: ao invés de calçamento, asfalto. A decepção veio em seguida, quando Kennedy Barros voltou atrás e disse que não dava para asfaltar, mas que iria calçar a rua. Nem isso. Nada. Coisa nenhuma. (A RUA..., 1999, p. 2).

[35] O bairro Junco está localizado na zona leste da cidade de Picos-PI, e sua origem está associada a predominância de um tipo de capim, denominado "junco", utilizado na década de 1960 por seus moradores para encher colchões. Segundo os dados fornecidos pela FUNASA no ano de 2017, o bairro supracitado contava com uma população estimada em 14.795 habitantes. Este bairro se destaca ainda por sediar determinados órgãos, como por exemplo: a Universidade Federal do Piauí, um polo da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), a fábrica de mel Wenzel, considerada uma das principais exportadoras de mel do estado, entre outros. Esse é ainda responsável por gerar quase metade da economia da cidade. Informações disponíveis em: < Junco: Do capim para encher colchão até se tornar um dos maiores bairros de Picos – Vem Ver o Semiárido (faculdadersa.com.br)>. Acesso em: 04 de jun, 2023.

Crescia deste modo a indignação dos habitantes com os gestores supracitados. O político romeiro José Neri de Sousa havia prometido em sua campanha eleitoral reerguer a rua David Cipriano. Com um discurso convencedor, decretou que a rua seria calçada antes de 1998, contudo, chegado 1999, a situação continuava a mesma. E muito além da ausência de um calçamento ou asfalto, a população sofria também com a ausência de limpeza pública, ou seja, não existia coleta de lixo.

É importante destacar que o prefeito supracitado captava em torno dele os fervores da esperança coletiva. Havia um desejo forte por parte da população quanto às melhorias em diferentes âmbitos e cristalizava-se o ideal de progresso. (SILVA, 2014). Tal fato pode ser explicado, em grande medida, pelo viés protecionista que sua política assumia, ao organizar anualmente, por exemplo, caravanas de romeiros com destino ao estado do Ceará e implementar um programa social local, conhecido como "Sopão", que alimentava gratuitamente aproximadamente cinco mil pessoas.

Observamos que em Picos mudavam-se os gestores, como foi neste caso em que havia uma esperança coletiva bastante fervorosa, mas as promessas e o descumprimento destas permaneciam. E por esta razão os diversos problemas de ordem pública continuavam atingindo os habitantes. Esses problemas eram temas de matérias jornalísticas quase diariamente.

Em maio de 1999, foi veiculada a seguinte notícia nas páginas do periódico *Jornal de Picos*: "Buraco toma a rua Luís Nunes". A referida rua localiza-se no bairro São José[36] e contava, quando foi noticiado, com uma enorme cratera que provocava revolta e constrangimento em quem diariamente precisava trafegar pela mesma, fosse de carros, bicicletas, motocicletas ou mesmo a pé, como podemos perceber na imagem abaixo.

[36] Em torno da denominação deste bairro, a historiadora Vanessa de Moura Santos (2014) defende que há duas vertentes. A primeira delas é que se originou a partir do santo padroeiro escolhido por meio de votação na comunidade cristã. E a segunda é que teria ganhado esse nome através de reuniões realizadas pela Associação de Moradores, cujos presentes faziam menção a São José como sendo um santo operário e por isso seria uma forma de representar os trabalhos desenvolvidos pelos membros da associação frente o bairro.

Figura 5- Buraco na rua Luís Nunes, em Picos-PI,1999.



Fonte**:** Jornal de Picos.

Observamos na imagem a proporção da cratera que prejudicava os sujeitos que precisavam se locomover, além de ser também motivo de preocupação entre os pais de crianças que costumavam brincar naquele espaço, pois:

> Esse buraco além de ser muito largo, com mais de 2 metros, tomando metade da rua, tem uma considerável profundidade, com mais de 40 cm, onde várias crianças costumam brincar às vezes dentro dele, estão sujeitas a contrair algum tipo de doença presente na água poluída que fica junto ao esgoto. (BURACO..., 1999, p.5).

O que não é nada surpreendente nesta matéria é que ela informa também que em meio àquela problemática que crescia diariamente, a autoridade pública municipal havia frequentado essa parte da cidade somente no período eleitoral de campanha para governo do estado.

Ademais, um fato que nos chama a atenção no período em que José Neri de Sousa esteve à frente da gestão municipal são os estigmas de governo e administração como, por exemplo, os urubus. Caricaturistas da época costumavam produzir charges para os jornais, ridicularizando o referido gestor.

Figura 6- Charge Os Urubus, Picos-PI, 1999.



Fonte: Acervo do jornal de Picos

Notamos nesta charge que o caricaturista buscou mostrar a passividade em que se encontrava o prefeito José Néri de Sousa diante dos problemas que assolavam a população picoense naquele momento. Aparentemente muito tranquilo em relação aos urubus na fachada da prefeitura municipal, ele andava pelas ruas da cidade sem se incomodar com o acúmulo de lixos espalhados nas mesmas.

Destacamos que ao passo em que era criticado, por não estar prestando adequadamente os serviços públicos essenciais, o prefeito José Nery utilizava-se do futebol e da religiosidade como práticas políticas, sobretudo durante o período de campanhas eleitorais.

No início da década de 1990 o jornal *O Dia* noticiou que:

> Torcedores de Picos vêm pra Teresina de montão. Os caminhões que servem para carregar os romeiros para Juazeiro ou Canindé não foram desativados. Continuam com as capotas para servirem de transporte aos torcedores. São os Romeiros do Futebol [...] uma viatura montada como se fosse uma cozinha completa será trazida para Teresina comboiando as carretas que trazem os torcedores picoenses. Antes do jogo a sopa será servida a galera (TORCEDORES..., 1991, p. 16).

Salientamos também que o público que ia a Juazeiro, Canindé ou à Teresina era composto em sua grande maioria de pessoas humildes, provenientes dos bairros mais estigmatizados da cidade. E uma vez que muitos destes não dispunham de dinheiro suficiente para a compra do ingresso, o prefeito também arcava com o custo deste. Observamos assim que a partir desta aproximação com as camadas menos favorecidas, criava-se uma imagem de um bom e humilde líder político.

O historiador José Paulo Mendes (2014) respalda neste sentido que, mesmo em meio as denúncias de descaso e improbidade administrativa contra o prefeito supracitado, esse continuou durante a década de 1990 se apropriando da Sociedade Esportiva de Picos (SEP), o então time de futebol que representava a cidade de Picos, e tinha suas contas custeadas pela própria prefeitura municipal, em favor de suas práticas políticas, fato este que o levou a se eleger por três mandatos como prefeito, e uma vez como o segundo deputado mais bem votado do estado, nas eleições de 1994.

Além disso, sabe-se que a ascensão desse time picoense, composto em grande parte por jogadores advindos da periferia, que tiveram seu sucesso reconhecido nacionalmente, como foi o caso do jogador Leonardo, oriundo do bairro Malva, pobre, filho de sapateiro e contratado pelo Vasco da Gama, Palmeiras, Corinthians e Cruzeiro, fez com que o nome da cidade e do seu líder político fosse projetado a nível nacional. Com isso, "por alguns dias Picos deixou de ser a cidade dos Urubus pra ser a cidade do SEP, de Zé Nery e do Leonardo. Para conseguir isto o Sr. Prefeito teve que sujeitar a cidade de Picos a algumas privações." (MENDES, 2014, p. 50).

O investimento na Sociedade Esportiva de Picos-SEP, que no início da década de 1990 se destacava através das boas atuações seguidas de vitórias, era uma estratégia utilizada não apenas pelo prefeito José Nery, mas também por outros nomes de famílias tradicionais na política piauiense que, nas partidas decisivas faziam questão de virem até o Estádio Municipal Helvídio Nunes e circularem entre os torcedores "garimpando voto, como Warton Santos, Kleber Eulálio […] Maria Baldoíno comandava a torcida picoense nas cadeiras tendo ao lado o presidente Assis Baldoíno, o Carlos Luís e outras figuras". (TORCIDA..., 1991, p. 16).

Investir assim no esporte local e relaxar com a limpeza da cidade, deixando determinados pontos desta com mais de cinco meses sem a coleta do lixo, por exemplo, era motivo de indignação para alguns vereadores e, portanto, pautas de algumas sessões ordinárias realizadas na Câmara Municipal.

Na Ata da sessão do dia seis de março de mil novecentos e noventa e dois, o vereador eleito, Inácio Baldoíno (PFL), inconformado com a situação, se expressou dizendo:

> Enquanto alguns servidores recebem míseros salários de até quatro mil cruzeiros "com atraso", a Prefeitura paga elevados salários aos jogadores da SEP (Sociedade Esportiva de Picos), os salários destes ultrapassam os setecentos mil, "e não atrasam". (Ata da sessão do dia 06/03/1992, p.44).

Observamos, a partir das nossas análises, que a insatisfação demonstrada acima na fala do vereador supracitado, era o sentimento que predominava em muitos picoenses que, apesar de compreenderem a importância do esporte local e vibrarem com este, almejavam primeiramente uma cidade mais agradável e habitável em termos de cuidados e limpeza, mas viviam naquele momento, infelizmente, numa "cidade de expectativas", que em meio a tantas necessidades agonizava lentamente.

3 AS REPRESENTAÇÕES OLFATIVAS DO VIVER URBANO NA CIDADE DE PICOS (1980 E 1990)

O conceito de "representação" é hoje discutido no seio da historiografia brasileira sob diferentes perspectivas de análise, sobretudo pelos historiadores do campo da História Cultural. Etimologicamente, esta é uma palavra que significa "tornar presente" ou "apresentar de novo", sendo na maior parte das vezes aplicada a objetos inanimados, não possuindo desta forma nenhuma relação com pessoas, por exemplo.

Segundo o historiador Dominique Vieira Coelho dos Santos (2011), essa palavra se expandiu por volta dos séculos XIII e XIV, momento em que é afirmado que o papa e cardeais são representações de Cristo na terra. Esta ideia de "semelhança", ou ainda de "imagem" é assim o que o termo "representação" assume, por exemplo, na filosofia.

Já para o historiador Roger Chartier (1990) que escreve sobre as práticas de representações, esse conceito possui dois sentidos de certa forma contraditórios entre si. Pois, por um lado significa "fazer ver uma ausência". De outro, quer dizer a "apresentação de uma presença", seja de algo público ou de uma pessoa.

> Representar é, pois, fazer conhecer as coisas mediante 'pela pintura de um objeto', 'pelas palavras e gestos', 'por algumas figuras, por 'marcas' – como os enigmas, os emblemas, as fábulas, as alegorias. Representar no sentido jurídico e político é também 'manter o lugar de alguém, ter em mãos sua autoridade' (CHARTIER, 2002, p. 165).

Podemos entender, desta maneira, que as "representações" na sua visão se constituem em construções sociais da realidade, pois os sujeitos, a partir de seus próprios interesses da vivência coletiva, fundamentam suas visões de mundo à medida em que criam representações de si mesmos ou grupos distintos.

Ademais, o autor supracitado também nos mostra que para entendermos de fato sobre a representação, independente se ela é textual ou iconográfica, é necessário compreendermos também suas formas e intenções. Segundo ele, a representação não nos afasta da realidade, tampouco do social, ao contrário, ela nos ajuda enquanto aprendizes de historiadores a desfazermos da "pobre ideia do real", como escreveu Michel Foucault (2002) ao enfatizar a força das representações.

Estudar a Picos de outrora, portanto, sob a ótica das representações olfativas, consiste em apresentá-la e analisá-la tendo como base seus cheiros e odores e, a partir disso identificar, por exemplo, os problemas que afetavam a população picoense no que concerne à ausência de

cuidados públicos e que refletiam não apenas de maneira estética, mas também na própria saúde dos habitantes.

Assim, baseados nestes posicionamentos em torno deste conceito que entendemos como interdisciplinar, por perpassar outras áreas das Ciências Humanas e nos servir como suporte teórico para que possamos compreender as experiências históricas e suas complexidades, nos propomos a discutir, especificamente neste capítulo, sobre as representações olfativas em torno da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990.

Neste sentido enfocaremos, a partir das memórias de suas gentes, aspectos relacionados à dinamização da feira livre da cidade, suas condições de higiene e, consequentemente, seus cheiros. Discutiremos acerca da relação dos animais com o espaço urbano em si e às "funções" distintas a qual assumiram, também sobre o problema do lixo, da sujeira e do mau cheiro que constituíam problemas que afetavam diretamente a população em vários sentidos. E, por fim, faremos uma breve reflexão sobre a alcunha de "cidade-modelo" e "cidade dos urubus" que a urbe Picos recebeu.

3.1 Um espaço de sociabilidades e de múltiplos cheiros: a feira livre de Picos-PI

As feiras livres são marcadas, de modo geral, por diferentes relações sociais. Trata-se de um espaço onde se realiza compra e vendas de produtos e propicia a troca entre as diferentes culturas e classes. Na Idade Média, por exemplo, as famosas feiras reuniam vendedores de diversos locais, sobretudo nos momentos de festividades, tempo favorável para a negociação de produtos.

Aqui no Brasil, a história das primeiras feiras está relacionada ao período da colonização, pois desde essa época que estas se expandiram e passaram a exercer um importante papel, tanto no que concerne ao abastecimento dos primeiros assentamentos humanos, quanto na própria organização social e econômica das populações. A autora Camila Aude Guimarães (2010) em estudos acerca de tal questão, afirma que nestas primeiras feiras era forte a presença das populares quitandas ao ar livre. Nesta ainda, as vendedoras negras comercializavam diferentes tipos de produtos da pesca, lavoura ou mesmo feitos em casa.

As feiras livres são assim espaços de sociabilidades, pois em suas diferentes configurações, acabam aglomerando variados sujeitos. É nesse tipo de ambiente, por exemplo, que podemos observar não apenas a troca de produtos, mas também de saberes, sabores, odores, além é claro do próprio lazer que esta pode proporcionar nos dias considerados ideais para a realização das compras.

A autora Nayana Corrêa Bonamichi (2013) afirma que para algumas pessoas, a tradição de ir à feira se torna um ritual, que por sua vez é carregado de valor tanto simbólico quanto afetivo. Assim como uma festividade, a feira livre se apresenta também como uma possibilidade de integração social e celebra costumes com força instauradora dentro de sua própria rotina.

Além disso, observa-se que uma vez que as feiras se apropriam de ruas, este espaço deixa de ser um simples local de passagem e assume a dimensão do encontro, como assinala a geógrafa Ana Fani Carlos (2007), ao falar das ruas nos trabalhos de Lefebvre.

> A rua, nos trabalhos de Lefebvre, não é apenas um lugar de passagem e de circulação, mas o *lugar do encontro*, sem o qual não é possível outros lugares de encontros como os cafés e os teatros. A rua tem uma animação própria: "na rua, teatro espontâneo, eu me torno espetáculo e espectador, às vezes ator. Aqui se efetua o movimento, uma mistura sem a qual não existe vida urbana, mas separação, segregação estipulada e fixa" (CARLOS, 2007, p. 54).

Renato Duarte (1995), ao se reportar a feira livre da Picos de 1950, por exemplo, afirma que nesta podia ser percebida a socialização e a interação entre as pessoas vindas do interior com as da cidade, e que era nesta que os agricultores de subsistência vendiam seu pequeno excedente agrícola e, consequentemente compravam os demais produtos necessários para sobrevivência. Entre os itens mais frequentes que os feirantes compravam e levavam para casa com o dinheiro adquirido em suas vendas estavam:

> Porções de café, açúcar, querosene, óleo de capim, pedaços de sabão, fósforos e, dependendo do apurado, cortes de tecido grosseiro, como algodãozinho, riscado, mescla, chita, chitão. Essa listagem tão restrita de produtos industrializados consumidos pela população rural do sertão nordestino retrata com nitidez a problemática da chamada agricultura de subsistência. (DUARTE, 1995, p. 70).

Notamos que se tratava de uma modesta lista de produtos que eram levados para casa, o que acreditamos serem os itens mais básicos, pois era pequeno o excedente comercializável de cada família rural. Segundo Duarte (1995), a situação se agravava ainda mais no período da seca, pois a perda da plantação levava os agricultores à situação de penúria.

Registros apontam que havia uma intensa comercialização de produtos desde o povoamento de Picos, ainda nas proximidades da igreja do Sagrado Coração de Jesus. No entanto, a primeira feira livre organizada aconteceu no século XIX, mais precisamente em 16 de setembro de 1845, na rua do Foguete, atualmente denominada de rua Coelho Rodrigues, segundo os estudos realizados pela historiadora Elieny Veloso de Carvalho (2013).

A autora supracitada afirma também que no início comercializavam-se desde animais, como jumentos, por exemplo, até os alimentos cultivados na região, como feijão, arroz e milho. De acordo com seus estudos, os feirantes armavam suas "bancas" debaixo de árvores como o juazeiro e o umbu, que serviam de sombras. Esta feira restringia-se ainda aos sábados, hoje embora haja uma maior intensificação de pessoas de diferentes lugares especificamente neste dia da semana, a mesma ocorre diariamente.

Este espaço da feira livre, porém, sofreu mudanças, pois como ressalta a autora mencionada, esta foi transferida para a rua do Cantinho, atual rua Coronel Luís Santos, nas proximidades do Mercado Público Municipal. Já neste último local, Elieny Veloso de Carvalho (2013) destaca um aspecto muito interessante, que diz respeito a enchente da década de 1960 a qual prejudicou os feirantes e agricultores da região de Picos e destruiu toda a feira. Sendo assim, a feira livre foi mais uma vez transferida, desta vez para a praça Félix Pacheco.

Durante as décadas de 1980 e 1990, observamos que esta feira livre da cidade de Picos-PI havia se expandido e com isso aumentou a quantidade/variedade de produtos expostos à venda. Conforme aparece Na poesia *A feira*, do poeta Vilebaldo Nogueira:

A fartura se estende além do olhar.
Procurando tudo acha.
Abóbora, beterraba, limão
Algodão-doce, doce de buriti,
Pão, moscas, moças, putas
E os que andam na contra-mão.

__ Ovo e uva boa!!! Ovo e uva boa!!!
[....]
Verdura, laranja, abacate, caju
Abacaxi, pêra, uva, maçã
E gente de toda cor.
[....]
Melancia, jaca, pitomba, jacá
Ata, banana, pêssego, maracujá
Vassoura, acerola, carambola
Uma cachorra passeia entre as pernas.

__ Moço me dá um trocado!

O dia passa meticuloso.
A tarde agoniza entre detritos.
Garis varrem a educação do povo.
Uma mulher varre o chão:
Peneira o feijão desperdiçado,
A barriga agradece.

Gritos ressoam feito galo na madrugada.

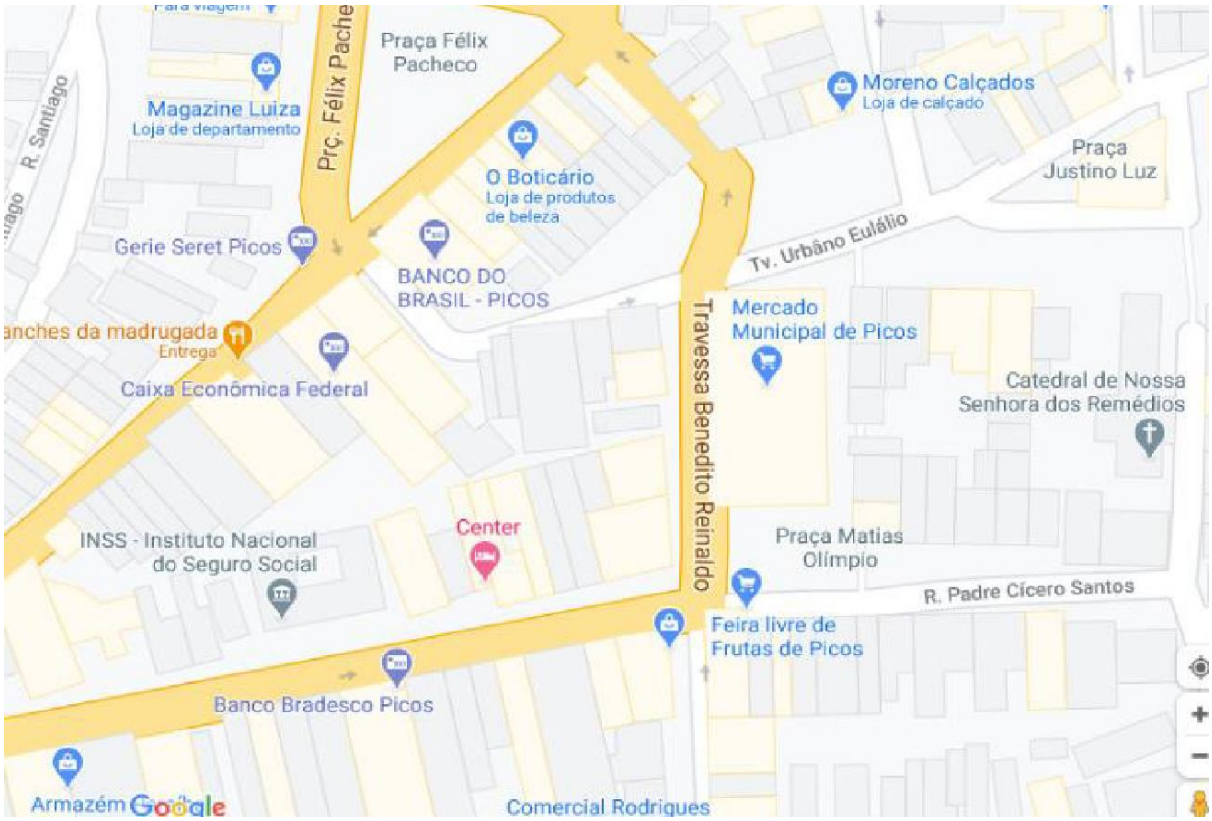
Comida feita na hora, gordurosamente,
Almoço feito na pressa...

A tarde finda,
O corpo pede descanso
E amanhã é outro dia.

(NOGUEIRA, 2019).

A comercialização desses diferentes produtos, que antes se resumia a um único logradouro, passou a se estender pelas praças Justino Luz, Matias Olímpio, Travessas Benedito Reinaldo e Urbano Eulálio, bem como a rua Padre Cicero Santos, essas que eram bem próximas, como podemos acompanhar no mapa padrão abaixo, formando o que os picoenses intitulam de "quadro da feira".

Figura 7- Mapa padrão das ruas de Picos, 2022



Fonte: Adaptada, SOUSA, 2023.

Embora fossem locais próximos e que oferecessem diversos produtos à visitantes, compradores e/ou vendedores, sabemos que a maior concentração de barracas e de pessoas se dava na praça Justino Luz, no entorno da igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios (figura

08). Era, sobretudo, neste espaço que se notava a mescla entre o rural e o urbano e aumentavam as possibilidades de trocas entre os sujeitos.

Figura 8- Feira livre de Picos-PI, 1982



Fonte: Jornal de Picos.

Ao observarmos esta última imagem, onde pessoas realizam suas compras nas bancas espalhadas nas proximidades da igreja matriz, supomos que estas são oriundas da zona rural, pois segundo um comerciante da época, em depoimento ao jornal de Picos na década de 1980:

> A maioria dos frequentadores da feira livre são provenientes do interior. 70 ou 80% dos compradores do mercado público são da zona rural. O pessoal da cidade, ainda que na feira seja mais barato, preferem comprar em supermercados. O homem do interior prefere comprar no mercado porque ali ele tem uma oportunidade de pechinchar, coisa que ele adora. (MERCADO..., 1982, p.5).

Estas barracas improvisadas, de tamanhos distintos, sem nenhuma demarcação e que expunham à venda uma variedade de produtos, eram instaladas no espaço urbano formando

uma espécie de labirinto que acabava, acreditamos, dificultando a circulação das pessoas e dos carros[37] existentes na cidade.

A expansão destas barracas se deu, porém, pelo fato de o Mercado Público, construído ainda na década de 1920, na gestão do prefeito Francisco de Sousa Santos[38], e considerado hoje um patrimônio cultural da cidade não apresentar, desde a década de 1970, condições físicas adequadas para atender a população. Conforme publicado no jornal *O Estado*, o Mercado municipal estava relegado a segundo plano e misturava-se o forte odor dos velhos sacos de lixos e restos de comidas, que representavam uma verdadeira promiscuidade.

A cidade assim retrocedia cada vez mais na higiene que deveria ser garantida a população, sobretudo no que concerne a maneira como os alimentos eram conduzidos para as dependências do Mercado, e que de lá sairiam para a mesa dos consumidores. A carne, por exemplo, antes vendida no referido espaço, era transportada numa caminhonete modelo furgão. Entretanto,

> pouco tempo depois, foi adaptado com uma carroceria aberta que, aos sábados, servia para transportar os eleitores, consoante testemunho dos próprios habitantes da cidade. A administração da cidade, considerando que a caminhonete havia se tornado obsoleta para aquele trabalho, deixou-a de lado e a carne passou a ser transportada em um carro basculante que, durante o dia servia a limpeza pública já que a carne era levada à noite. (PICOS..., 1973, p.12).

Essa maneira irregular de transportar carnes até o Mercado Público se agravou ainda mais quando a administração política da época colocou à disposição deste tipo de serviço uma antiga ambulância, utilizada por muito tempo para o transporte de enfermos da cidade e, para isso tentou burlá-la, pintando-a de outra cor para que a população não percebesse. Sabe-se que revoltado, o povo picoense, juntamente com a imprensa se reuniram protestando até que esta fosse retirada de circulação.

> Dias mais tarde passou a ser utilizada no transporte da carne um outro tipo de veículo: uma ambulância adquirida pelo atual prefeito, que já servira para

[37] De acordo com a historiadora Mara Gonçalves de Carvalho (2015) os carros em Picos, embora existissem desde 1920, consistia num artigo de luxo onde apenas as pessoas de maior poder aquisitivo poderiam desfrutar. E aqueles que não possuíam transportes próprios, mas que podiam pagar pela ida à Picos, se deslocavam no pau-de-arara, ou seja, um caminhão com a carroceria adaptada com lonas e tábuas improvisadas, utilizado como meio de transporte por bastante tempo de uma cidade para outra, sobretudo durante o êxodo de nordestinos para a região sul do Brasil.
[38] Foi um coronel, comerciante e prefeito intendente da cidade de Picos-PI, entre os anos de 1920-1924. Foi ainda nomeado em 1927 como primeiro Suplente Substituto do Juiz Federal de Picos, e eleito deputado estadual em 1930. Informações disponíveis em: <Francisco de Sousa Santos: Politician (1882 - 1951) | Biography, Facts, Information, Career, Wiki, Life (peoplepill.com)>. Acesso em: 06 jun, 2023.

> transportar doentes de diferentes males. O carro disfarçado com tinta amarelada para fugir da sua cor natural (branca) ainda hoje não transporta a carne porque jornais e a própria população gritaram alto e a velha ambulância foi escondida, não prestando mais serviço algum à coletividade. (PICOS..., 1973, p.12).

Na imagem a seguir, observamos a parte externa do Mercado Municipal, em um dia possivelmente de feira, cujos produtos vendidos em maior quantidade, como a goma, o arroz e a farinha, por exemplo, ficavam expostos em frente aos boxes que davam acesso a área interna onde eram vendidos outros produtos, e às ruas adjacentes pelas quais se espalhavam as diversas barracas.

Figura 9- Mercado Público de Picos-PI, década de 1980



Fonte: Jornal Macambira.

Como já mencionado, a higienização deste espaço era muito insuficiente, e isso explica a repulsa sentida por muitos picoenses que optavam pelos supermercados.

> A limpeza é feita duas vezes ao dia, e consiste em uma simples coleta dos detritos que se acumulam em redor das bancas que vendem frutas, sua maioria acumuladas pelo próprio comerciante, que no afã de melhor expor suas mercadorias, não se importa com o aspecto ao redor de seu local de trabalho. (MERCADO..., 1982, p. 5).

Em uma das matérias do jornal *Macambira* do ano de 1981 é descrita, de forma minuciosa, como de fato acontecia a combinação entre os elementos rurais e urbanos, principalmente aos sábados.

> Todos os sábados, pela manhã, o povo sai às ruas para fazer a feira. Da praça da Matriz, as bancas de verduras, bijuteria, arroz, farinha e de tudo quanto há se estendem barulhentas por entre as ruas. Mas, diferente até mesmo da original feira do "troca-troca" ou das bancas improvisadas de jogadores astuciosos, se reúnem à vista os símbolos da resistência nordestina. Do lado da Igreja, olhando para um poste (sempre o mesmo todas as semanas), pode-se ver o ajuntamento dos jegues. (PICOS..., 1981, p. 2).

Notamos que o sábado, especificamente na parte da manhã, aparece nesta matéria como o dia e horário ideal para as compras e vendas de diferentes produtos. Acreditamos que isso se justifique no fato de ser o dia em que a feira reúne o maior número de negociantes e compradores da macrorregião, portanto, tem maior variedade de produtos que agradam a diferentes gostos. Também porque este é um dia que a maioria das pessoas já não exercem mais suas atividades trabalhistas e, assim, têm mais tempo livre para realizarem suas compras e/ou socializarem com amigos e conhecidos.

Nesta eufórica concorrência e aproximação entre vendedores e fregueses, que disputavam o então espaço da feira em busca de melhores produtos e preços, notava-se que:

> O inevitável corpo-a-corpo força a aproximação das pessoas mais diferentes possíveis, tanto que é possível sentir ao mesmo tempo o perfume da madame e o bafo de pinga do feirante, que anuncia seus produtos em promoção.
> Um senhor de óculos escuro, camiseta polo, bermuda de linho, sandálias de fino couro e relógio miúdo folheado a ouro disputa espaço com o estivador que transporta um enorme jacá de frutas à cabeça. Enquanto isso, duas senhoras que portam sacolas floridas trocam umas poucas palavras, pondo em dia as fofocas da semana e interditando o tráfego no estreito corredor. (FEIRA..., 1999, p. 4).

A matéria acima faz menção a dois cheiros distintos que acabavam se misturando neste espaço da feira livre: o do *perfume* e o da *cachaça*. Interpretamos esses cheiros como elementos que demarcavam o status social de duas classes: de um lado a mulher boêmia que se perfumava para ir às compras e de outro o vendedor que, preocupado apenas em conseguir vender seus produtos, acabava na maioria das vezes consumindo bebidas e, supostamente já embriagado, os colocavam em promoção visando vender o mais rápido possível.

Outro elemento que distinguiam as classes neste espaço da feira era a maneira de se trajar e de se comportar dos sujeitos. Aqueles que possuíam maiores condições financeiras, de

acordo com a matéria, eram mais vaidosos e, apesar de ter que dividir o mesmo espaço com o estivador, por exemplo, acabavam se diferenciando, quer fosse pela maneira de se trajar, comportar ou mesmo de falar.

Observamos também que neste espaço existiam determinadas particularidades entre os sujeitos vindos do meio rural. Expressões como: *ei, bichinha*, *dona Maria* e *ei, comadre*, eram típicas entre estes feirantes e compradores quando não se sabia o nome correto daquela pessoa a qual desejava vender ou comprar os produtos. (Vitória Custódia Neta[39], 2019).

Se observarmos a feira livre de Picos na atualidade, por exemplo, percebemos que muitas destas práticas como o uso de adjetivos para se referir ao cliente ainda se mantêm. Porém, as relações entre as pessoas vêm se modificando cada vez mais, pois como destaca a geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2000), estamos se fechando intramuros, e as casas acabam assim preservando nossas individualidades, o que faz com que o nosso comportamento acabe marcando assim um limite entre o cheio e o vazio.

Ademais, perdurava na feira livre de Picos as relações familiares e de confiança que eram transplantadas para o comércio. Isso podia ser observado tanto na aquisição de mercadoria, quanto na venda delas. Algumas pessoas compravam fiado tendo como base a confiança pessoal do conhecimento e/ou da amizade. (DUARTE, 1995).

Também se notava um contraste do movimento comercial no período de safra (julho-dezembro) e entressafra (janeiro-maio). No primeiro período, obviamente as relações comerciais se intensificavam e, consequentemente, ampliava-se o mercado de consumo. Já no segundo período, uma vez que o dinheiro diminuía, dominava o sistema de crédito conhecido como *fiado* e as vendas declinavam.

Esta feira que recolhia a produção agrícola da macrorregião de Picos acabava ainda agregando, dentro de um mesmo espaço, variados produtos que assim atendiam as necessidades de sua gente. Como podemos observar na matéria abaixo, cada região era "responsável" por trazer determinados produtos para serem comercializados, tornando assim no período de safra a feira ainda mais movimentada.

> Jegues, com suas cargas ao lombo, caminhões que acedem em levar, além de suas mercadorias, as colheitas dos pequenos lavradores, caminhões que estão de passagem e aproveitam para comercializar suas cargas, dão vida à cidade. De Itainópolis chegam cebolas, alhos, batata doce, e também cera de carnaúba e ainda as colheitas de milho, feijão e mandioca, que lhes foram enviadas de Isaías Coelho sem conseguirem colocação local. De Simplício Mendes

[39] Vitória Custódia Neta, nasceu na cidade de Picos-PI, em 05 de outubro de 1968. Atualmente reside no bairro Ipueiras e atua como comerciante na Feira Livre de Picos.

> chegam milho e feijão; de Oeiras e de Dom Expedito Lopes o fumo, vendido a retalho. Mas os lavradores deste último município não trazem produtos alimentícios, por serem adquiridos in loco pelos bodegueiros e comerciantes rurais.
> Os demais produtos alimentícios, como a cebola, o milho, o arroz e o feijão são adquiridos, quer em grandes quer em pequenas quantidades; já as frutas, os produtos de perfumaria, as roupas feitas, as "quinquilharias" e, raramente o fumo, são vendidos geralmente a retalho. (PICOS..., 1981, p. 2).

Na matéria fica claro também que determinados produtos como a cebola, o milho, o arroz e o feijão eram vendidos em quantidades que dependiam da preferência do cliente. Já outros itens como perfumes, roupas e o próprio fumo, por exemplo, eram vendidos em pequenas quantidades.

A imagem abaixo, embora se reporte aos anos de 1970, ilustra bem a comercialização de cereais vendidos no atacado e no varejo, feita em quase toda a sua totalidade por homens advindos do meio rural, no dia de feira na cidade de Picos-PI, que de certa forma se estende até os dias atuais. Essa quantidade expressiva de vendedores e produtos dava e dar assim ao comprador diversas opções de preço e qualidade.

Figura 10- Feira de cereais na cidade de Picos-PI, 1974.



Fonte: Acervo do IBGE.

Além destes produtos supracitados, vindos da macrorregião em animais ou caminhões para serem comercializados nas barracas ou mesmo no chão da cidade, havia aqueles que eram vendidos somente em lojas, mas que sofriam a influência da feira no sentido de que recebiam muitas vezes encomendas às segundas-feiras e despachavam nos sábados, quando havia maior quantidade de caminhões para as regiões vizinhas que comercializavam com Picos.

Destacamos também que alguns hábitos eram seguidos, sobretudo pelos compradores e vendedores que vinham de outros povoados da região de Picos. A senhora Diva Maria Gonçalves Sousa[40] (2022) nos relatou que ao adentrarem o espaço urbano de Picos se movimentavam a pé, contudo, para chegar até lá costumavam irem montados em animais, estes que ficavam amarrados em alguns pontos, como nas proximidades do rio Guaribas, por exemplo.

Segundo a entrevistada mencionada, alguns produtos de consumo diário ficavam disponíveis somente nos pequenos comércios, na época chamados de *budegas*, e por isso costumavam levar consigo sacos para acomodá-los, seguindo a especificidade de cada um.

> Era budega, chamava budega. E, pra feira nos sábados, cada um com um saquinho tiracolo... cada coisa que ia comprar, tinha um saco pra colocar. Voltava, a hora que voltava pra casa, pegava o jumento que deixava amarrado na beira do rio... pegava o jumento, botava a carga se andasse com surrão, botava uma carga de surrão de um lado e outro da cangaia, botava as coisas da feira, cada qual em seu saquinho, dentro do surrão e vinha pra casa... chegava à noite já. E quando tinha a carga de feijão para vender, ia no mesmo jumento e deixava amarrado, levava o feijão pra feira, vendia para comprar outras coisas pra trazer pra casa. (Diva Maria Gonçalves Sousa, 2022)

Percebemos na fala da entrevistada acima que o comprador, homem oriundo do meio rural na maioria das vezes, era também feirante à medida em que levava determinados produtos para serem comercializados, e com o dinheiro que obtinham compravam outros itens produzidos na cidade. Assim, quando há essa divisão do trabalho, isto é, daquilo que é produzido entre campo e cidade, estabelece-se uma troca e, consequentemente, a cidade deixa de ser "apenas a sede de classe dominante, onde o excedente do campo é somente consumido para se inserir no circuito da produção propriamente dita". (ROLNIK, 1995, p. 27).

Ademais, na feira livre de Picos do período (1980 e 1990), segundo a historiadora Elieny Veloso de Carvalho (2013), era grande a presença de barracas, o que favorecia a formação de "labirintos" e "emaranhados de estreitos corredores parcialmente sombreados por inúmeras e

[40] Diva Maria Gonçalves Sousa, aposentada e mãe de dois filhos, nasceu em 10 de junho de 1960, em Geminiano-PI, considerada até sua emancipação política em 1994, um povoado pertencente a Picos.

variadas mercadorias expostas à venda, por onde circulavam milhares de pessoas consumidoras em busca de produtos necessitados". (CARVALHO, 2013, p. 34).

Nestes estreitos corredores por onde trafegavam inúmeras pessoas, quer fosse comprando, vendendo ou mesmo visitando poderia sentir além do cheiro da fruta apodrecida, das comidas caseiras, da cachaça, do fumo, do alho e da cebola por vezes esmagados, da fumaça expelida pelos motores dos poucos automóveis, das fezes dos animais, também o cheiro do suor forte provocado pelo calor do sol, bem como pela própria falta de higiene em muitos casos, uma vez que os perfumes antitranspirantes eram de difícil acesso para aqueles que não dispunham de maiores conhecimentos acerca dos mesmos ou de condições financeiras.

Sobre os cheiros mencionados, os químicos Carolina Godinho Rotondo e Pedro Faria (2008) pontuam que o do alho e da cebola, por exemplo, contêm proteínas com aminoácidos ricos em cisteína e metionina, que possui enxofre em suas cadeias laterais. Logo, estes são inodoros até serem cortados ou esmagados, pois:

> Quando isso acontece, algumas enzimas convertem esses aminoácidos em compostos voláteis, como os dissulfetos, nos quais dois átomos de enxofre formam uma ponte entre dois fragmentos de hidrocarbonetos, sendo o dissulfeto de dialila o responsável pelo cheiro do alho e o alilpropildissulfeto da cebola". (ROTONDO; FARIA, 2008, p. 161).

Já em relação ao cheiro do suor, muitas vezes desagradáveis e que expelimos através da nossa pele, bem como os odores expelidos por outros orifícios humanos, a química explica que se dá em razão da expulsão em grande abundância, pelo organismo, de diversos compostos, entre eles o isopreno, a amônia, o potássio, bem como alguns metais, como o cobre, ferro, zinco, manganês, níquel, entre outros.

Deduzimos ainda, que nesta busca incessante pelos múltiplos produtos vendidos na feira livre, os sujeitos se misturavam entre si, ainda que muitas vezes de maneira forçosa, pois na feira lotada as pessoas se empurram, se acotovelam, se xingam e se reclamam. E é também no espaço da feira livre que de um lado pede-se descontos, do outro oferecem-se promoções, convergindo assim os interesses mais distintos.

Além do mais, destacamos que ao passo em que a feira livre da cidade de Picos se expandia, crescia também o descontentamento por parte dos seus habitantes em relação às condições de higiene, o que pode ser observado, sobretudo na década de 1990. O *jornal de Picos*, por exemplo, noticiou no ano de 1996 a opinião de um picoense sobre a realização das feiras aos sábados, o qual acreditava que esta já não mais empolgava como antes, embora alguns hábitos trazidos pelo homem do campo ainda fossem conservados.

> As feiras livres de Picos hoje em dia andam beirando o escárnio, desapropriadamente instalada em lugares em que acho eu que nossos representantes nunca passaram em frente e se passaram não perceberam ou que sabe nunca viram a inverossímil imundície, e as inconveniências que sofremos ao passar no meio das barracas, o mau cheiro, o lixo e um esgoto a céu aberto que corre como uma singela ribeirada que simplesmente desprava e convive com frutas e legumes que consumimos levando problemas à nossa população e aos aptos a contornar essa suposta epidemia pestilenta. (CIDADE...,1996, p. 4).

O fragmento acima reforça que não havia uma preocupação por parte dos órgãos públicos municipais em manter o saneamento básico da cidade ou mesmo de fiscalizar as dependências da feira livre. Como apontam as fontes analisadas, além do cheiro das frutas e legumes estragados, havia também um odor muito forte de esgoto que corria em frente aos estabelecimentos destinados à venda de comidas, bem como a presença de ratos e baratas, colocando assim em risco a saúde dos consumidores.

Ao vivenciarem essa deplorável realidade, alguns picoenses apontavam como solução a mudança de local[41], pois acreditavam que só assim teriam condições dignas de higiene e ficariam livres do medo de contaminação. Outros ainda questionavam o silenciamento do povo quanto aquela situação. Mas o que sabemos de fato é que a feira permanece até os dias atuais no mesmo local e conta com uma significativa variedade de produtos expostos à venda, permanecendo os esgotos a céu aberto em seus arredores que, embora não sejam como antes, ainda provocam constrangimentos em quem tem que conviver diariamente no local.

Além da falta de preocupação com a segurança alimentar dos consumidores, observamos também que não havia na época, por parte dos gestores, o apoio e incentivo necessário para a manutenção e funcionamento da feira de artesanato, que ocorria na praça Josino Ferreira, ao final de cada mês, promovida pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Essa feira que reunia diversos artefatos produzidos manualmente pelos alunos do referido curso e visava, além do desenvolvimento econômico, também o social, entrou em decadência ainda na década de 1980 e os motivos iam além da falta de recursos para a aquisição de material para estoque, transportes e da reduzida margem de lucro nas peças vendidas.

[41]Segundo o jornal *Tribuna Picos*, em 1993, a feira livre vinha tomando grandes proporções. A prefeitura municipal, visando conciliar seu crescimento ao padrão de desenvolvimento da cidade, começou a diligenciar providências no sentido de transferir o movimento do centro para um parque à margem esquerda do rio Guaribas, no bairro Boa Sorte, contudo até hoje a feira livre permanece no mesmo local.

> O motivo dessa queda, segundo os próprios feirantes, é a falta de apoio dos meios oficiais. Além disso, alegam que o próprio presidente da associação, José Osvaldo, que poderia reivindicar alguma ajuda à classe, não aparece na feira há mais de um ano. Segundo alguns feirantes, que trabalham no Junco, o presidente não faz nada pela categoria, acrescentando que ele se queixa do Mobral e nós nos queixamos dele. (FEIRA..., 1982, p. 3).

Sabe-se que apesar de ter sido realizado estudos posteriores para a implantação de Associações de Artesãos, mediante convênios firmados entre o Programa Nacional de Artesanato (PNDA) e o Programa de Desenvolvimento do Artesanato Piauiense (PRODART), e tenha sido constatado que o município de Picos possuía um grande potencial extrativista de palha de carnaúba, incluindo também outras atividades artesanais como o couro, a cerâmica e a madeira, a feira de artesanato não se manteve na cidade de Picos-PI[42].

Contudo, outros produtos tipicamente produzidos em solo picoense movimentaram a economia da cidade por muito tempo, como é o caso do alho, cuja cultura de plantação e venda era bastante forte, sobretudo pelos moradores do bairro Ipueiras. A imagem a seguir, embora não corresponda ao recorte temporal desta pesquisa, a utilizamos para ilustrar e demonstrar que houve uma continuidade desta prática nas décadas subsequentes.

[42] Destacamos ainda que neste mesmo período o Banco do Nordeste do Brasil-BNB realizou uma pesquisa a nível Nordeste para verificar a situação do artesanato em toda a região e constatou que a falta de capital, sobretudo de giro, a sazonalidade do mercado, a ausência de fluxo permanente de comercialização intermediária e as dificuldades de embarque eram alguns dos problemas enfrentados pelos artesãos nordestinos. O referido banco buscava com essa pesquisa oferecer a contribuição às ações e políticas para o setor artesanal de todo o Nordeste.

Figura 11- Venda de alho na feira livre de Picos-PI, em 1970.



Fonte**:** Foto Varão Memórias.

Destacamos, entretanto, que a comercialização desse alho produzido em Picos se expandia também para outros estados e regiões, pois os caminhoneiros que transportavam frutas do Ceará e Pernambuco para Picos, quando de volta para suas respectivas cidades, compravam o alho em uma significável quantidade para revender[43].

O jornal *Macambira* noticiou que em 1981, existiam cerca de 55 quilômetros de plantações de alho no leito do rio Guaribas e um número expressivo de famílias que viviam da renda dessas plantações, quer fossem os donos ou apenas os trabalhadores que se utilizavam da mão de obra familiar. Para o representante em Picos do Programa de Desenvolvimento Rural (PDR) da Universidade Federal do Piauí na época, Pedro Feitosa, a cultura do alho às margens do Guaribas era economicamente uma das maiores fontes de renda para a economia do estado do Piauí.

Embora fosse uma atividade que exigisse bastante mão de obra, essa ainda era vista como algo que valia a pena o investimento.

> Plantar alho, apesar de tudo, ainda é um trabalho rendoso. Se a produção for boa, se o clima ajudar é possível arrecadar um bom dinheiro. Hoje em dia na

[43] Observamos, deste modo, que a produção do alho na cidade de Picos no período em estudo, se expandiu e passou a suprir uma demanda muito maior do que a exigida pelo mercado local no início da comercialização deste produto.

> feira do alho em Picos, uma das mais concorridas da região, o preço médio é de 6 mil cruzeiros o milheiro, ou seja, 10 tranças de 100 cabeças cada. Numa produção satisfatória, 1 hectare produz em torno de 3 mil kg de alho. Fazendo os cálculos, é um trabalho vantajoso e é por isso que tanta gente aposta nele. (ALHO..., 1981, p. 5).

Por outro lado, era uma atividade também arriscada, pois quando ocorriam as chuvas em setembro ou outubro, por exemplo, que era a época de colheita, perdia-se a produção, bem como quando o rio se encontrava seco, como foi o caso do ano de 1992.

> Em função do baixo volume d'água do rio Guaribas, que ultimamente tem apresentado o seu leito seco, o município de Picos já não é o maior produtor de alho do Nordeste. A produção de alho, a principal cultura cultivada ao longo do curso do rio Guaribas, tem caído consideravelmente, registrando uma queda mais drástica durante a safra deste ano, quando foram colhidas apenas 203 toneladas do produto, o equivalente a apenas 48 por cento da produção do ano passado. (GUARIBAS..., 1992, p. 5).

Apesar de os bancos muitas vezes financiarem a produção do alho e assegurar ao agricultor, em caso de perda da colheita, a maioria dos produtores não faziam financiamento, pois temiam que não fossem ganhar nada. Sabe-se também que as plantações nas margens do rio em si eram mais seguras, contudo, exigiam mais verbas, o custo era maior e o trabalho mais dispendioso, por essas razões os produtores preferiam enfrentar os riscos das chuvas.

Todavia, essa realidade começou a mudar a partir de 1983, quando terminou a construção da barragem de Bocaina[44], feita pelo 3º BEC, e que tinha como finalidade regularizar a vazão do rio Guaribas para fins de uso hidro agrícola, abastecimento das populações e amortecimento das cheias. Assim como propiciar a ampliação do cultivo agrícola, estender o cultivo do alho para áreas situadas fora do leito do rio, implantar novas culturas e estimular a pecuária.

Deste modo, levando-se em conta os cheiros dos alimentos produzidos em Picos e comercializados na feira livre, destacava-se o cheiro do alho, da goma, da farinha, do mel, das comidas regionais produzidas no mercado municipal (baião-de-dois, panelada, buchada,

[44] Esta barragem que recebe o nome do município ao qual está localizada, foi construída em um período de grande seca no semiárido piauiense, cujo objetivo era abastecer de água a região e regularizar as vazões e irrigações. Tal represa contava na época em que foi construída pelo 3º BEC, com uma bacia hidrográfica de 960 km², bacia hidráulica 1.100 ha, 106.000.000 m³/ano e extensão da linha de fundo – 16 km, o que possibilitaria o abastecimento de aproximadamente 150.000 pessoas da região de Picos e Bocaina. Informações disponíveis em: < Barragem de Bocaina, Piauí: contexto histórico da construção, finalidades e uso recente | Rocha | Contraponto (ufpi.br)>. Acesso em: 20 março, 2023.

sarapatel, mão-de-vaca, galinha caipira etc.), mas também das frutas que apodreciam e dos próprios esgotos que existiam a céu aberto em suas proximidades e provocava o mau odor.

Sobre este assunto, o entrevistado Vilebaldo Nogueira (2022) associou-o a falta de fiscalização do poder público que de certa forma ainda se perpetua até os dias atuais, bem como a própria conscientização por parte dos feirantes em manter a higiene das áreas em que estão instaladas suas barracas.

> A feira ficava no centro da cidade, ocupando praças e ruas sem uma devida organização. E como na feira são comercializados vários produtos perecíveis né?! Durante esse período continuava aquele cheiro de frutas podres. Já ao esgoto que existia causava sempre esse mau odor. Então as feiras sempre foi esse problema que a gente tinha pela falta de organização que de certa forma continua até os dias atuais. Até hoje a gente não tem uma organização adequada para comportar uma feira pública. Necessita de mais fiscalização, de mais conscientização dos próprios feirantes em manter a higiene pública, principalmente uma fiscalização do poder público. (Vilebaldo Nogueira Rocha, 2022)

Cabe salientar ainda que além do alho, boa parte dos demais produtos da região, comercializados na feira livre de Picos nas décadas de 1980 e 1990, também eram exportados para outras regiões do Nordeste, como era o caso do milho, feijão, arroz, mel e abóbora para Recife, o caroço de algodão e o óleo bruto para Caruaru, arroz e milho para Vitória de Santo Antão, o gado para Araripina e o feijão, arroz e farinha de mandioca para Juazeiro do Norte.

Assim, por concentrar a produção agropastoril na região centro-oriental do Piauí, a feira livre de Picos foi por bastante tempo a mais importante das realizadas no estado. Contudo, a região enfrentou, em nosso recorte temporal, um grande problema no que diz respeito a instabilidade da produção agrícola que acabou impedindo uma cotação mais compensadora da produção, pois inexistia estoques reguladores.

3.2 “Transportadores, limpadores e ameaçadores”: os animais no espaço urbano picoense

No período em que delimitamos para a escrita deste trabalho (décadas de 1980 e 1990), um dos aspectos que nos chamaram a atenção foram os animais que constituíam parte do cenário urbano picoense. Estes animais estavam presentes na cidade com finalidades distintas. Alguns, como o cavalo e o jumento, também conhecido como *burros de carga* eram utilizados, na maior parte das vezes, para fins de transporte por parte dos agricultores que vinham até a cidade comprar ou vender seus produtos.

Estes animais geralmente eram amarrados em pontos estratégicos da cidade, pois o Código de Posturas Municipal, embora falho, afirmava que os animais soltos em ruas, praças, estradas ou caminhos públicos seriam recolhidos para o depósito da municipalidade e soltos somente mediante pagamento de multa.

Os locais em que esses bichos eram amarrados variavam, pois dependiam de onde seus donos moravam, bem como da familiaridade/amizade que tinham com alguns moradores da cidade. As pessoas que moravam, por exemplo, no bairro Aroeiras do Matadouro e adjacências costumavam amarrá-los próximos ao Estádio Municipal, atual rua Monsenhor Hipólito[45], como destaca a entrevistada Edênia Sousa[46] (2019).

> Tinha assim, o pessoal do interior assim por perto, principalmente ali daqueles lados, das Aroeiras do Matadouro, aqueles cantos de lá. O pessoal vinha de animal, inclusive a casa que eu morava, que era em frente ao estádio [...] tinha uns parentes e conhecidos, eles gostavam de amarrar os cavalos lá na [...] tinha até um pezinho de algaroba. Aí iam fazer a feira. (Edênia Sousa, 2019).

A imagem abaixo ilustra a realidade vivida pelos moradores da zona rural, que faziam uso de animais como meio de se deslocar até a feira, na Picos ainda bastante pacata e provinciana.

[45] A referida rua era denominada nas décadas de 1980 e 1990 como “rua mais rica da cidade”, pois abrigava residências de pessoas renomadas na região.

[46] Edênia da Silva e Sousa, nasceu na cidade de Picos-PI em 06 de julho de 1967. Atualmente reside no bairro São Sebastião, é autônoma e trabalha na feira livre de Picos, no ramo de confecções.

Figura 12- Espaço urbano da cidade de Picos, c. década de 1980.



Fonte: Acervo e Memória Picoense, 2012.

O provincianismo da cidade de Picos na década de 1980 era bastante nítido, tanto no que concerne ao principal meio de transporte utilizado para o deslocamento, quanto ao formato e estrutura das ruas e habitações[47]. Essas últimas tinham grande semelhança com as casas da zona rural, sobretudo no que diz respeito a quantidade e divisória dos cômodos.

Esses animais além de transportarem pessoas e/ou produtos comercializados na feira livre, também serviam, outrora, para carregarem lenhas e água para as residências. Segundo Renato Duarte (1995), um único jumento, por exemplo, carregava duas ancoretas cheias d'água para a casa do cliente, o que não dispensava, no entanto, a atividade braçal de seu proprietário, pois esses eram responsáveis por colocar e retirar do lombo do animal a água e depositar, ao chegar nas residências, em potes de barro.

Vale ressaltar que estes animais transportavam dois tipos de água, segundo a posse de seus comparadores. Aqueles que possuíam maior poder aquisitivo, compravam a água do rio

[47] Segundo Renato Duarte (1995), uma parcela das casas que compunham o perímetro urbano da cidade de Picos era conjugada, mas a das famílias de classe média, por exemplo, geralmente tinham a mesma estrutura: sala de visitas, um ou mais quartos de dormir, um corredor, uma copa, um quarto da despensa e um alpendre, além de um jardim interno em que se cultivavam plantas ornamentais.

Guaribas para ser utilizada apenas nas atividades domésticas de higiene e limpeza, e a água oriunda de outras fontes, como os olhos d 'água, por exemplo, para beber e cozinhar. Esse último tipo de água, considerada de melhor qualidade era, consequentemente, mais cara, pois era retirada de povoados situados há aproximadamente meia légua no centro da cidade. (DUARTE,1995).

Com a finalidade de transporte, os animais eram utilizados por homens e mulheres que vinham dos povoados vizinhos assistirem às missas das 9 horas da manhã do domingo, na igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios. De acordo com Renato Duarte (1995), era comum que desde os anos de 1950 alguns homens viessem a pé e encaminhassem seus filhos e esposas em cavalos.

> As mulheres montavam na cela "de banda", forrada por um coxonilho, chamado popularmente de cochinil, com a perna esquerda contornando a pequena lua-da-sela e o pé direito ajustado ao único estribo. Como naquela época as mulheres não usavam calça comprida, elas traziam sobre as pernas uma manta ou toalha de linho. Para amenizar os efeitos do sol forte, durante a viagem, os homens usavam chapéus e as mulheres carregavam sombrinhas abertas. (DUARTE, 1995, p. 73).

Estes animais nas décadas de 1980 e 1990, recorte temporal desta pesquisa, ainda eram utilizados em alguns casos com essa mesma finalidade de períodos anteriores, mas também era possível encontrá-los soltos nas vias públicas, atrapalhando o tráfego e emporcalhando a cidade através dos estercos eliminados.

Segundo o jornal *Macambira*, a quantidade de animais que passeavam ou sobrevoavam livremente por Picos a deixava com um aspecto exótico.

> Não raras vezes um jumento disputa uma via pública com carros e gente, não obstante a derrota certa, já percebida pelo seu condutor. E assim, urubus e pombos cortam os céus, cachorros e porcos se refestelam na imundície das ruas enlameadas, fazendo de Picos uma cidade não convidativa. A continuar assim, com a imundície imperando pela falta de esgotos e de um saneamento básico, a condição de saúde do povo deverá sofrer sérios abalos, não adiantando as medidas de saúde que serão empregadas atualmente. (ANIMAIS..., 1983, p. 6).

Pelo que podemos acompanhar através do que era noticiado nos jornais em circulação da época (1980), os animais praticamente disputavam as ruas com os pedestres e donos de automóveis. Entre os que podiam ser vistos com maior frequência destacavam-se: vacas, cavalos, jumentos, urubus, pombos, cachorros, porcos e gatos. Se esses por um lado

"limpavam" a cidade ao passo em que comiam lixos espalhados nas vias públicas, por outro representavam uma ameaça ao meio ambiente, à medida que defecavam e contribuíam para os maus cheiros da cidade, bem como para a proliferação de doenças.

Na década de 1990, voltava-se mais para a presença dos urubus, estes classificados como animais nojentos. Para alguns citadinos, Picos havia se tornado um verdadeiro "campo de concentração" de aves negras de muitos tipos.

Sobre este assunto o entrevistado Vilebaldo Nogueira (2022) se recorda que:

> Os urubus que antigamente só viviam procurando carniças e às vezes até a escassez dessas carniças, eles passaram a vislumbrar o seu alimento aí em praça pública, em vias públicas, em frente ao matadouro público, em frente ao açougue, nas próprias canaletas que era para correr o lixo interno, mas era externo. Então os urubus passaram a ser frequentadores da cidade e Picos passou a ser conhecida como a cidade dos urubus. (Vilebaldo Nogueira, 2022).

Ademais, animais de outras espécies, como os já destacados anteriormente, provocavam também acidentes nas rodovias que davam acesso à cidade de Picos. Apesar de o tráfego dos mesmos ser proibido pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB) e pelo Código Municipal de Posturas, onde por lei os respectivos donos são punidos, a realidade era outra. Os órgãos responsáveis não apreendiam esses animais em terrenos ou estábulos apropriados, tampouco notificavam os donos e os animais, soltos em vias públicas, acabaram contribuindo negativamente em vários sentidos para a cidade durante as décadas de 1980 e 1990.

3.3 Lixo, sujeira e mau cheiro

De acordo com os estudos feitos por Carlos Alberto Mucelin e Marta Bellini (2008) é inevitável a produção de lixos nas cidades, pois isso está intrinsecamente ligada à cultura do consumo. No Brasil, uma significativa quantidade de cidades possui o serviço de coleta de certa forma ainda defasado, haja vista que a disposição final do lixo ocorre de maneira indiscriminada e, na maior parte dos casos, em locais inapropriados.

A cidade de Picos, desde meados da década de 1970, quando começou a se expandir, sobretudo com a instalação de determinados órgãos como o Terceiro Batalhão de Engenharia e Construção, Terceiro Batalhão de Polícia do Estado, centros regionais de saúde e da Receita Estadual, agências do Banco do Estado e é claro, com a expansão da pecuária e do comércio na região, já era retratada pelos jornais locais e estaduais, como sendo uma cidade desprovida de cuidados de higiene pública.

Destacamos que a referida urbe neste período já possuía uma representação política no cenário federal[48] e estadual forte, haja vista que tinha elegido dois deputados estaduais, um deputado federal e um senador da república, no entanto, pouco atuantes em questão de serviços prestados à sua cidade, como podemos acompanhar a notícia abaixo do jornal *O Estado*:

> A cidade de Picos está hoje suja e abandonada por falta de cuidados da administração municipal que consoantes testemunho dos próprios habitantes vai aumentando dia a dia a avalanche de problemas deixados pela administração anterior, parecendo esquecer que Picos não está inserida no mapa do Piauí. Suas ruas e avenidas estão cheias de lixo, lama, muros quebrados, casas caídas e águas estagnadas, constituindo-se um perigo iminente à saúde de seus habitantes. Alguém, talvez, não veja, mas quem entrar hoje na cidade de Picos, logo na sua avenida principal, a Getúlio Vargas, salta-lhe logo aos olhos, o aspecto deprimente porque passa a cidade de tantas tradições de famílias tão ilustres. Pobreza e miséria estão à vista. (PICOS..., 1973, p.12).

Esse fato se perpetuou pelas décadas seguintes (recorte temporal desta pesquisa), onde tornava-se comum observar a presença de lixo a céu aberto, que representava uma ameaça à saúde da população. Em 1983, por exemplo, o jornal *Macambira* noticiou que o lixo se tratava de um problema sem solução até aquele momento. Esse lixo, uma vez que não recebia os cuidados necessários, provocava o aparecimento de ratos, baratas e mosquitos, responsáveis pela transmissão de diversas doenças, entre as quais se destacavam: diarreias infecciosas, febres tifoides e paratifoides, tracoma e outras.

De acordo com o entrevistado José Elpídio[49] (2022), o lixo em Picos sempre foi uma questão muito séria, porque embora já houvesse o recolhimento alguns dias da semana feito pelo trator da prefeitura, na década de 1990 existia muito a presença de lixos espalhados nas vias públicas, até mesmo no centro da cidade onde o fluxo de pessoas era mais intenso.

---

[48] Destacam-se nesse sentido nomes como: Helvídio Nunes de Barros, eleito prefeito de Picos de 1955 a 1959, deputado estadual de 1959 a 1966, governador do estado do Piauí no mandato de 1966 a 1970 e, senador pelo referido estado por dois mandatos consecutivos (1971-1978 e 1979-1987). Outro picoense que representou o estado do Piauí na câmara dos deputados, inclusive participando da elaboração da Constituinte e votando a favor do impeachment do presidente Fernando Collor de Melo, foi o político José Luís Maia, eleito deputado federal pelo PDS em 1982, 1986 e 1990.
Como deputado estadual destacamos o próprio Antônio de Barros Araújo, eleito em 1974 pelo PDS, partido ao qual filiou-se após a volta do pluripartidarismo, reeleito em 1978, tendo seu mandato parlamentar renovado em 1982. Filiando-se a legenda do PFL quando este foi criado, se reelegeu em 1986 e 1990. Por fim, destacamos a figura emblemática do político picoense Warton Santos, a qual exerceu por sete mandatos o papel de deputado estadual.

[49] José Francisco de Barros, conhecido como José Elpídio (e assim preferiu ser identificado), é natural de Santo Antônio de Lisboa, mas morou em Picos-PI durante toda a sua juventude, ingressando na rádio Difusora de Picos no ano de 1979, com o programa "Correspondente do Interior", permanecendo por vários anos.

Os logradouros públicos, como por exemplo, as ruas Monsenhor Hipólito, Abílio Coelho e Coronel Antônio Rodrigues, constituíam verdadeiras montanhas de lixo urbano e tinham, muitas vezes, seu trânsito prejudicado em virtude disso, como podemos observar na imagem a seguir, onde cachorros buscavam no amontoado de lixo o seu alimento, em uma esquina que ligava uma rua a outra e trafegavam inúmeros pedestres e automóveis.

Figura 13- Esquina da rua Abílio Coelho com a rua Monsenhor Hipólito, 1995.



Fonte: Jornal de Picos.

Vale frisar que neste mesmo recorte temporal, na capital piauiense o lixo também era visto como um problema grave e a prefeitura culpava a população como sendo a responsável pela sujeira nas ruas.

> O problema da limpeza pública em Teresina está cada vez mais grave. Em algumas ruas da cidade os caminhões não passam mais, o que provoca um aumento dos montes de lixo. Os moradores da rua Santa Luzia e de ruas do centro da cidade queixam-se de os caminhões de lixo da Prefeitura não passam para recolher os materiais inservíveis. Ontem, fonte ligada ao prefeito José Raimundo Bona Medeiros declarou que a Secretaria de Serviços Urbanos encontra muita dificuldade para a limpeza da cidade, às vezes por culpa própria da população. (PREFEITURA..., 1980, p.7).

Observamos, no entanto, que não apenas a população era culpada, mas a própria prefeitura de Teresina que contava apenas com dois caminhões compactadores e poucas caçambas, não sendo assim suficiente para atender a demanda.

> No momento, a Prefeitura de Teresina possui apenas dois caminhões compactadores e algumas caçambas, todos já com muito tempo de uso e consequentemente com uma rentabilidade em trabalho já bem reduzida. Equipamentos que mesmo em bom estado de conservação ainda não teriam condições de coletar todos os detritos da cidade com prontidão, pois temos hoje uma massa humana muito grande. (COMBATE..., 1980, p.4).

Assim como na capital Teresina que contava com um número reduzido de carros para o recolhimento do lixo, em Picos os próprios responsáveis pela limpeza urbana muitas vezes jogavam o lixo em terrenos baldios e acabava instigando os demais moradores a fazerem o mesmo. Um serviço ineficiente que, portanto, transformava a cidade em um caso de calamidade pública, conforme aponta os periódicos da época.

> Um caso crítico é o cruzamento da rua Piauí com João XXIII, onde os próprios funcionários orientam os moradores para jogar o lixo num terreno baldio localizado no encontro das ruas. Para uma das moradoras, que além do problema do lixo, tem a sua casa inundada completamente quando chove, o problema é a falta de saneamento básico em uma parte da rua. Aquelas ruas dificilmente são visitadas pelos carros de coleta e quando isso ocorre, os garis depositam o lixo no local, ao invés de recolher. (...) a coleta do lixo acumulado só é feita de 15 em 15 dias, muitas vezes chega a 22 ou até um mês, para que seja feita a coleta. Dessa forma os moradores da cidade vão vivendo o seu drama, que é o drama da própria cidade. (SUJEIRA…, 1987, p.4).

Além dessa grande quantidade de lixos espalhados nas ruas da cidade associada a ineficácia do serviço de coleta, provocando maus odores e constrangimentos aos moradores, havia também o lixo hospitalar produzido pelo hospital regional Justino Luz que era depositado no rio Guaribas[50], o que se agravou ainda mais no início da década de 1980, quando foi construída a barragem de Bocaina que acabou interrompendo o ciclo da água.

Na visão do entrevistado Vilebaldo Nogueira (2022), Picos-PI constituía-se numa cidade que não foi planejada e pelo fato de ter crescido aleatoriamente, nunca contou com uma estrutura condizente com a sua realidade, sobretudo no que tange ao saneamento básico de qualidade.

[50] No final da década de 1990, o referido rio já era apresentado pelos jornais picoenses como sendo "um verdadeiro esgoto a céu aberto, pois com a pouca vazão do açude de Bocaina, o volume da água tornava-se insuficiente para assegurar sua perenização, o que acabava dificultando também o desenvolvimento da fruticultura irrigada nas áreas mais distantes da barragem de Bocaina.

Alguns moradores questionavam, já na década de 1990, na véspera da eleição municipal, em quem votar de fato. Entre os motivos que levavam a esse questionamento estava a insatisfação com o destino do lixo, pois o mesmo, jogado muitas vezes na frente das residências e espalhados pelas ruas, contribuía para o mau cheiro em toda a área. Picos assim para muitos habitantes da época, estava à beira do caos, tanto por falta de cuidados do próprio poder público municipal, quanto por falta de consciência de muitos moradores.

Figura 14- Crianças picoenses brincando com o lixo, 1993.



Fonte: Jornal de Picos

A imagem acima mostra a realidade enfrentada por muitas crianças picoenses, sobretudo das áreas menos assistidas socialmente que, inconscientes quanto aos riscos de transmissão de doenças e por não terem espaços adequados destinados ao lazer, acabavam fazendo daquele ambiente em frente suas casas, coberto de lixos de diferentes origens, o lugar para brincadeiras.

Além do lixo que era amontoado nas esquinas do centro da cidade e nas ruas dos bairros periféricos, era comum também que algumas pessoas esgotassem as fossas de suas residências e as fezes e urinas escorressem para as ruas, provocando fortes odores e constrangimento entre os moradores e transeuntes.

Figura 15- Fezes humanas escorrendo pelos esgotos a céu aberto, 1995



Fonte: Jornal de Picos.

A imagem acima retrata a fossa de uma residência na rua São Pedro que após ter sido esgotada, teve seus dejetos despejados em vias públicas. Indignados com o "rio de fezes", os moradores da rua supracitada decidiram levar o caso à delegacia de polícia.

> Intimado pelo delegado do 1º DP, Expedito Neiva, o morador e responsável pela fossa, declarou que contratou os serviços para a limpeza da fossa, tendo pagado o valor de 50 reais adiantado, mas negou que tivesse autorizado que os trabalhadores jogassem os dejetos na rua. O delegado, então, determinou que limpassem toda a sujeira, que já se espalhava por outras ruas do centro, deixando os moradores e transeuntes em pânico, devido ao mau cheiro exalado pelas fezes. Involuntariamente, entregaram-se à tarefa de higienizar as ruas, mas os moradores voltaram à delegacia do 1º DP alegando que o serviço não ficara bem-feito, pois ainda havia um odor insuportável. (MORADOR..., 1995, p. 2).

Problemas desse tipo ocasionados pela deficiência do saneamento básico, era notório também em outros locais da cidade e em temporalidades distintas a da matéria anterior. Em 1984, por exemplo, foi noticiado por meio do *jornal de Picos*, que a população da rua Francisco Pereira tivera que deixar suas residências às pressas, em virtude do odor insuportável de fezes que se espalhava por toda a rua após o esgotamento de uma fossa.

> O morador tinha acabado de tomar o seu banho e preparava-se para assentar-se à mesa de refeições, quando sentiu que a sua casa acabava de ser invadida

> por uma fedentina insuportável. Todos os familiares deixaram a casa, e ele só teve tempo de fechar a porta. "o ar estava fétido. Era um mau cheiro horrível. Era impossível conseguir respirar algo como aquilo", declarou o morador. Ele disse que quando olhou para o lado, avistou algo como que um "rio de fezes" que distribuía aquele mau cheiro. (POPULAÇÃO..., 1984, p. 1).

Uma vez que esse tipo de problema não se restringia especificamente a uma rua, era comum que os moradores de outras partes da cidade, sobretudo das que eram tidas como as *mais ricas da cidade*, procurassem os meios de comunicação da época para expressarem a sua indignação com a ineficácia no serviço de saneamento básico que deveria ser garantido pelo município.

> Na São Sebastião, as fossas estão despejando fezes humanas as vinte e quatro horas do dia. Os moradores já não sabem o que fazer. Fato semelhante também está acontecendo na rua Monsenhor Hipólito. Nas proximidades da residência do Sr. Samuel Portela o ar está poluído, dá pra sentir um mau cheiro insuportável de merda, que invade todo o quarteirão. Até mesmo nas outras ruas do centro da cidade, o problema é grave. Na rua Olavo Bilac, nas proximidades do Círculo Operário, a situação é tão delicada, que os urubus já tomaram conta da rua, principalmente nas primeiras horas da manhã. (POPULAÇÃO..., 1984, p. 2).

O bairro Malva e Canto da Várzea, que pela localização geográfica ficavam na parte mais baixa da cidade, também vinham se transformando em pequenas lagoas, para onde inclusive seguiam dejetos de algumas fossas e, "como resultado alguns problemas começaram a se agravar com o aparecimento da fedentina, grande quantidade de insetos e até mesmo as serpentes (cobras) estão invadindo as casas a procura dos lugares mais altos e secos". (PRÓ-LIMPEZA…, 1985, p.3).

Uma das alternativas criadas na época pelos próprios moradores dos referidos bairros foi providenciar um documento acompanhado de um abaixo-assinado, encaminhar ao Prefeito Municipal, solicitando do mesmo uma mobilização, bem como comunicar a imprensa local. Sem nenhuma resposta satisfatória, criou-se entre alguns moradores da zona urbana o Movimento Pró Limpeza[51], que contou com a participação de diversas pessoas e segmentos sociais, como: "senhoras donas de casa, médicos, entidades de classe, profissionais liberais, representantes de grupos de base, estes ligados à Igreja, jornalistas e estudantes". (PRÓ-LIMPEZA…, 1985, p.3).

[51] Este movimento surgiu em decorrência das precárias condições em que se encontrava a cidade de Picos na época, e contou com a participação de vários moradores que juntos reivindicavam melhorias no saneamento básico, encaminhando documentos às autoridades municipais e estaduais.

Assim como a comissão criada em Paris no século XIX para combater o flagelo do lixo e excrementos retratados por Alain Corbin (1987), o referido movimento também fracassou nas estratégias de desinfecção do espaço público, e com isso verificava-se um maior sentimento de impotência entre os moradores, afinal ninguém sabia mais a quem recorrer em busca de soluções.

> Recorrer a Prefeitura, a quem cabe as responsabilidades pelos problemas da cidade, muitos já fizeram, sem encontrar qualquer resultado, agora só resta esperar que um dia qualquer o prefeito se sensibilize e tome as providências necessárias. Não é possível que a Prefeitura de Picos não tenha condições de promover a limpeza das ruas da cidade, se não faz é por negligência ou desconhecimento ou gravidade da situação. Nenhum destes motivos, porém, explica a falta de ação do poder público municipal. Se falta recursos suficientes para aquisição de equipamentos e manutenção de pessoal, esta falta poderia ser reparada com a obtenção de recursos do Estado ou da União. O saneamento urbano constitui uma prioridade número um de qualquer cidade que deseje ser desenvolvida. O que não se concebe é que uma cidade do porte de Picos padeça de um problema tão elementar quanto este. (PICOS..., 1987, p.2).

A falta de atenção da administração municipal para com as questões de saneamento básico tornava a cidade não apenas esteticamente feia e suja, mas também doentia. As imagens abaixo presentes no jornal *Tribuna de Picos*, ilustram o drama vivido pelos picoenses no contexto dos anos 1980 e 1990, em diferentes áreas da cidade.

Figura 16- Ruas de Picos, 1992.



Fonte: Jornal Tribuna de Picos.

Percebemos que a falta de saneamento básico e as consequências que essa provocava, afetava não apenas uma área da cidade especificamente, mas se tratava de um problema que acometia até mesmo a principal via pública, a avenida Getúlio Vargas, por onde o fluxo de pessoas e automóveis era mais intenso, embora na imagem esta seja a que apareça com menos detritos.

Observamos ainda em nossos estudos que, enquanto na zona urbana o serviço de saneamento básico se dava de maneira irregular e deficiente, tornando-os ambientes favoráveis para a estagnação da água e a proliferação de insetos, na zona rural da cidade a problemática se intensificava ainda mais.

> No meio rural, estas deficiências ganham amplitude. Muito raramente se encontra uma sede de propriedade beneficiada pela instalação de uma fossa higiênica. As dependências sanitárias são aquelas que caracterizam o mundo rural pobre brasileiro: simples cercados, na maioria dos casos sem cobertura, construídos próximo às habitações. O lixo, a água e o esgoto de várias procedências constituem-se em viveiros de insetos, e frequentemente são palmilhados por animais domésticos de pequeno porte, que convivem com os habitantes da propriedade. (PICOS..., 1971).

Como consequência para as áreas urbana e rural, observava-se a grande quantidade de doenças endêmicas, como as verminoses, doenças intestinais e a cólera que no ano de 1993, por exemplo, vinha atacando a população das cidades circunvizinhas.

Encontramos em nossas fontes que a medida adotada pela Secretária de Saúde para evitar a propagação desta última doença em Picos, foi uma campanha de prevenção, que envolvia postos de saúde e agentes comunitários da cidade e do interior.

> Com a distribuição de faixas e cartazes alertando a população sobre a cólera, o pessoal da saúde leva informações à comunidade para evitar o contágio da doença. A campanha promove visitas domiciliares e reuniões com as comunidades, onde são distribuídas colheres-medidas do soro caseiro usado no combate à diarreia, um dos sintomas da cólera. (SAÚDE..., 1993, p. 7).

Os agentes de saúde assim notificavam os casos de diarreia, principalmente nos adultos e os encaminhavam para a realização dos exames necessários. Além disso, a Vigilância Sanitária do município passou a agir nesse período, em especial no terminal rodoviário Zuza Baldoíno, nos ônibus que vinham dos estados do Pernambuco e do norte do Piauí, locais onde havia foco irradiador da doença, a fim de evitar a entrada desta na cidade.

Outros órgãos, como o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), agência de Picos, também tomaram uma iniciativa de combate à doença na região doando água sanitária para o tratamento da água e a esterilização de verduras em áreas de risco, em parceria com o secretário de saúde. Este último, buscava ainda na época o apoio de outras instituições financeiras, clubes de serviços e entidades filantrópicas.

Porém, mesmo adotando algumas medidas de segurança, sabe-se que a cólera atingiu os picoenses, principalmente crianças no ano de 1994, na parte periférica da cidade. Segundo uma matéria veiculada no jornal *Tribuna de Picos*, os governantes locais em parceria com a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA), instalaram através do "Programa de Melhoria Habitacional", cerca de vários módulos sanitários domiciliares nos seguintes bairros:

> Foram beneficiados os bairros Trizidela, com 31 fossas; Boa Sorte, 32; Boa Vista, 33; e paroquial, 32. No Morro da AABB, foram entregues 150 filtros e 18 reservatórios de água com capacidade para 185 litros. Com isso, esperamos estancar doenças ligadas à dejetos sanitários como as verminoses e as diarréias provocadas pelos riscos de contaminação por falta de saneamento básico. (MELHORIAS …, 1994, p. 4).

Focos de outras doenças como a dengue, adquiridas por meio da proliferação do mosquito em lixos misturados com água parada, também foram identificados neste período em alguns pontos da cidade de Picos-PI, como na praça João Leopoldo, próxima à Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus, na rua São Pedro e no bairro Bomba.

> Logo que tomou conhecimento da descoberta do mosquito, o diretor do Distrito Sanitário de Picos, médico Erivan Gomes Eulálio, determinou que providências fossem tomadas e conseguiu controlar o foco na rua São Pedro. No entanto, devido às dificuldades encontradas na praça João Leopoldo, onde várias famílias residem em barracos cobertos com papelão, não foi possível controlar o foco, o que acabou preocupando as autoridades sanitárias. (AGENTES..., 1996, p. 5).

Diante das dificuldades em conter o foco da doença, sabe-se que as autoridades públicas municipais se reuniram com os donos dos barracos localizados na praça Jorge Leopoldo, e optaram pela imediata desocupação, pois somente dessa maneira a Fundação Nacional de Saúde iniciaria a limpeza e a borrifação com larvicida, impedindo o surgimento de uma eventual epidemia de dengue.

> Para o diretor do Distrito Sanitário da FNS, o essencial seria a retirada de todos os feirantes e barraqueiros do local, mas a princípio acredita que, com a saída dos barracos e uma limpeza geral no local utilizando o larvicida será possível

> controlar os focos do mosquito (...) A preocupação maior é de evitar um surto de dengue hemorrágico, que pode matar em poucas horas. (AGENTES..., 1996, p. 5).

Nessa segunda metade da década de 1990, tendo em vista os focos de doenças que vinham assolando o município e a quantidade de lixos despejados em vias públicas, a Fundação Nacional de Saúde-FUNASA começou a traçar um plano de construção de uma usina de compostagem do lixo. O local pensado para comportar essa usina foi o bairro Altamira, que ficava mais afastado do centro, cujo terreno havia sido doado pela prefeitura local.

O lançamento de proposta para o início dessa obra contou com a participação de uma comitiva formada pelo coordenador da Fundação Nacional de Saúde no Piauí, de deputados federais e estaduais, do prefeito local e de cidades vizinhas e responsáveis pelo Distrito Sanitário de Picos. Além do enaltecimento dos serviços prestados no Piauí, o coordenador da Fundação Nacional de Saúde também anunciou que em breve chegaria inseticidas para o combate das doenças na região e maiores investimentos, o que gerou, segundo a mídia local, muitos aplausos entre os servidores presentes.

> Num discurso rápido, fez uma avaliação do trabalho desenvolvido na sua gestão, dizendo que em apenas quatro meses mais de 37 obras foram construídas pela fundação no estado do Piauí. Na ocasião, ele anunciou a liberação de 10 milhões de cruzeiros para a limpeza do prédio do Distrito Sanitário de Picos e foi bastante aplaudido pelos servidores.
> Ele anunciou também para breve a chegada de 4.500 quilos de inseticidas para a campanha de combate à doença de chagas, paralisada há algum tempo por falta de material, bem como outras medidas que visam a prevenção de doenças próprias da região, como é o caso da cólera. (PICOS..., 1994, p. 4).

Imaginamos que o fato de ter começado a se pensar numa aplicabilidade de investimentos públicos para o serviço de saneamento básico da cidade, certamente refletiu também no desenvolvimento econômico e social da região, pois segundo as economistas Viviane Pereira e Edivane Lima (2021), esse tipo de investimento resulta na geração de empregos e, principalmente na qualidade de vida, produzindo assim efeitos positivos para muitos setores governamentais.

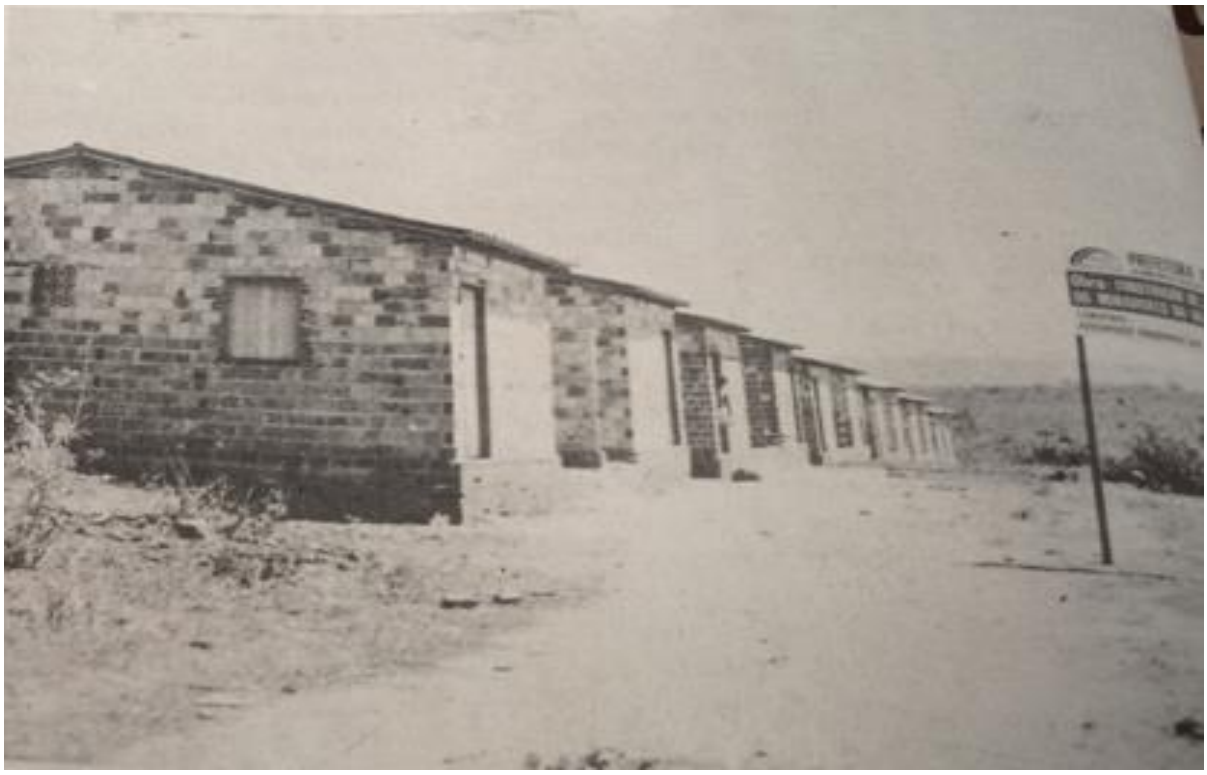
Ademais, ao passo em que se discutia acerca da instalação de uma usina de compostagem do lixo do município, também se comentava sobre o combate ao déficit habitacional em determinadas áreas periféricas da cidade, cujas condições eram consideradas as piores[52].

[52] Segundo o entrevistado Vilebaldo Nogueira (2022), essas residências em sua grande maioria contavam com banheiros apenas improvisados, o qual ele denominou de" cintimas", cujas fezes eram depositadas a céu aberto.

> Já está em fase conclusiva a construção de 22 moradias na Vila da Grota, periferia de Picos. Atendendo reivindicações dos moradores, a Prefeitura Municipal tomou a iniciativa de transformar o quadro desolador da vila, onde as condições de habitações são as piores possíveis, com casas de pau-a-pique e sem qualquer sinal de saneamento básico. As novas moradias edificadas com recursos do próprio município, serão entregues à população no próximo dia 20 de abril, segundo informou o secretário de planejamento e Coordenação Geral da Prefeitura. (PREFEITURA …, 1994, p. 5).

Sabe-se que com a construção das novas residências, as vinte e duas famílias que habitavam precariamente a Vila da Grota e viviam há cerca de vinte e quatro anos em condições subumanas, foram enviadas para o conjunto Morada do Sol e tiveram suas antigas residências demolidas. E, embora tais moradias tenham sido construídas com recursos municipais e, posteriormente documentadas, a seleção dos contemplados com os títulos de terra foi feita entre a Igreja Católica e a Associação de Moradores do bairro São José.

Figura17- Casas Populares entregues às famílias no Conjunto Morada do Sol, 1994.



Fonte**:** Jornal Tribuna de Picos.

Porém, se observarmos a maneira como essas casas foram construídas, sem nenhum planejamento, com pouco espaço de uma para outra, sem pintura e com terrenos baldios nos seus arredores, que poderiam a vir se tornar depósito de lixos, notamos que não havia um

cumprimento das exigências estipuladas pelo Código de Posturas Municipal. Esse, em seu capítulo III, determinava que:

> Artº 33- As residências urbanas ou suburbanas deverão ser caiadas e pintadas de dois em dois anos, no mínimo, salvo exigências especiais das autoridades sanitárias.
> Artº 34- Os proprietários ou inquilinos são obrigados a conservar em perfeito estado de asseio os seus quintais, pátios, prédios e terrenos.
> Parágrafo único- Não é permitida a existência de terrenos cobertos de mato, pantanosos ou servindo de depósito de lixo dentro dos limites da cidade, vilas e povoados.

Além do mais, no mesmo ano o prefeito municipal da época, Abel de Barros Araújo, informou que pretendia também beneficiar quinhentas famílias do bairro São José com a entrega de casas, e assim reduzir o déficit habitacional na cidade, que consistia em um problema social que afligia as pessoas de baixa renda.

Em outros bairros como, por exemplo, o Conjunto Petrônio Portela, localizado na zona leste da cidade, foram feitas no ano de 1994 cerca de duzentas ligações domiciliares, dois mil e quinhentos metros de rede coletora de esgoto e uma lagoa de estabilização, cuja função era "absorver todo o volume de dejetos oriundo da rede coletora de todo o conjunto". (SANEAMENTO…, 1994, p. 4).

O jornal *Tribuna de Picos* noticiou neste mesmo ano de 1994, que além do bairro supracitado, outras áreas da cidade também seriam contempladas com o serviço de saneamento básico, pois havia sido firmada uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Picos, o Ministério do Bem-Estar Social e o Banco Mundial.

> Conforme os termos de convênio celebrado entre a Prefeitura municipal de Picos, o Ministério do Bem-Estar Social e o Banco Mundial, no valor de 3 milhões e 600 mil dólares, o saneamento básico será dividido em quatro lotes. O primeiro lote inclui, além do conjunto Petrônio Portela, a avenida Nossa Senhora de Fátima e as ruas Monsenhor Hipólito, Marcos Parente e São Sebastião. Logo que o conjunto Petrônio Portela estiver totalmente saneado, a obra terá prosseguimento no bairro Canto da Várzea. (SANEAMENTO …, 1994, p. 2).

Todavia, enquanto a administração do município começava a buscar melhorias em determinados setores, outros espaços sofriam amargamente em decorrência da falta de cuidados como, por exemplo, o rio Guaribas que outrora havia sido uma importante fonte de renda para boa parte da população picoense (como foi apresentado no primeiro capítulo).

> Desolado, sob um sol causticante, o Guaribas hoje segue ofegante e resignado em meio a toneladas de poluentes, e muitos dos quais são biodegradáveis, ou seja, que não são decompostos pela natureza, como, por exemplo, os plásticos, a maioria dos detergentes e muitos outros que, na verdade, vão se acumulando no seu leito, diminuindo a capacidade de retenção de oxigênio das águas e, consequentemente, prejudicando a vida aquática [...] e na realidade, a poluição do nosso Guaribas, acaba, direta ou indiretamente, afetando de alguma forma toda a população picoense [...] cumpre também destacar que a poluição do Guaribas alcança um acentuado nível exatamente no trecho que abrange todo o perímetro urbano, onde os lixos e esgotos domésticos e comerciais são lançados no seu leito. (GUARIBAS…, 1994, p. 7).

O referido rio, que um dia foi motivo de orgulho para muitos picoenses, agonizava naquele período em meio às toneladas de dejetos lançados em seu leito continuamente. Faltava, portanto, políticas de preservação ambiental que combatessem as constantes agressões sofridas. Agressões essas que não se resumiam apenas ao acúmulo de lixos, mas também a construção de prédios e residências em suas margens que acabavam lhe "sufocando".

Notamos assim que a realidade da referida urbe era o oposto do que determinava o Código Municipal de Posturas que, pela lei nº 1465 de 18 de junho de 1987, dizia ser proibida, por exemplo, a prática de despejar ou atirar quaisquer detritos sobre o leito dos rios e logradouros públicos.

Observamos também que mesmo em meio aos descasos sofridos, refletir sobre questões ambientais na cidade de Picos era, portanto, no contexto das décadas estudadas, de certa forma esquecido por parte das próprias entidades ligadas à ecologia e a proteção do meio ambiente. Em datas alusivas para a realização de atividades e campanhas de conscientização e necessidade de preservação da natureza, por exemplo, os órgãos deixavam passar despercebidas, não mobilizando assim a sociedade de modo geral sobre os principais problemas que lhes acometiam e o que poderia ser feito para reverter as desagradáveis situações que enfrentavam diariamente, que como podemos ver não era apenas uma questão de estética ou de cheiro, mas essencialmente de saúde.

3.4 "Cidade-modelo" ou "cidade dos urubus"?

Em torno da alcunha de "cidade-modelo" há diferentes vertentes. Há aqueles que defendem que essa nasce através de uma escolha feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, no ano de 1966, que elegeu Picos como município modelo do estado do Piauí, uma vez que era uma cidade que vinha se destacando no crescimento econômico, social e cultural, principalmente da expansão do comércio.

Para outros picoenses, a referida alcunha está relacionada à forma rápida em que a cidade se reestruturou após a grande cheia de 1960. E há também os que acreditam que esta denominação se originou pelo fato de que as propriedades rurais, embora fossem de pequeno porte, tenham servido para definir o módulo rural exigido pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

O que encontramos em nossas fontes, porém, sejam nos relatos orais ou nos periódicos em circulação do período, é que essa alcunha não era a mais utilizada, tampouco a mais aceita entre os picoenses nos anos 1980 e, principalmente em 1990, pois embora a cidade estivesse expandindo territorialmente e se tornando, por exemplo, sede de empresas que apostaram no desenvolvimento da região, Picos era carente de cuidados nos setores de saneamento, urbanismo e limpeza pública.

Observamos que muitos citadinos vinham sofrendo durante as décadas de estudo por não poderem usufruir do direito de viver em condições satisfatórias de higiene, segurança e habitação. Mas isso, obviamente, não era uma pendência atribuída apenas às administrações municipais, mas também as estaduais, pois os governadores deste período raramente vinham à Picos e, portanto, não conheciam de perto a real dimensão das necessidades do povo e da cidade. E ao que nos parece não existia tanta aproximação entre estado e municípios, talvez por vinculações partidárias diferentes, o que dificultava ainda mais a solicitação de recursos e obras.

Além da carência com a prestação dos serviços básicos já destacados, durante a temporalidade desta pesquisa, Picos-PI era carente também de políticas de construção e preservação de espaços considerados essenciais para a população, como os locais de lazer, escolas e hospitais. E embora eleito pela maioria dos votos, notamos que nem sempre o candidato que vencia a eleição municipal era o mais adequado para suprir as demandas da cidade, essa que "tentava sobreviver" a cada nova administração.

> De governante em governante, de administração em administração, a tal cidade foi se modificando: as praças, aos poucos, foram sendo destruídas. Os locais de lazer desapareceram. O lixo se acumulava cada vez mais. Escolas? Melhores hospitais? Permaneceram os mesmos. O esgoto continuava a céu aberto, as ruas foram perdendo o pouco asfalto. E as pessoas? Esperança não mais havia. A alegria, aos poucos, foi diminuindo. Tristeza? Não, decepção. Por acreditar que seu voto poderia modificar e resolver os problemas. Mas o problema não era o voto. Era o candidato eleito, que não trabalhava com esta intenção. (A CIDADE …, 1999, p. 4).

Por tais razões já mencionadas, questionava-se entre alguns picoenses onde andava a "cidade-modelo" de outrora que enchia de orgulho a boca de determinados políticos. Pois, não

era apenas as lamas, esgotos, buracos e lixos, a cidade havia crescido economicamente e ganhado prestígio político, tornando-se um dos mais importantes centros comerciais do Piauí, e mesmo com toda essa bagagem, havia caído no marasmo e na falta de incentivo.

> Picos parece ter sido abandonada de propósito, como se não houvesse mais interesse a um grande plano de desenvolvimento. Aliás, todo o Piauí sofre as consequências de uma política mascarada, que ainda discrimina o Nordeste do país. Até parece que a sociedade colonial sobrevive por aqui.
> No princípio, era apenas uma vila fundada no meio de morros, às margens do rio Guaribas, e se tornou cidade. Ganhou ruas e mais ruas, BRs e quebra-molas, o dito progresso veio e as antenas parabólicas ganharam o lugar das árvores nos jardins. Quem tem condição passeia com carros do ano; quem não possui melhor sorte, contenta-se com os bares da periferia e as casas apertadas sujeitas a cair do morro. As galinhas e os porcos dividem na rua o trânsito de pedestres e carros. (PICOS..., 1994, p. 15).

Observamos, deste modo, que naquela cidade, outrora tida como modelo, faltava um pouco de tudo e o desenvolvimento de fato aconteceu em termos econômicos, no entanto, não foi acompanhado por uma melhoria de vida significativa em outras esferas. E, apesar de muitas reclamações, notava-se que pouco se fazia de novo que não favorecesse apenas a um determinado grupo político.

Assim, da denominação de “cidade-modelo”, Picos-PI passou a ser chamada por muitos de “cidade dos urubus”, pois estas aves que antes viviam apenas sobrevoando procurando restos mortais passaram, nas décadas de 1980 e 1990, a vislumbrarem em vias públicas (conforme podemos perceber na imagem a seguir), tornando-se verdadeiros “moradores” daquela urbe fazendo, na maioria das vezes, o serviço de “limpeza” que caberia aos governantes que haviam se comprometido de trabalharem pela cidade.

Figura 18- Urubus nas ruas da cidade de Picos-PI, na década de 1990.



Fonte: Jornal de Picos.

Apesar de estarem presentes praticamente em toda a cidade, estas aves se concentravam principalmente nos bairros cujas classes eram menos privilegiadas, como os bairros Papelão, Trizidela, Paroquial e Malva, uma vez que nestes lugares a coleta do lixo não acontecia regularmente e as pessoas viam-se obrigadas a jogarem o lixo produzido no meio da rua, o que causava além mau cheiro incontrolável, também a proliferação de insetos.

> As pessoas alegam que o carro coletor passa na rua vizinha e esquece deles. Por isso, alegam que têm que depositar o lixo em um terreno baldio, causando uma série de problema. Os moradores denunciam ainda, que constantemente pedem aos encarregados da limpeza para que determinem a retirada do lixo acumulado, mas não são atendidos. Em contrapartida, dizem que o trator da prefeitura é utilizado em trabalhos particulares, como ocorreu no início da construção do Gut Gut, na rua Maracanã, quando o terreno foi limpo por um funcionário da prefeitura e utilizando o trator do munícipio. (LIXO..., 1990, p. 3).

Em 1991, quando a cidade já era conhecida em muitos estados e regiões por “cidade dos urubus”, o vereador Edivar Martins de Deus (PDS), em uma das sessões ordinárias que ocorreu na Câmara Municipal de Picos, requereu verbalmente que a gestão adotasse alguma providência, de modo que afugentasse a expressiva quantidade de urubus, completamente

domesticados, que se proliferavam pelo centro da cidade, criando em torno dessa uma imagem negativa.

No ano seguinte, conforme registrado em Ata, outro parlamentar municipal também reclamava publicamente da falta de limpeza dos esgotos da cidade e da enorme quantidade de lixos acumulados nas vias públicas atraindo urubus.

> Combateu da tribuna o drama da sujeira em Picos que atrai grande número de Urubus pondo em risco a saúde da população [...] as péssimas condições sanitárias da cidade de Picos e a falta de saneamento básico e um adequado local para a feira livre dão a cidade vias favoráveis para a entrada da cólera (Ata da Sessão Ordinária da Câmara, do dia 21/02/1992, p.40).

As fontes nos mostram que a justificativa utilizada na época pelo Secretário Municipal de Serviços Urbanos para explicar o referido problema era a redução no número de carros de coleta de lixo e que, portanto, a alternativa mais viável no momento seria mobilizar a sociedade picoense através de campanhas educacionais, a fim de que esta contribuísse na manutenção da limpeza do seu referido bairro.

> O motivo disso acontecer, é que a prefeitura contava anteriormente com 18 carros de coleta de lixo, depois diminuiu pra 10 e agora estamos realizando o trabalho com apenas 8, sendo o lixo depositado no "lixão" da Altamira [...] será posto em prática uma campanha educacional, que será desenvolvida em todos os bairros pela prefeitura envolvendo a população, com o slogan "Nosso bairro é Limpeza", objetivando melhorar o trabalho de coleta do lixo. (LIXO..., 1990, p. 3).

Observando tal fato, notamos que apesar de estarmos escrevendo atualmente em um período distinto das décadas apresentadas neste trabalho dissertativo, essa alcunha de "cidade dos urubus" ainda é comum entre muitos visitantes e até mesmo entre alguns picoenses, pois muitos dos problemas urbanos elencados ao longo destes dois capítulos também são problemas atuais, inclusive a questão da destinação apropriada do lixo produzido no município.

O entrevistado Douglas Nunes (2022) destacou que muito do que se via nos anos de 1980 e 1990, ainda se vê, seja nas áreas periféricas ou mesmo no centro da cidade.

> Assim como era nos anos 80 e 90 do século passado, ainda o é hoje, onde se vê esgoto a céu aberto nas ruas da cidade e nos bairros da periferia, como também nas ruas centrais da cidade. Quem visita hoje os Bairros Parque de Exposição, Morada do Sol, Cidade de Deus e outros, tomará ciência do descaso do poder público que ignora a saúde pública. Na época em que estamos falando, esses bairros não existiam e poderiam ter sido formados já com a inclusão de água tratada, com a coleta de lixo nas ruas, de resíduos

> sólidos e calçamento das ruas. Mas o que se vê na realidade são ruas intransitáveis e acúmulos de entulhos e lixo acumulado, que atraem roedores, insetos e animais peçonhentos, ocasionando doenças na comunidade. Na Avenida Getúlio Vargas, no centro da cidade, nas proximidades das lojas da Praça Félix Pacheco, vê-se e sente-se o mal cheiro dos esgotos que correm a céu aberto nas sarjetas das vias públicas. Paralela a esta, temos a Rua Coelho Rodrigues há um monturo de lixo que lá se encontra há mais de cinco meses. (Douglas Nunes, 2022).

Este fato mencionado pelo entrevistado em períodos posteriores ao nosso recorte temporal, é comumente matéria dos jornais locais e estaduais. Em 2014, por exemplo, o Portal de notícias do Piauí- GP1[53] noticiou que diversos urubus haviam sido flagrados "fazendo a festa" nos lixos espalhados pelas principais vias centrais da cidade, incluindo as proximidades da praça de alimentação e da sede do poder público municipal, e que embora fosse feito um alto investimento, a administração política da época ainda não conseguia realizar um serviço de coleta de lixo de forma eficaz.

Tal temática também foi objeto de estudo em trabalhos desenvolvidos no âmbito da Universidade Federal do Piauí neste mesmo ano. Para a bióloga Maria das Graças Alves Vieira (2014):

> O lixo na cidade de Picos vem provocando uma série de problemas, além da poluição visual, poluição do solo e das águas, há também a questão dos detritos de difícil decomposição que ficam jogados em terrenos baldios, que trazem consigo diferentes veiculadores de doenças, como a leptospirose, dengue, giardíase, toxoplasmose entre outras. No bairro Parque de Exposição essa problemática é ainda mais evidente, não é difícil perceber nas ruas e terrenos baldios do bairro, o acúmulo de resíduos sólidos e a presença de animais nesses locais. (VIEIRA, 2014, p. 15).

A pesquisadora supracitada constatou ainda que inexistia uma separação do lixo e, caso o carro do lixo não passasse nos bairros nos dias previstos, a grande maioria da população afirmou que costumava deixá-lo em sacos plásticos nas calçadas de suas residências, aguardando a próxima coleta, o que consiste numa prática que atrai, além de animais, outros diversos agentes causadores de doenças, como a mosca por exemplo.

A referida bióloga verificou também que faltava um certo tipo de comprometimento e informação acerca desse problema e das noções de higiene por parte da população, mas que faltava acima de tudo a atuação do órgão de limpeza público, pois "a temperatura do município favorece a cultura das bactérias transmissoras, e quanto mais tempo o lixo permanecer exposto,

[53] Informações disponíveis em:< https://www.gp1.com.br/piaui/noticia/2014/3/14/Urubus fazem a festa em lixo acumulado nas ruas centrais da cidade de Picos - GP1>. Acesso em: 30 mai, 2023.

maior a proliferação das mesmas, trazendo danos à saúde da população". (LIMPEZA..., 1993, p. 4).

Logo, entendemos que para ser de fato uma "cidade-modelo" é preciso que Picos continue crescendo não apenas demograficamente e avançando nos setores da educação, saúde e/ou empresarial, mas que seus representantes políticos, se conscientizem da importância de zelar pela cidade, invistam na construção de usinas de tratamento do lixo, por exemplo, que além de proporcionarem melhorias à população, também geram consequentemente renda para o município. Mas, precisa-se, principalmente que estes encarem as políticas públicas de saneamento básico como necessárias e indispensáveis para uma vivência mais harmônica em sociedade.

4 CARTOGRAFIA OLFATIVA DOS ESPAÇOS URBANOS PICOENSES NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Neste último capítulo buscaremos construir uma cartografia olfativa de determinados espaços picoenses de modo a destacar, a partir das lembranças de seus frequentadores, os odores e aromas que poderiam ser respirados nestes ambientes. Os espaços que nos chamaram a atenção a princípio foram a Indústria Coelho e, deste modo, buscaremos compreender o processo de industrialização que vinha ocorrendo no Brasil e como a cidade de Picos-PI, em meio a isso é desafiada pelo Governo do Estado a instalar uma indústria têxtil do grupo Coelho na região.

Discutiremos também a respeito dos fatores que favoreceram sua implantação, a contribuição para o empreendimento local e a esperança que reacendeu em muitos picoense, que não dispunham de nenhum trabalho fixo que garantisse o sustento da família. Mas, também mostraremos como essa indústria era um espaço doentio, na medida em que provocava doenças respiratórias em seus funcionários e moradores dos bairros próximos, através da grande quantidade de pó do algodão produzido e expelido exacerbadamente.

Outros dois espaços que abordaremos aqui são o Matadouro Público e o Açougue Municipal. O primeiro deles por ser o local de abate do gado que abastecia Picos e região, mas que não seguia as condições mínimas de higiene exigidas pela vigilância sanitária. E o Açougue Municipal, porque sendo esse o próximo destino das carnes depois do matadouro, era também um local bastante deficiente em termos de higiene e, portanto, era forte o odor de sangue da carne fresca exposta sem nenhuma proteção, além da presença de cães, gatos e urubus que se alimentavam dos restos de ossos e carnes espalhados pelos corredores, contribuindo assim para uma forte fedentina do local e o risco de doenças.

Discorreremos ainda sobre a sua estrutura física antes e pós-reforma, quem eram seus frequentadores e os espaços que começavam a serem instalados de modo a competir com o Açougue, por serem mais limpos e oferecerem maior comodidade aos consumidores.

Por fim, discutiremos acerca de outros espaços públicos e privados que acabavam se diferindo dos demais abordados no decorrer desta pesquisa, pois nestes podiam-se respirar ares agradáveis, e que acabavam despertando diversos desejos, como era o caso do cheiro dos espetinhos assados na brasa, das pipocas fritadas pelo pipoqueiro, dos perfumes utilizados pelas moças e rapazes que paqueravam nas manhãs de domingo após as missas, assim como, de maneira poética como nos relatou um dos nossos entrevistados, “o cheiro do encontro humano e da amizade”, que reacendia em cada frequentador, ou seja, aromas em que a ciência não define

especificamente como cheiros, mas sim como sentimentos que cada um de nós liberamos a depender dos nossos hormônios e estado físico e emocional.

Estes espaços públicos e privados e seus respectivos cheiros serão entendidos como "lugares de memória", conceito utilizado por Pierre Nora (1993) que significa:

> [...] primeiramente, lugares em um tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode se apreendida pelos sentidos; são funcionais porque têm ou adquiram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva, vale dizer, essa identidade se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória. Longe de ser um produto espontâneo e natural, os lugares de memória são uma construção histórica e o interesse que despertam vem, exatamente, de seu valor como documentos e monumentos reveladores dos processos sociais, dos conflitos, das paixões e dos interesses que, conscientemente ou não, os revestem de uma função icônica. (NORA. 1993, pp. 21-22).

Compreendendo assim que estes "lugares de memória" estão relacionados às situações outrora vivenciadas e que se perpassam com o passar do tempo, buscaremos responder as duas últimas perguntas a qual nos propomos no início desta pesquisa: "Qual o mapeamento cartográfico olfativo da cidade de Picos-PI no período em estudo pode ser construído?" e "Quais as práticas olfativas desenvolvidas nos espaços urbanos da cidade de Picos-PI no recorte temporal proposto?"

Para isso, dialogaremos com trabalhos acadêmicos que citam estes espaço, ainda que sob outras perspectivas de análise, com autores que discutem acerca dos cheiros, como Alain Corbin (1987), Bettina Malnic (2008), João Scortecci (2019) e Chandler Burr (2006), com os relatos orais dos participantes desta pesquisa que frequentavam esses lugares e que, portanto, mantém viva as memórias olfativas em torno dos mesmos, também com os jornais em circulação no período, principalmente o *jornal de Picos*, *Macambira* e *Tribuna de Picos.* Utilizaremos ainda imagens dos referidos ambientes, de modo a descrever suas características físicas, bem como situar o leitor sobre o espaço em discussão.

4.1 Entre máquinas, mão de obra e o cheiro do algodão bruto: o espaço fabril da Indústria Coelho S/A

É inegável a importância do algodão para a economia brasileira, sobretudo durante a primeira parte do século XX, quando este ficou conhecido como o "ouro branco do Nordeste". Os pesquisadores Sérgio Costa e Miguel Bueno (2004), explicam que no período em que o algodão começou a se expandir no Brasil, o processo de fiação e tecelagem eram feitos em ambientes domésticos e contava apenas com técnicas e instrumentos manuais, o que levou os jesuítas a articularem, por exemplo, a vinda de tecelões que pudessem ensinar os procedimentos de forma mais eficaz.

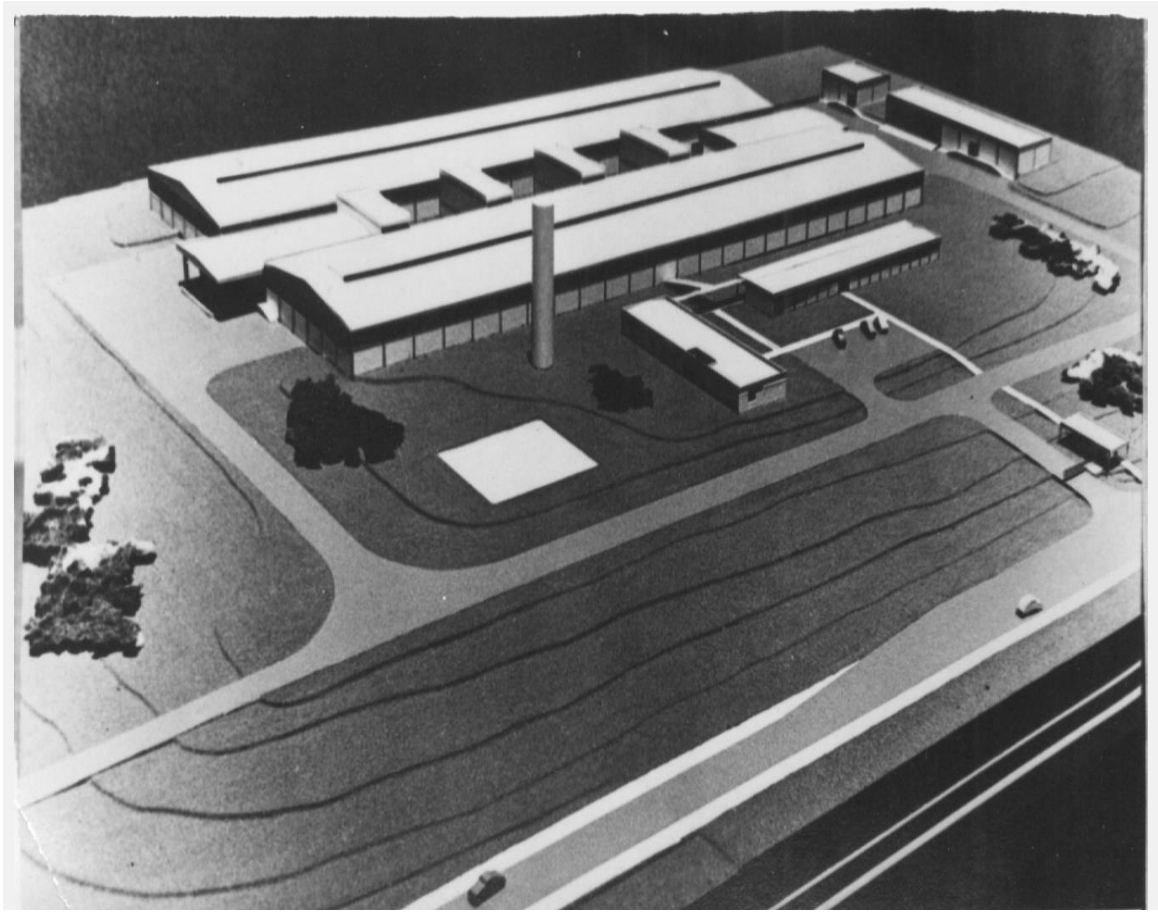
Outros estudos apontam também que embora o algodão tenha se expandido posteriormente na região Nordeste, associado a agricultura e a pecuária, esses não competiam entre si, mas sim se complementavam, pois:

> À medida que o algodoeiro servia de forragem ao gado, os animais retribuíam com esterco, fertilizando as terras para o próximo ciclo de cultivo" o. Para isso, o algodão era colhido no meio do período mais seco do ano, permitindo que o gado permanecesse nas áreas cultivadas por dois ou três meses, alimentando-se dos restos da cultura. Assim, havia incentivo aos grandes proprietários de terra para criarem gado, ao mesmo tempo em que eram estimulados a realizar o plantio do algodoeiro em parceria com os "moradores" de suas terras. (MATTOS; BLACKBURN; SANTIAGO; MENEZES, p. 560).

O pesquisador Manuel Arruda da Câmara (1982) defende a forte influência que a Segunda Revolução Industrial teve para a cotonicultura do Nordeste, pois com a mesma passaram a ser introduzidas novas espécies e técnicas de cultivos, cujos fins eram comerciais. Contudo, deixa claro também que há registros, ainda do século XVIII, que mostram as primeiras arrobas de algodão transportadas de Pernambuco para Portugal, confirmando assim que o Nordeste desde períodos remotos já começava a se integrar a indústria têxtil internacional.

Trazendo esse fato para uma perspectiva local, ressaltamos que a primeira e única indústria têxtil que se tem conhecimento na cidade de Picos-PI, foi instalada na década de 1970, às margens da BR 316, no km 7 da rodovia Transamazônica, bairro Paraibinha, denominada de Indústria Coelho S/A.

Figura 19- Planta da Indústria Coelho S.A, em Picos-PI, 1974.



Fonte: Acervo do IBGE.

A referida unidade industrial, segundo os estudos realizados pela pesquisadora Ivana Leal (2010), chegou na cidade de Picos a partir da experiência conquistada pela família Coelho, oriunda de Petrolina, na agricultura e pecuária que, juntos, constituíam a economia do alto e médio São Francisco, associada também a "necessidade crescente de descentralizar alguns setores de produção de empresa, aliados e vantajosos aspectos relacionais e de incentivos fiscais e financeiros". (LEAL, 2010, p. 67).

Além destes fatores supracitados, é interessante destacar também que o fato de a cidade de Picos-PI ser um dos maiores celeiros do estado do Piauí, cuja produção da pluma superava a capacidade de absorção da produção do setor têxtil, a tornava ainda mais atrativa aos olhos dos empresários do grupo Coelho. Esse grupo, segundo a mídia picoense da época, instalou, investiu e fez da Unidade Industrial de Fiação e Tecelagem, o maior centro empregador responsável pelo progresso que a então cidade adquiriu a partir da sua chegada. (TRABALHO..., 1985, p. 12).

A respeito da implantação deste empreendimento em solo picoense, os estudos da historiadora Marli Costa Alves (2012) mostram que o grupo Coelho contou com o apoio dos

programas de crédito, os incentivos fiscais do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste- SUDENE e o próprio capital privado da indústria.

A autora supracitada destaca também que, a princípio, a empresa produzia somente o algodão grosso e tecidos sem acabamentos e, posteriormente, com o apoio da Sudene no ano de 1979 (que permitiu a esperança de novos tempos com a política desenvolvimentista regional), se ampliou uma linha destinada exclusivamente à produção dos fios de algodão processado, também chamados de "algodão penteado", em máquinas adquiridas no exterior.

Sob a perspectiva econômica, os estudos realizados pela pesquisadora Ivana Leal (2010), apontam que além da Sudene e o aporte de recursos do Fundo de Investimento do Nordeste (FINOR), o grupo Coelho contava também na década de 1970 com o apoio da comissão para concessão do Benefícios Fiscais a Programas Especiais de Exportação (BEFIEX).

Observando os jornais da época já mencionados nesta pesquisa, notamos que os representantes da referida indústria, ao buscarem estes veículos de comunicação para sublimar o novo empreendimento picoense, associavam a produção de fios de excelente qualidade e tecidos de algodão puro, exclusivamente, ao fato de a região Nordeste ser o local que se produzia o algodão mais nobre do país, cujas fibras eram longas e resistentes.

Ao enaltecerem tal indústria, sobretudo após a sua ampliação em 1979, mencionando que essa gerava oitocentos empregos diretos e consumia quatrocentos e cinquenta toneladas de algodão em pluma, o que fazia com que suas vendas atingissem o mercado nacional e o exterior e chegasse até a Europa, América do norte e Ásia, os representantes buscavam destacar também que a mesma se preocupava, de forma minuciosa, com a seleção da matéria-prima, com a utilização de equipamentos avançados, com o constante aprimoramento dos funcionários e o rigoroso controle dos produtos. (FIAÇÃO..., 1985, p. 9).

Sob esse prisma cabe destacar também que, no início de 1990, foi desmembrada da Indústria Coelho as atividades operacionais relacionadas ao esmagamento de grãos que, consequentemente, gerava a produção de óleos vegetais e seus derivados, marcando assim uma primeira crise do grupo, que mais tarde refletiu também na unidade de Picos.

> Entre os anos 1992 e 1996 a ICSA TÊXTIL – PICOS - permaneceu em um processo de estagnação, devido a mais uma crise da família Coelho. Fato esse que comprometeu a renovação do seu parque fabril quando todo o parque nacional passava por um processo de renovação logo após abertura de mercado. (LEAL, 2010, p. 78).

Além da crise familiar, outros motivos também são apontados pela pesquisadora Ivana Leal (2010) como responsáveis pela decadência da indústria, entre eles as dificuldades com o fornecimento do algodão[54], em virtude da praga do bicudo algodoeiro, o que influenciava diretamente nos custos de transporte da matéria-prima, além é claro, da substituição do algodão no final da década de 1980[55] e início de 1990, por parte dos agricultores locais, para outros vegetais como o milho e o feijão.

Embora estes motivos supracitados tenham contribuído para o fracasso da indústria têxtil na região de Picos, a sua principal causa estava relacionada a conjuntura da economia brasileira dos anos de 1990. Pois, esta vivia um momento bastante delicado em razão da "alta inflação crônica, baixos índices de crescimento do produto, péssima distribuição de renda e uma enorme dívida externa a pagar". (ANTUNES, 2001, p. 64).

Encontramos em um dos jornais analisados, que as justificativas utilizadas pela direção de finanças e relações da Indústria Coelho S/A, para explicar ao povo picoense o malogro de tal empreendimento, ancoravam-se nos efeitos recessivos do Plano Real e no fato de que:

> As indústrias têxteis, em todo país, vêm sofrendo consequências em razão do arrocho monetário, do corte do crédito, prazos curtos de pagamentos e a intenção do Governo em desaquecer a economia. Outro fator, foi a importação de produtos asiáticos com prazo de pagamentos de 360 dias. (GRUPO..., 1995, p. 5).

Sobre este cenário econômico de 1995 especificamente, é interessante compreendermos que esse foi o primeiro ano da administração tucana no Brasil, onde revelava-se em grande medida um dissenso. Se de um lado a equipe original do Plano Real insistia em manter a redução das tarifas de importação, cujo objetivo era a garantia da liberalização comercial, por outro havia uma pressão protecionista favorável ao setor automotivo. Conforme destaca Marly Motta (2016):

> No fundo, duas questões, profundamente relacionadas com o jogo político, estavam em cena. Dono de uma base parlamentar sólida, o governo FHC sabia que boa parte dessa solidez se originava do apoio popular à queda dos níveis da inflação a patamares compatíveis com o Primeiro Mundo. O problema era como manter, ao mesmo tempo, a inflação sob controle e as contas públicas

[54]Sobre o assunto vale destacar que os estudos realizados por MATTOS; BLACKBURN; SANTIAGO; MENEZES (2020) apontam que ainda mesmo no final da década de 1970, o algodão na região Nordeste começou a perder espaço nos mercados, cujas razões estavam relacionadas a baixa produtividade, um serviço de assistência técnica bastante defasado, altos custos de transportes e, sobretudo, a falta de uma política que protegesse os agricultores das grandes oscilações de preços internacionais.

[55] Para os pesquisadores Sérgio Costa e Miguel Bueno (2004), este foi um período em que a cultura algodoeira na região Nordeste viveu o seu maior drama econômico e de taxas elevadas de desemprego.

> ajustadas, em um cenário externo refratário a investimentos e muito severo com países fiscalmente deteriorados. A preocupação com o grau de austeridade da política fiscal também dividia o governo. (MOTA, 2016, p. 234).

Entendemos, deste modo, que o governo se via dividido naquele momento em razão, sobretudo, da utilização dos recursos da privatização, pois como assinala a autora supracitada, enquanto o ministro da Fazenda na época, Pedro Malan[56], defendia que o dinheiro arrecadado deveria ser destinado ao abatimento da dívida pública, outros ministros, como José Serra[57] e Sérgio Motta[58], preferiam que esse fosse investido no setor produtivo.

Deduzimos, portanto, com essas discussões em torno da conjuntura econômica e política de 1995, que a sociedade era quem, em meio a tudo isso estava em jogo e que precisava decidir se tinha ou não a disponibilidade em pagar pelo preço de bancar o sucesso do Real.

Em alguns segmentos empresariais da cidade de Picos-PI como no ramo de confecção, por exemplo, discutia-se no ano de 1995, que jamais haviam percebido, em vários anos de comércio, uma recessão tão grande quanto a que estava acontecendo. Contudo, seus respectivos empresários consideravam um plano bom, e que levariam somente um tempo para se adequarem, embora criticassem fortemente, por outro lado, a tecnocracia, considerando-a a principal desvantagem que a sociedade levava, uma vez que os legisladores estaduais e federais advogavam apenas em causa própria, de modo a aumentarem os seus salários, por exemplo.

Em relação à indústria do segmento têxtil, de propriedade do grupo Coelho na cidade de Picos-PI, observamos os reflexos deste contexto no fato de que embora a mesma tenha declarado estado de crise[59] temporário, esta ficou impossibilitada de manter pleno o seu funcionamento e o quadro de funcionários por um certo tempo.

Apesar de ter se restabelecido posteriormente, o referido estabelecimento não conseguiu driblar, por exemplo, a crise administrativa- financeira do final da década de 2000, que

---

[56] Foi Ministro da Fazenda durante os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, e fez parte da equipe responsável pela implementação do Plano Real. É ainda economista e engenheiro elétrico por formação. Informações disponíveis em: <Pedro Malan: um dos responsáveis pela criação do Plano Real (suno.com.br)>. Acesso em: 20 Mai, 2023.

[57] Foi Ministro do Planejamento e da Saúde durante o governo de Fernando Henrique Cardoso. E constitui uma das principais figuras do PSDB paulista. Informações disponíveis em: <José Serra - Biografia, últimas notícias e fotos - iG>. Acesso em: 20 Mai, 2023.

[58] Foi Secretário-Geral e Ministro das Comunicações no governo de Fernando Henrique Cardoso, além de um dos fundadores do PSDB. Informações disponíveis em: <SÉRGIO MOTTA - POLÍTICO - (57 anos) * SP (26/11/1940) + SP (19/04/1998) - SAGITARIO (recantodasletras.com.br)>. Acesso em: 20 Mai, 2023.

[59] A primeira crise declarada pela indústria em 1995, segundo o jornal de Picos, provocou uma grande insatisfação nos funcionários demitidos, pois uma vez que a Indústria Coelho alegava não ter recursos para pagar as rescisões dos mesmos e a única alternativa era pagar em tecidos por eles produzidos, no entanto, esse era um produto de difícil comercialização na região picoense.

provocou além de demissão em massa, o indevido pagamento dos direitos trabalhistas[60], marcando assim, portanto, o rompimento econômico definitivo do grupo Coelho em solo picoense[61].

Além de destacar tais crises atreladas a conjuntura econômica brasileira do período, os estudos acerca do espaço fabril da Indústria Coelho na região de Picos, apontam também que nem tudo naquele ambiente de trabalho eram flores. O empregado, por exemplo, deveria ter boas condições físicas, pois esse passaria oito horas de pé executando as atividades exigidas e contava com pouco tempo livre para a refeição. E, "como toda e qualquer indústria, havia uma organização funcional de forma hierárquica e os salários variavam de acordo com a função desempenhada por cada um dos funcionários". (ALVES, 2012, p. 72).

A autora mencionada acima destaca ainda que além da diferença de salários, havia também uma hierarquização no que diz respeito aos meios de transportes utilizados até a indústria. Enquanto os chefes de setores se deslocavam em uma Kombi, os demais operários, inicialmente, eram transportados em paus-de-arara e, posteriormente, quando o número de funcionários cresceu exponencialmente, em ônibus coletivo ofertado pela própria empresa.

A entrevistada e ex-funcionária da Indústria Coelho, Francisca de Sousa Feitosa (2019), nos relatou a respeito da sua rotina de condução até a empresa, afirmando que:

> Eu ia de ônibus, a empresa tinha um ônibus. Ela tinha um ônibus que ia pegar, tinha um ponto do pessoal que trabalhava lá, esperar o ônibus passar. Tinha a linha, ele vinha aqui na Bomba e fazia a trajetória, pegava o pessoal que morava no Bairro São José, que morava aqui pro lado do centro, ali pra rua São Pedro, aí ia esperar lá na avenida, na Transamazônica. Ai a gente que esperava lá ele pegava, aí quando chegava o horário ele vinha deixar de novo. Eu trabalhava de 5 da manhã a 2 da tarde. (FEITOSA, 2019).

Além de descrever a maneira como se deslocava até o seu primeiro emprego formal na cidade de Picos-PI, a entrevistada também evidencia as horas dedicadas exclusivamente ao trabalho na Indústria Coelho, que se dava entre às 05:00 da manhã e às 14:00 da tarde. Observando as pontuações que a pesquisadora Marli Alves (2012) fez a respeito do funcionamento e do trabalho dos operários nesta indústria têxtil, deduzimos que a entrevistada acima fazia parte da turma A, ou seja, a primeira que ingressava diariamente, e que contava

[60] Em 2013, anos após o seu fechamento, a Justiça do Trabalho, por meio da Vara do Trabalho da cidade de Picos-PI, colocou a empresa à venda com o objetivo de quitar os débitos trabalhistas, contribuições previdenciárias, honorários advocatícios, eventuais impostos de renda, entre outras dívidas.

com um número maior de mulheres, tendo em vista que na turma C, por exemplo, que compreendia os horários de 22:00 da noite e 05:00 da manhã, trabalhavam apenas homens.

Rememorando os serviços prestados à Indústria Coelho, a senhora Francisca de Sousa Feitosa (2020) nos afirmou também que nem tudo naquele ambiente fabril era agradável para os funcionários, sobretudo para aqueles que ocupavam os setores de tecelagem e fiação, pois acabavam adoecendo[62] ao inalarem a grande quantidade do pó de algodão que era expelido pelas máquinas.

> Eu trabalhei na Indústria Coelho. Lá eu sei que adoecia muita gente porque lá tinha muito pó. Lá trabalhava com algodão, umas máquinas assim que soltava muito pó mesmo e muita gente adoecia, principalmente o pessoal que trabalhava lá em determinados setores, como na parte de tecelagem e de fiação do algodão que tinha muito pó. (FEITOSA, 2020).

Além de prejudicar a saúde dos funcionários, a inalação do pó originado das impurezas do algodão bruto atingia também os moradores próximos à Indústria Coelho. Em dezembro de 1982, o jornal *Macambira* noticiou que estes estavam enfrentando dificuldades em relação à limpeza de suas residências e contraindo problemas respiratórios como tosse e pneumonia, bem como alergias na pele.

> Os moradores circunvizinhos às Indústrias exigem uma solução imediata do problema, pois chegaram ao local primeiro. O gerente comercial das Indústrias Coelho S.A, Pedro Alcântara Ramos diz que esse "é um problema crônico universal", e que está estudando com a diretoria uma viabilização para solucionar o problema, sendo preciso aproximadamente cinco milhões de cruzeiros. (INDÚSTRIA..., 1982, p.5).

Observamos que o fato de exigirem uma solução imediata por parte da direção da indústria, alegando terem chegado no bairro primeiro traz, nessa perspectiva, além da preocupação com a saúde, também um certo incômodo com o que não era genuinamente picoense e que não vinha suprindo as expectativas daqueles que sonhavam com o progresso da sua urbe.

---

[62] Sobre esse assunto é interessante nos atentarmos também aos impactos que o algodão e as indústrias têxteis em geral provocam. Um estudo feito pela Universidade Federal do Vale do São Francisco em 2018, destacou que estes começam desde a agricultura, pois utiliza-se cerca de 24% de todo o consumo de inseticidas e 11% dos pesticidas aos quais se tem conhecimento hoje. Além disso, a absorção do pó das fibras do algodão pode fazer com que o indivíduo venha a ter, entre outras inúmeras doenças, uma disfunção pulmonar conhecida como bissinose. Para maiores informações consultar o endereço eletrônico: <Impactos ambientais das fibras têxteis e alternativas — UNIVASF (Universidade Federal do Vale do São Francisco>) Acesso em: 03 abril, 2023. .

No fragmento abaixo, extraído do mesmo jornal, percebemos que além da insatisfação dos moradores do bairro Paraibinha, representantes da saúde, como o pediatra plantonista do hospital regional Justino Luz, José Soares Filho (in memoriam), também concordavam que o problema deveria ser solucionado de forma imediata, pois poderia provocar danos ainda maiores, sobretudo nas crianças que possuem a via respiratória mais curta do que a de um adulto.

> Segundo o médico José Soares Filho, do hospital Regional Justino Luz, isso deve ser resolvido imediatamente, pois pode causar sérios danos aos moradores. Afirma que já atendeu a um paciente com indícios de pneumonia, consequentemente provocado pelo pó.
> Sob o ponto de vista do médico José Soares Filho, "esse pó atinge a mucosa, causando danos pulmonares. Afirma também que já atendeu duas crianças que foram vítimas desse pó, sendo que uma delas o pó provocou uma pneumonia, enquanto a outra contraiu apenas uma alergia. O médico explica ainda que isso decorre de uma rejeição por parte do organismo a um elemento estranho, que é o pó. O tratamento básico, ressalta, "é descobrir o mal e tentar sanar o problema imediatamente". (BAIRRO..., 1982, p. 4).

Ao que nos parece, os moradores do bairro já mencionado, embora apelassem até mesmo à Secretaria de Saúde da capital Teresina, não obtinham respostas satisfatórias para os males que vinham lhes atingindo, pois aos olhos dos representantes da Indústria Coelho aquilo era, além de universal, um problema estrutural, portanto de responsabilidade da prefeitura. E essa última, pelo que constatamos durante a pesquisa, não se responsabilizava por tais danos e não se unia à indústria para que juntas pudessem solucionar os danos causados à população e ao meio ambiente.

Este fato de o poder público municipal não querer assumir a responsabilidade dos problemas de saúde pública que lhes competia, e transferir esse encargo para a população, incomodava os próprios jornalistas que redigiam os periódicos em circulação. Em 1985, por exemplo, um dos redatores do *Jornal de Picos* escreveu que o Serviço de Saúde Pública (SESP), havia enviado uma equipe para desempenhar o programa de saneamento básico, tendo em vista que em outras cidades de menor porte os problemas não eram tão graves quanto estava ocorrendo na mesma.

E ao mesmo tempo destacou também que chegava a ser cômica a maneira como o povo picoense era enganado pelos seus governantes, esses que recebiam recursos destinados pelo

Governo Federal para a execução de serviços que os beneficiasse, mas que na prática não aplicavam corretamente e ainda culpava a população.

> O SESP-Serviço de Saúde Pública, enviou para a nossa cidade, uma equipe de funcionários seus, para cumprir um programa de saneamento básico. Para tanto, o SESP está tentando conseguir apoio dos grupos existentes na comunidade, para levar adiante o seu "projeto". [...] o próprio grupo chegou a dizer que, a saúde pública já possui uma estrutura melhor em outras cidades do interior do Piauí, onde os problemas já não são tão graves com consequências piores. Quando se perguntou o porquê da não existência dessa estrutura aqui, tentou-se transferir a responsabilidade para a população picoense, como se esta fosse a responsável pela não aplicação dos recursos destinados para o saneamento da nossa cidade, e que foram misteriosamente remetidos para "outro endereço". Mas, como aqui tudo é possível, o dinheiro que era para o saneamento enveredou para outro caminho e o povo foi passado para trás, mais uma vez. (SAÚDE..., 1985, p. 8).

É notória no trecho acima, bem como nas linhas subsequentes da respectiva matéria, a insatisfação do redator com os governantes municipais e com os mecanismos utilizados por esses para enganarem a população, principalmente aqueles mais desprovidos de conhecimento político e senso crítico, vistos apenas no período eleitoral, e que ainda assim acreditavam que pelos poucos e raros benefícios recebidos naquele momento, deviam favores que, portanto, seriam pagos através de seus votos.

> As pessoas mais simples não conseguem entender que esse dinheiro é do próprio povo. Muito menos conseguem entender que esse tipo de medida é puramente paliativo. Isso não resolve o problema. Nós queremos e apoiamos decisões e medidas que solucionem em definitivo os problemas da comunidade e que sejam discutidos na comunidade a maneira que se deve fazer. Não participamos de programas que que são elaborados de cima para baixo. É costume não se ouvir a voz da comunidade neste país. Falam e "resolvem" tudo de cima. O povo somente é convidado na hora de cumprir! De executar. E, quando não se aceita esse tipo de imposição, se diz que o povo não quer participar. Mas, que tipo de participação? (SAÚDE..., 1985, p. 8).

Notamos, portanto, a partir destas fontes analisadas no decorrer da pesquisa, que são múltiplos os afetos e desafetos construídos em torno do espaço fabril da Indústria Coelho na cidade de Picos-PI. Local esse que possibilitou o uso da mão de obra nos moldes capitalistas, mas que também propiciou a formação de consciência de classe[63] entre seus operários, de modo

[63] A historiadora Marli Alves Mota (2012) aponta que a troca de experiências e as vivências entre os operários no espaço da Indústria Coelho foram cruciais para a fundação de um sindicato próprio, que não silenciava diante os problemas trabalhistas vividos por muitos, ainda que nem todos estes trabalhadores aderissem ao mesmo. Uma vez tendo declarado fracasso, os lucros gerados pela referida empresa não foram investidos na cidade, mas sim

que esses viessem, posteriormente, por meio do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, reivindicar melhorias e demonstrar suas insatisfações diante as condições humanas de trabalho aos quais eram submetidos.

4.2 "A sujeira e a fedentina campeiam por todos os cantos:" o Matadouro Público Municipal e o Açougue Félix Borges Leal

O Matadouro Público Municipal da cidade de Picos-PI, localizado na Avenida Urbano Eulálio Filho, bairro Canto da Várzea, foi construído em 1967, na gestão do prefeito Oscar Eulálio. Este prédio, nas décadas de 1980 e 1990, já não apresentava condições dignas de higiene, o que tornava as possibilidades de contaminação dos animais abatidos ainda maiores.

As informações a respeito dele que aparecem no *Jornal de Picos* são de que: "A sujeira campeia por todos os cantos. É no curral, onde porcos e urubus se misturam, e na salgadeira de couros, a situação é de extrema imundície". (MATADOURO...,1998, p. 5).

A imagem a seguir ilustra bem a realidade da parte externa do matadouro, que não se diferia muito de outros estabelecimentos destinados a comercialização de alimentos. Nos chama a atenção o acúmulo de lama em seu entorno que, consequentemente, atraía muitos mosquitos e insetos que poderiam vir a causar doenças à população, além do desconforto em trafegar naquela área que dava acesso a diferentes bairros da cidade.

retornados para Petrolina e, alguns poucos trabalhadores conseguiram, por intermédio deste Sindicato, terem seus direitos ressarcidos.

Figura 20- Matadouro Público Municipal de Picos-PI, 1998.



Fonte: Jornal de Picos

O entrevistado Douglas Nunes (2022) apontou que, embora não gostasse de visitar o Matadouro Público por considerá-lo um local de baixa vibração espiritual, pelo fato de agredir a morte de animais indefesos, tinha conhecimento de que não havia um controle de higiene.

> [...] tinha ciência da presença de outros animais, cães e gatos no interior dos matadouros, que se alimentavam avidamente das carcaças jogadas e bebiam do sangue que corria por uma vala cimentada, localizado no Bairro Matadouro-Picos. (Douglas Nunes, 2022).

Essa carcaça bovina supracitada, que servia de alimento tanto para as pessoas quanto para os animais em situação de rua representa, segundo os estudos feitos pela pesquisadora Jéssica Cristina Freitas Rodrigues (2019), a principal ameaça à segurança alimentar, pois é alto o potencial de contaminação microbiológica nesses tecidos, sobretudo quando há o contato destes com superfícies mal higienizadas ou mesmo com algum conteúdo gastrointestinal do próprio animal abatido.

Sabe-se ainda, a partir do cruzamento entre as fontes utilizadas nesta pesquisa, que os citadinos residentes nas adjacências do Matadouro, inconformados com a situação solicitavam, juntamente com o Departamento de Defesa do Consumidor (DECON) que a justiça o interditasse, porém não obtinham o sucesso de imediato e a saúde pública continuava sendo ameaçada.

> A saúde pública está ameaçada, vez que não se observa a adoção das mínimas condições de higiene e o esgotamento dos líquidos levados a céu aberto, além dos restos dos animais jogados para abutres e porco, causando enorme desconforto para a população residente nas proximidades com odores insuportáveis. (MATADOURO..., 1998, p. 5).

É interessante entendermos, neste sentido, que a saúde ameaçada a qual mencionamos não se restringia apenas a dos moradores próximos, mais também a dos consumidores de outras regiões que adquiriam estas carnes comercializadas no Açougue Municipal. Esse último estabelecimento, pelo que podemos compreender através dos nossos estudos, também não proporcionava condições satisfatórias de higiene aos seus frequentadores e, por esta razão, até os dias atuais algumas pessoas ainda se recusam a realizarem compras no mesmo.

> Certa vez, no ano de 1989, ao adentrar o açougue municipal na Av. Getúlio Vargas, verifiquei a presença de cães e gatos circulando pelo interior do açougue e defecavam ali mesmo. Eu já havia presenciado essa cena em outras ocasiões imaginando que isso ficara no passado. O piso de cimento sujo de manchas de sangue, a presença de baratas..., mas uma cena vale mais que mil palavras. Entrei pela porta lateral e saí pela por outro lado ganhando a rua.
> Ainda hoje, passados tantos anos, não faço compras ali. Lamentavelmente isso acontece em nossa cidade. As pessoas não dão conta disso, infelizmente! (Douglas Nunes, 2022).

A maneira como a carne era transportada do Matadouro Público até o Açougue Municipal em carros improvisados de carrocerias, em seguida exposta em cima dos balcões sem nenhuma proteção e, posteriormente, conduzida até a residência dos consumidores em fios de carnaúba, os cheiros deste estabelecimento, bem como as práticas anti-higiênicas que até os dias atuais são recorrentes segundo os relatos dos nossos entrevistados, também nos chamam a atenção.

> Bem na entrada, nas duas laterais, os magarefes vendiam a carne ali. A carne era depositada em cima do próprio balcão né, sem nenhuma proteção também. Fica aquele cheiro forte de sangue, o esvoaçar de moscas, essas coisas né?! Passou então para aquele, onde hoje é ali na Getúlio Vargas, que também não é a forma adequada de se comercializar carne. Então os dejetos, os restos se

> colocam em frente, em tambores, na própria avenida onde causa aglomeração de cachorros, de urubus né?! E isso juntando-se aos esgotos que era a céu aberto, praticamente até hoje ali. Então é sempre o mau cheiro, o incômodo para quem vai adquirir esses produtos lá e também para quem passa, quem trafega na avenida. Ainda atual, ainda hoje a gente não tem um local adequado para se comercializar carne aqui em Picos. (Vilebaldo Nogueira, 2022).

Na visão do respectivo entrevistado, o tradicional local de comercialização de carne na cidade de Picos, embora passado- se vários anos, continua sendo inadequado, pois não oferta condições satisfatórias de higiene e acaba provocando, consequentemente, desconforto tanto para os compradores quanto para os visitantes da cidade que trafegam pelas suas adjacências e têm que lidar com os odores desagradáveis de sangue e carne estragada, e com os urubus e cachorros que a "transportam" até os esgotos escancarados a céu aberto em seu entorno.

Já o senhor Douglas Nunes (2022) define o cheiro do espaço mencionado como peculiar pois, segundo ele, misturam-se os diferentes tipos de carnes expostas com o tempo esgotado de venda e sem nenhuma refrigeração com o cheiro de peixe, fato que para ele é considerado um insulto, por vezes ainda ignorado pelo restante da população picoense.

> Sobre o cheiro, era e ainda é peculiar. Cheiro de carne exposta e seca, já passada o seu tempo de venda, sem estar no refrigerador misturada com o cheiro de peixe também comercializada... Um insulto aos consumidores. Mas se estes aceitam, então não se sabe o que dizer sobre isso! (Douglas Nunes, 2022).

Apesar de compreendermos que as sensações de odores e aromas são únicas e cada pessoa tem a sua preferência, sabemos que existem aqueles que não são de fato nem um pouco agradáveis. A carne seja ela bovina, suína, caprina ou a branca, por exemplo, possui segundo a química, diferentes quantidades de Monofosfato de Inosina (IMP) e glutamato de sódio, o que faz com que seu sabor e odor mudem de acordo com essas proporções.

Quanto à exposição das carnes em condições insatisfatórias de higiene, observamos que de fato não se restringe aos primeiros anos de sua fundação ou apenas ao período desta pesquisa. Em 2018, por exemplo, foi realizada uma inspeção no Açougue Municipal por parte do Ministério Público do Estado do Piauí (MPPI) e da 1ª Promotoria da Comarca de Picos, que constatou que os açougueiros trabalhavam sem os materiais de higienes necessários, como toucas e luvas, não faziam a higienização correta dos boxes e, tampouco, dispunham de freezers suficientes para refrigerar as carnes, conforme podemos notar na figura abaixo:

Figura 21- Instalações físicas (parte interna) do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018.



Fonte: Acervo do portal Riachão Net.

Foi constatado também que os banheiros seguiam sendo inapropriados para uso, pois não contavam com limpeza e higienização adequada, e o mau cheiro que saía destes acabava se espalhando pelas demais dependências do estabelecimento, como nos corredores onde estavam fixados os boxes das carnes e por onde os consumidores trafegavam.

Figura 22- Banheiro do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018.



Fonte: Acervo do portal Riachão Net.

A parte externa do referido estabelecimento também preocupava e ainda preocupa os consumidores, pois os resíduos espalhados nos esgotos a céu aberto provocam a proliferação de insetos e roedores que, rotineiramente, adentram a parte interna podendo vir a pousar nas carnes frescas e desprotegidas e, consequentemente provocar sérias doenças.

Figura 23- Parte externa do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018.

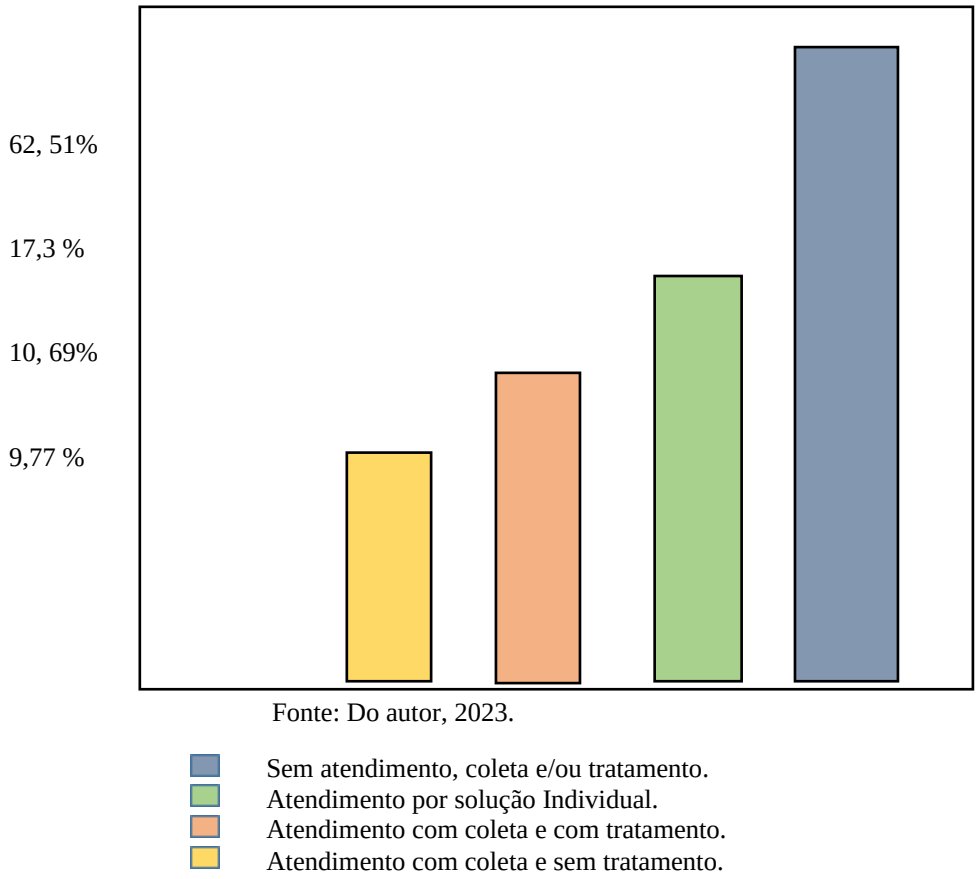


Fonte: Acervo do Portal Riachão Net.

Para o entrevistado Vilebaldo Nogueira (2022), esse desconforto ainda hoje é sentido pelos transeuntes e consumidores das carnes vendidas no açougue porque a cidade de Picos-PI não possui um espaço adequado para a comercialização desse gênero alimentício, tampouco conta com sistemas centralizados de coleta ou tratamento de esgoto.

Sobre este último fato, buscamos construir um gráfico, a partir dos dados fornecido pelo Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) e pela ATLAS Esgoto, que ilustra a realidade do município de Picos-PI em 2021.

Gráfico 1- Dados da coleta e tratamento do esgoto da cidade de Picos-PI em 2021.



Fonte: Do autor, 2023.

Pelo que podemos acompanhar no gráfico acima, bem como no painel de saneamento das cidades brasileiras é que essa problemática da coleta e tratamento do esgoto, especificamente em Picos-PI, continua sendo recorrente, sobretudo em determinadas áreas, porque a referida urbe (ao menos até o ano de 2021) não possuía uma política, plano, conselho ou fundo municipal de saneamento, e com isso cerca de 95,91% da população era atendida com abastecimento de água, mas cerca de 3.219 pessoas não tinham acesso a água, o que representa 4,1% da população, e o esgoto produzido por aproximadamente 37.997 habitantes não era coletado. (SANEAMENTO..., 2022).

Notamos que esta defasagem na prestação de serviços considerados essenciais à população, fez com que muitos espaços, incluindo aqueles do ramo alimentício, como é o caso do Açougue Municipal e do Matadouro Público, por exemplo, seguissem por bastante tempo em condições que não se adequavam às normas de higiene estipuladas pela Vigilância Sanitária, inclusive de proporcionar um abate mais humanizado e, consequentemente, carne de qualidade aos consumidores, o que dificultou a obtenção do selo de inspeção estadual.

A reforma no prédio do Matadouro Público a qual encontramos em nossas pesquisas é bem recente, e as melhorias foram a ampliação do espaço e o melhoramento das instalações e da infraestrutura local, bem como a reinserção da lanchonete bastante utilizada, sobretudo aos finais de semana quando acontece a feira do gado e gera uma maior movimentação no local, uma vez que reúne os produtores de Picos e cidades vizinhas.

Assim, pelo que acompanhamos recentemente, este espaço passou a contar com uma fiscalização sanitária mais efetiva, diferentemente do nosso recorte temporal, onde o animal passa primeiro por uma triagem e, só após ser constatado que esse está dentro dos limites do peso estabelecido e livre de afecções, é que se realiza o abate numa sala destinada ao ato.

Esse processo de abate acontece diariamente, durante a noite e, após finalizar esta primeira etapa, a carne é transportada para os frigoríficos da cidade e, posteriormente, para o consumidor final. Quanto aos dejetos que antes seguiam sem uma destinação adequada, hoje são recolhidos por caminhões que contam com uma estrutura exclusiva para esse tipo de escoamento, não necessitando assim do contato humano. (MATADOURO..., 2021).

Além disso, observamos que para que os animais serem abatidos é necessário que seja apresentada a Guia de Transporte de Animais (GTA), ou seja, uma certificação que ateste que eles estão dentro dos padrões exigidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

4.3 “Cheiro da natureza, da alegria, do encontro humano e da amizade” em espaços picoenses públicos e privados.

Inaugurada em10 de janeiro de 1942, na gestão do prefeito municipal Adalberto de Moura Santos, a praça Félix Pacheco, sendo um espaço público da cidade, configurava-se numa espécie de imã que atraía, reunia e concentrava pessoas de distintas classes que experimentavam múltiplas experiências desde, por exemplo, os simples encontros de amigos até os namoros, que geralmente se davam sob os olhares vigilantes de seus progenitores.

De acordo com Renato Duarte (1995), a referida praça quando construída consistia no único jardim público da cidade e continha todos os elementos próprios de uma praça, o que incluía a área de lazer e os espaços de socialização: coreto, poço artesiano, tanques, arborização, canteiros e bancos. Esses últimos,

> [...] apesar de desconfortáveis, pois não tinha encosto, eram originais: constavam de uma pedra apoiada em dois suportes com o formato de rosto de leões. Os postes de iluminação eram feitos de ferro trabalhado e eram encimados por globos de vidro de cor leitosa. A iluminação do paredão era semelhante – o que contribuía para a harmonia visual do conjunto -, porém os postes eram de tamanho menor que os da praça. (DUARTE, 1995, p. 35).

Esta praça era também bastante movimentada nos fins de tarde e à noite, porém aos finais de semana esse movimento se expandia, o que a tornava a cidade do interior nordestino mais frequentada e colorida. Os estudos realizados pela historiadora Mara Gonçalves Carvalho (2014) apontam neste sentido que:

> Era ao redor da praça que se localizavam praticamente todos os locais de diversão na cidade pelo menos até 1970, bares, cinemas, sorveteria eram alguns dos estabelecimentos que podiam ser encontrados próximos a praça. Desde sua origem a praça era bastante movimentada por pessoas de variadas classes e idades, sendo um local de sociabilidade e diversão tanto para os picoenses como para as pessoas de cidades vizinhas que vinham a Picos. (CARVALHO, 2014, p. 7).

É interessante destacar que era na área paralela ao trecho onde se localizavam esses estabelecimentos mencionados acima, e entre as 19:00 horas da noite, após os rituais religiosos que aconteciam na Catedral de Nossa Senhora dos Remédios, que as *moças casadouras* costumavam passearem em grupos e de braços dados, recolhendo-se pontualmente às 21:00. A área da praça supracitada era a mais iluminada e de maior movimentação de pessoas, portanto considerada apropriada para as moças que se resguardavam para o casamento e temiam os questionamentos sobre suas reputações.

Renato Duarte (1995) relata que estes passeios em torno da praça só tinham significado porque:

> Havia uma plateia de rapazes que se postavam nos dois lados da passarela, geralmente em pé, formando uma espécie de corredor. Como haviam só cinco bancos naquele lado da praça, eles eram disputados avidamente pelos espectadores do desfile, sendo costume, entre os amigos, fazer-se o rodízio.
> Era durante aqueles passeios que os jovens, do que se poderia chamar de classe média picoense, se conheciam, "flertavam" - como se dizia naquela época – e

> começavam os namoros. Havia uma sequência de etapas a serem cumpridas até se chegar ao namoro. Primeiro, durante as idas e vindas das moças, começavam as trocas repetidas de olhares, ou seja, o "flerte". O rapaz, uma vez convencido de que era correspondido, tomava a iniciativa de "acompanhar" a jovem. Caso a abordagem fosse aceita, a moça separava-se do seu grupo de amigas e o jovem casal encaminhava-se para a parte central do jardim, que era a área destinada aos namorados. (DUARTE, 1995, p. 37-38).

Uma vez seguindo todo esse processo, cujo beijo era a etapa final, o rapaz e a moça que assumissem um relacionamento amoroso deveriam ser discretos, de modo que a honra feminina não viesse a ser comprometida antes de contrair o matrimônio. Ou seja, a mulher picoense, e as jovens especificamente, por estarem inseridas em um contexto resistente aos valores patriarcais viviam enclausuradas dentro de modelos normativos, com exceção das meretrizes que habitavam a zona dos prostíbulos[64].

É interessante destacar neste sentido também que, o cheiro do perfume utilizado por algumas jovens que transitavam pela praça se mantinha por um certo tempo na memória olfativa, sobretudo daqueles rapazes mais tímidos que acreditavam que a jovem a qual lhes tinha despertado interesse, jamais cederia a um relacionamento. Conforme rememora Douglas Nunes (2022): "Era inebriantes, principalmente daquelas que você sabia ser impossível conquistar. Mas permanecia na memória por dia". (NUNES, 2022).

A maneira como o entrevistado acima rememora as fragrâncias agradáveis das moças picoenses dos anos de 1980 e 1990, segundo a ciência, se dá porque possuímos uma expressiva quantidade de receptores e de células olfativas, que nos permite captar trilhões de cheiros e/ou odores, que podem assim afetar o nosso humor e percepções, bem como acionar memórias fortes de algo que nos marcou em determinado momento de nossas vidas.

Além do mais, o espaço da praça Félix Pacheco foi, por longas décadas, o principal local escolhido pela juventude para os flertes, mas este foi também um lugar utilizado com a finalidade do encontro e reuniões de amigos, pois:

> […] nesse local já funcionava como ponto de ônibus para se dirigirem até suas casas como também se dirigirem até outros locais atrativos como clubes que ficavam mais afastados do centro da cidade […] em dias de apresentação de algum filme os jovens formavam as turmas na praça com o intuito de comentar a respeito do que foi exibido. Até mesmo as festas intituladas "sagradas" como Natal serviam de reduto de muitos jovens para estarem se confraternizando. (RIBEIRO, 2014, p. 39).

[64] A zona dos prostíbulos na cidade de Picos-PI compreendia as "Rua Velha" e "Rua Nova", atuais rua São Pedro e São Vicente. Por abrigar o comércio da libido da cidade desde tempos remotos, estas eram vias públicas consideradas inapropriadas para o transitar das moças de família que almejavam o casamento.

No fragmento abaixo, extraído do poema *Picos*, a poetisa e frequentadora da praça Félix Pacheco, deixa transparecer a sua afetividade por esta e pelas práticas desenvolvidas na mesma.

> PICOS,
> Da praça Félix Pacheco
> Toda enfeitada de flores
> Ninho dos meus folguedos
> E também dos meus segredos.
> (SOUSA,1990).

Nestes versos perpassados pelo sentimento de nostalgia, notamos que a poetisa se refere ao espaço da Praça Félix Pacheco quando essa ainda era coberta em boa parte por uma vegetação que, além de a tornar mais bonita, também a deixava mais aconchegante, fazendo com que seus frequentadores pudessem respirar um ar mais puro, que talvez não pudesse mais ser respirado em outras partes da cidade. Pois, estes se abeiravam da natureza, à medida que tinham contato direto com as variadas plantas rasteiras, incluindo as belas roseiras, que compunham o enorme jardim em torno da praça, bem como os carnaubais que se balançavam de encontro ao vento. (OLIVEIRA, 2011).

Figura 24- Praça Félix Pacheco, (década de 1980)



Fonte: Acervo e Memória Picoense.

Este cenário tido como aconchegante embora estivesse sofrendo algumas alterações, como a substituição do *Coreto*[65], por exemplo, por um prédio chamado de *Abrigo* (cuja parte superior permitia uma observação mais ampla da cidade, conforme mostra na imagem acima), ainda mantinha determinados traços, como o formato triangular e a arborização que amenizava as elevadas temperaturas em determinadas épocas do ano.

Apesar de a cidade já contar com outras áreas de lazer e sociabilidades nos anos 1980, o prédio localizado ao centro da praça Félix Pacheco, denominado de *Abrigo*, continuava sendo um dos mais convidativos, pois era neste que aconteciam as tertúlias aos finais de semana, "momentos em que rapazes e moças se divertiam, dançavam e namoravam ao som de músicas românticas internacionais que se fizeram presentes em grande parte dos repertórios musicais de jovens dos anos oitenta". (RIBEIRO, 2014, p. 37).

Além de proporcionar um lazer mais reservado, como as festas supracitadas que ocorriam no Abrigo, o ambiente da praça Félix Pacheco era ainda visto como um local ideal

[65] O Coreto se trata de uma cobertura situada no centro das praças públicas, cuja finalidade é abrigar bandas musicais, apresentações políticas, culturais etc.

para a realização de eventos políticos, shows com os cantores da região, bingos, carnavais, bem como para campanhas da área da saúde, como as de vacinação, por exemplo.

> [...] o local preferido para as concentrações políticas, promoviam atrações anuais que conseguiam atrair a população e cidades vizinhas para a Praça durante a realização dos eventos como, comícios eleitorais, que com o passar dos anos foram proibidos em locais como esses, pois, tinham shows que os partidos políticos contratavam bandas da região ou não, e era de graça para toda população que vinham de vários locais, também tinha o palco da cultura, um evento que consistia em trazer os talentos da terra para se apresentarem shows do aniversário da cidade, barracas de campanhas de vacinação, já que nessa época não existiam postos de saúde nos bairros, e contava como local de assistência aos doentes apenas o hospital regional Justino Luz, realizações de Bingos e o Carnaval eram realizados ali e se estendia para as ruas adjacentes. (SANTANA, 2018, p. 36).

Notamos assim, que embora a praça Félix Pacheco tenha sido considerada por bastante tempo uma extensão das casas de muitas famílias picoenses, na década de 1990 isso começa a mudar e passa a ser comum à ida à mesma, por exemplo, apenas para simples degustações de iguarias vendidas naquele ambiente ou em suas adjacências.

Sobre esta procura com fins alimentícios, os relatos dos nossos entrevistados apontaram que era comum no espaço da praça à venda de pipoca, caldos de carne e de galinha, bem como espetinhos de carne, alimentos estes que faziam parte da cultura alimentar da região[66], cujo cheiros "subiam aos ares contagiando a todos pelo estômago". (NUNES, 2022).

Esta perca da função da praça Félix Pacheco a qual haviam destinado desde os primórdios, isto é, de proporcionar sociabilidades, lazer e diversão e a utilização da mesma apenas como um lugar de trabalho ou de passagem estava associada, segundo a historiadora Priscilla Moura Ribeiro (2014), aos novos entretenimentos que chegavam à cidade voltados para a juventude, como por exemplo, os videogames, clubes, danceterias, bem como a formação dos times de futebol nos diferentes bairros.

Outro fator que para nós também pode explicar esse declínio são as várias modificações físicas e estruturais que o referido espaço sofreu, sobretudo na década de 1990, quando a cidade estava em processo de urbanização, bem como a "grande crise que abalava o país e o mundo e o esvaziamento do centro da cidade à noite" (SANTOS, 2016, p. 164-165), fatores que contribuíram no mesmo período, por exemplo, para a decadência do Cine Rex na capital Teresina.

[66]Destacamos com isso que, embora tais alimentos compusessem a culinária picoense, nem todos os citadinos tinham condições econômicas de saborear estas iguarias, como a carne, por exemplo, pois se trata de um período cujas inflações no país atingiam níveis elevados e aumentava-se ainda mais os desníveis sociais entre as classes.

Sobre as novas opções de ambientes privados que surgiam e/ou reacendiam na cidade de Picos-PI no período estudado, propiciando outros tipos de lazeres e diversões, podemos destacar o *Picoense Clube*. Esse, localiza-se na rua Monsenhor Hipólito e foi fundado no ano de 1954, através de uma sociedade entre militares e civis, no qual se destacava pelos agitados carnavais que geralmente ocorriam em dois dias de muita animação e descontração.

Ressaltamos que estes carnavais que ocorriam em ambientes fechados, quer fosse no clube supracitado ou no Samambaia Campestre Clube, por exemplo, não beneficiavam a todos que desejassem participar, pois os bailes e matinês promovidos eram animados por bandas oriundas de outros estados e o preço cobrado nas mesas do evento e ingressos, extrapolava, na maioria das vezes, as condições financeiras dos não-sócios.

Além do período carnavalesco, o Picoense clube também era bastante procurado durante as apresentações de artistas nacionais aos quais podemos destacar Reginaldo Rossi e Luiz Gonzaga. Como nem todos tinham condições financeiras para assistir as apresentações de perto, era comum as pessoas se concentrarem em pontos estratégicos para observar a chegada desses artistas e admirá-los. Fato que ocorria não apenas nas proximidades do Picoense Clube, mas também, por exemplo, do Cine Spark, onde as moças se reuniam na praça Félix Pacheco, no Coreto ou na sorveteria Apolo 11.

O Picoense Clube também era bastante conhecido pelas suas tertúlias[67] animadas por bandas locais, como a MC-8, por exemplo, que repercutia e espalhava admiração entre a juventude. Segundo a historiadora Priscila Moura Ribeiro (2014), as tertúlias eram festas bastante aguardadas pelos frequentadores, pois uma vez que as bandas que se apresentavam eram, em sua maioria, regionais, essas interpretavam variados gêneros musicais, incluindo o estilo internacional e mais lento, o que permitia um contato físico maior entre os dançantes, quer fossem enamorados ou pretendentes.

Ainda na década de 1980, o referido clube declarou estado de crise econômica ocasionado, em grande medida, pelas entradas de pessoas de classe média baixa em dias de festas, como meretrizes e arruaceiros que não dispunham de condições financeiras para adentrar nas dependências dele, e pelo próprio abandono e decadência em que se encontrava em razão da falta de interesse e zelo de seus colaboradores.

[67] A pesquisadora Nayara Gonçalves de Sousa (2020), identificou que este tipo de festa era comum acontecer também nas próprias residências. Estas, eram organizadas por alguns jovens e aconteciam sem a presença dos pais, de modo que se ligava um aparelho eletrônico de som conjugado de rádio e eletrola e dançavam lentamente, embalados por músicas românticas, o que permitia que alguns jovens se aproximassem do rapaz ou da moça que lhe despertava interesse e ali flertassem com mais privacidade, uma vez que estavam longe dos olhares vigilantes de seus progenitores.

Porém, no final da década posterior (1990), as fontes apontam que o Picoense Clube retoma as suas atividades sob nova administração, trazendo inovações, dentre elas: funcionamento diário, jogos de sinucas oficiais, chopes, tira-gostos e música ambiente, que atraía, consequentemente, a juventude ao propiciar momentos de descontração e lazer, semelhantes aos vividos anteriormente. (PICOENSE..., 1999, p. 3).

Para o entrevistado Vilebaldo Nogueira (2022), mesmo o Picoense Clube e outros espaços de sociabilidades sendo privados e contassem com o serviço de limpeza local, era comum sentir o odor de fezes e urina, pois alguns frequentadores não prezavam pela limpeza dos sanitários e, muitas vezes, faziam as necessidades na parte externa destes estabelecimentos.

> [...] ficava aquela deficiência dos sanitários né? Que não seja devidamente adequado né e as pessoas que utilizam às vezes não tem a consciência de como utilizar e ainda terminar parecendo aqueles cheiros de urina e tal. As pessoas... como são muita gente e o espaço ser pequeno, às vezes a pessoa não utilizava nem o sanitário né, faz ali ao lado no muro. Ao redor também desses clubes muito aquele fedor de urina. (Vilebaldo Nogueira, 2022).

Contudo, ele também respalda em tom poético, que apesar disso, cada pessoa ainda era capaz de exalar o "cheiro" da alegria, do encontro humano e da amizade, que reacendiam na boa convivência com o próximo.

Estes "cheiros", na verdade, não têm um aroma definido, pois referem-se a sentimentos que, segundo a química, são formados em nosso corpo, através de substâncias naturais, como é o caso da endorfina, serotonina, oxitocina e dopamina. Tais hormônios são liberados nos momentos em que nos sentimos bem e felizes, seja ao se deliciar de alguma iguaria, quando dançamos, cantamos, assistimos a um filme, ou mesmo quando socializamos com os amigos, pois alguns deles, como a endorfina, por exemplo, cientificamente comprovada, consiste numa breve euforia que acaba mascarando nossas dores físicas. (BREUNING, 2012).

"Aromas" deste tipo eram comuns serem exalados em outros ambientes privados, como no próprio Samambaia Campestre Clube no período carnavalesco, onde os associados do mesmo se embalavam animadamente ao som de bandas nacionais e, na euforia e alegria do momento, se sentiam "como se estivessem na Bahia, Pernambuco ou Salvador" (COSTA, 2019).

Também se sentia esses bons "cheiros" nos espaços cujos nomes carregavam consigo a denominação de um tipo de comida, como por exemplo, o trailer Salsichão. Localizado na rua Olavo Bilac, bairro Malva, o referido estabelecimento ofertava além de bebidas e iguarias,

bastante entretenimento para os jovens, esses que em sua maioria iam em grupo de amigos, após saírem da escola ou do trabalho.

De acordo com a senhora Edênia da Silva e Sousa (2019), frequentadora assídua do trailer supracitado:

> [...] O Salsichão todo dia era aberto né?! Aí assim, era o point, era o encontro de todo mundo do colégio premem. Todo mundo que estudava assim à noite se encontrava lá, ficava até. Tinha gente que ia até o dia amanhecer... Só conversando... bebendo. Tinha dia que... Não, era o ponto mesmo. Quando chegava à noite. Eu mesma quando chegava à noite, eu quando comecei a trabalhar, aí eu fechava a padaria nove horas, aí ia em casa, tomava banho aí já ia pra lá. Chegava lá, aí já encontrava uma parte, aí a gente ficava só sentado, conversando [...] (Edênia Sousa, 2019).

Vale destacar que a liberdade que a entrevistada acima usufruía para frequentar determinados espaços, sobretudo à noite após sair do trabalho, não era a mesma para as demais jovens de sua idade e sexo. O fato de ela trabalhar desde cedo, ajudar no sustento da família e ter a sua própria independência financeira, favorecia, segundo ela, ter esse tipo de "privilégio", em meio a uma sociedade ao qual o genitor centrava a honra familiar na "contenção da sexualidade das mulheres e filhas". (QUEIROZ, 2006, p. 285).

Além disso, o *cheiro da amizade, do calor humano* e *da alegria*, poderia ser sentido neste ambiente, porque esse servia de palco para diversas apresentações culturais, entre elas do *Projeto Bar Cultural Teatro ao ar livre*, coordenado pelo radialista Heraldo Santos, onde encenavam-se peças enfatizando questões sociais e familiares, as quais se destacavam: "*No Fundo do poço"* e *"Uma dança para Gandhi*". (PROJETO Bar cultural teatro ao ar livre..., 1997, p. 9).

O Salsichão, podemos observar, era também o local utilizado por muitos artistas locais para expressarem suas insatisfações com a inexistência de um espaço cultural fixo na cidade, e com isso reivindicarem o desenvolvimento neste setor, que há bastante tempo recebia promessas de aproveitamento de um prédio público para abrigá-los, mas até então não havia acontecido.

Logo, o Salsichão tornava-se assim um espaço de sociabilidade singular dentro da cidade de Picos-PI, pois além de propiciar o lazer e a diversão, também permitia que muitos grupos se tornassem visíveis e com isso, pudessem ascender culturalmente numa sociedade que, aparentemente, pouco prezava ou mesmo desconhecia esse tipo de direito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa abordou aromas e fetidezes no espaço da urbe picoense e retomando a problemática inicial do estudo em torno das práticas olfativas desenvolvidas nestes espaços urbanos, compreende-se que as cidades não podem ser retratadas apenas sob o viés econômico ou social, mas deve-se pensar e lançar olhares sob outros vieses, outras formas de ver a urbe, uma vez que se concorda com Calvino (1980) que a literatura tem a capacidade de revelar urbes invisíveis, que se fazem presentes em um mesmo lugar.

No início de sua formação, vimos que a urbe picoense é uma urbe provinciana e com isso, tem-se a apropriação em torno de um rio que se dividia entre agricultura e parte destinada a atividade doméstica. Essa apropriação era uma forma de sobreviver e com larga dependência desse rio para quase tudo: atividade econômica, uso doméstico, consumo. Temos assim, um elemento da urbe que, ainda que poluído, era fonte vital desse espaço urbano. Como tal, era depósito de lixo hospitalar e se tornou com isso, a porta de entrada também para o surto de doenças como a esquistossomose provenientes da ausência de saneamento básico.

Adiante, percebeu-se pelas imagens que a pesquisa traz que, na década de 1990 não se tinha na cidade nenhum tipo de planejamento urbano. Isso mostra que essa situação conduz as condições precárias que, por extensão nos permite vislumbrar espaços da urbe sem higiene, fétidos e desorganizados.

Em relação às representações olfativas desse espaço urbano em Picos, tem-se a feira livre que traz a multiplicidade de produtos e com efeito, os cheiros e odores produzidos neste local. Trata-se de um lugar de sociabilidade em que não se tem apenas a passagem e a circulação, mas o encontro de diferentes classes, com animações próprias.

A feira, bem como o Açougue Municipal e o Matadouro Público acabaram se tornando neste período (1980 e 1990), espaços cuja marca registrada era a falta de higiene, o que assinalava um certo retrocesso no desenvolvimento da cidade

Sobre o lixo, sujeira e mau cheiro, a pesquisa mostrou que a cidade, no início de sua formação não possuía ainda o serviço de coleta de lixo e na década de 1970, a cidade estava em expansão, mas estava reconhecida como uma cidade desprovida de cuidados com a higiene pública, apesar de já possuir representação política no cenário federal e estadual. Assim, Picos, nesse recorte, permanecia com precárias condições de higiene e lixo a céu aberto, sem os devidos cuidados e as ruas eram cenários caóticos dessa falta de higiene pública e ausência de serviços de coleta de lixo. Com isso, lixo e esgoto se confundiam com a rotina e vida da população.

Nesse sentido, afirmamos na pesquisa que não havia uma intervenção mais eficaz por parte da administração municipal para com essa problemática do saneamento básico, o que de certa forma ainda se estende aos dias atuais, pois percebe-se na cidade espaços e/ ou órgãos públicos fora dos padrões legais determinados para a condição de funcionamento, apesar da existência de órgãos de vigilância sanitária.

Observamos que a ausência de um olhar mais aprofundado por parte dos governantes para com a higiene pública da urbe Picos refletia diretamente na saúde de sua gente. As fontes apontaram que se proliferaram nestas duas décadas (1980 e 1990) diversas endemias, sobretudo na periferia, área de maior ausência de planejamento e desenvolvimento urbano, que foram tratadas em grande medida pelos integrantes do projeto RONDON, atuantes na região na prestação de serviços assistenciais aos mais vulneráveis.

As zonas periféricas, apesar de terem sido fundadas através das doações de terrenos feitas por determinadas instâncias de poder aos mais carentes, não contavam com ajuda e apoio de outros segmentos da sociedade que permitisse aos seus moradores possuírem habitações dignas, o que contribuiu para a formação de estigmas vistos e sentidos até os dias atuais, mesmo estes bairros tendo evoluído e se expandido em vários aspectos.

Embora nessas áreas mais afastadas fossem mais fortes os odores de esgotos a céu aberto, fossas e lixos, nos bairros mais nobres também se notava os resquícios desse serviço ineficiente, no centro e até mesmo nas proximidades dos estabelecimentos do setor alimentício, o que levou alguns picoenses, não satisfeitos com as justificativas que lhes eram dadas por parte dos parlamentares a respeito da problemática, a se unirem e criarem o movimento Pró Limpeza, porém, pelo fato de não contarem com o apoio do próprio poder público municipal, o mesmo não atingiu o sucesso esperado e cada vez mais a cidade ficava à mercê de cuidados essenciais de saneamento básico.

Notamos ainda que havia uma inaplicabilidade das leis elaboradas pelo próprio munícipio de Picos-PI no recorte temporal desta pesquisa, principalmente no que diz respeito a forte presença de animais sujando e provocando acidentes na zona urbana, cujos donos não eram penalizados e/ou responsabilizados, bem como sobre a utilização destes para fins de transportes de cargas de produtos a serem comercializados na feira, muitas vezes em peso excessivo. Mas, percebemos também que alguns destes bichos, como o urubu, por exemplo, embora malquisto por muitos por sua cor e cheiro, acabava “limpando” as vias públicas à medida em que comia os dejetos espalhados e que não eram recolhidos pelo órgão de atuação responsável.

Percebemos também que por não haver planejamento urbano, não se discutia entre as autoridades locais sobre as políticas de preservação ambiental, o que fica bem claro nas condições em que o rio Guaribas se encontrava no período apesar de ter impulsionado diretamente a economia local por bastante décadas. Isto é, além de "sufocado" com as construções que começam a ser feitas em seu entorno, este também agonizava em meio ao acúmulo de dejetos depositados em seu leito, oriundos principalmente do hospital regional da cidade.

Além disso, observamos que as promessas de reestruturação da cidade e de seus espaços públicos, somada a utilização do esporte e religiosidade vinham à tona, costumeiramente, apenas às vésperas e durante o período de campanha eleitoral, constituindo-se em práticas que visavam propositalmente a autopromoção política e, em detrimento disso, a população vivia os demais anos na expectativa se um dia teriam ou não uma urbe mais limpa e menos propícia ao aparecimento de doenças.

Assim, nesta tentativa de abordar o espaço urbano da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, sob a ótica das representações olfativas, de modo a destacar seus cheiros e odores atrelados aos problemas de ordem política e social mencionados no decorrer desta pesquisa, inferimos ainda que nos lugares públicos e privados, também entendidos por nós como lugares de memórias, por despertarem em seus frequentadores emoções e sentimentos que de certa forma são coletivos, os cheiros se distinguiam, inclusive aqueles "aromas" ainda identificáveis pela ciência.

Se no espaço fabril do maior órgão empregatício da região, o cheiro rememorado é do algodão bruto, que quando inalado em grande quantidade e sem proteção, adoecia, no matadouro e no açougue é do sangue fresco, do lamaçal misturado com fezes, das vísceras em estados de decomposição jogadas nas valas de esgotos e da carne exposta em temperatura inadequada, em outros ambientes ainda se respirava o "cheiro" da alegria, da amizade, do calor humano e da luta por parte daqueles que, apesar de viverem numa sociedade que não correspondia de forma satisfatória aos serviços essenciais que deveriam ser prestados ao seu povo, se mostravam sujeitos ordinários e (re) inventores de seu próprio cotidiano.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALVES, Marli Costa. **História e memória da Indústria Coelho S/A:** Trabalho e cotidiano dos operários de Picos (1970 a 1999). 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.

ANTUNES, Daví José Nardy. O Brasil dos anos 90: um balanço. In: **Leituras de Economia Política**. Campinas: 2001, p. 63-89.

BARBEITOS, Carmo Lédna Pereira. **Percepção do olfato:** folhas que não guardei. Bahia, 2017. Disponível em: < http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ledna.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

BARTHES, Roland. **Mitologias.** Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

BESERRA, Maria dos Remédios. **Segregação socioespacial e planejamento urbano em Picos (PI):** entre as demandas da população e as decisões do poder público municipal. 2016. Tese de Doutorado (Doutorado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí, 2016.

BREUNING, L. G. **Meet your happy chemicals**. Lexington, KY: System Integrity Press. (2012).

BONAMICHI, Nayana Correa. **Feiras livres:** Um breve estudo sobre tradição urbana, sociabilidade e resistência na cidade do Rio de Janeiro. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Política e Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São P**a**ulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURR, Chandler. **O imperador do olfato:** uma história de perfume e obsessão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CÂMARA, Manuel Arruda da. **Obras reunidas.** Obra coligida e com estudo biográfico por José Antônio Gonçalves de Mello. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982. (Coleção Cidade do Recife, 23)

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar? In: **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 17-20.

_____ A Rua: espacialidade, cotidiano e poder. In: **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 51-59.

CASTILHO, Denis. **Os sentidos da modernização.** In: Rev B. Goiano. George. Goiânia, v. 30, n.2, 2010.

CARVALHO, Elieny Veloso de. **A feira livre de Picos Piauí.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2012.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos:** história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970). 2015. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática,2000.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores:** o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Cléria Botelho da. **A escuta do outro:** os dilemas da interpretação. História Oral, v. 17, n.2, p. 47-67, jul/dez. 2014.

COSTA, Sérgio Rodrigues; Bueno, Miguel Garcia. **A saga do algodão**: das primeiras lavouras à ação na OMC. Rio de Janeiro: Insight Engenharia, 2004.

DUARTE, Renato. **Picos**: os verdes anos cinquenta. 2 ed. Recife: Nordeste, 1995.

_____. **A reconstrução de uma cidade:** Plano de Desenvolvimento para Picos. Teresina: Comp. Ed. do Estado do Piauí, 2002.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Novos domínios da história.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FONSECA, Graziane Gerbasi. **Os italianos de Picos:** esboço para a história das relações entre o Golfo de Policastro e o Sertão Nordestino a partir de 1870. Teresina: EDUFPI, 2004.

FRANCO, Ana Leonor de Abreu Ladeira. **Correlação dos sentidos do olfato e paladar entre si e com comportamentos sociais.** Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/41779/1/AnaLFranco.pdf>. Acesso em: 23 abr.2023.

FREITAS, Nilson Almino. **Odores da cidade:** pesquisa videográfica sobre o olfato e a memória. Ceará, 2015. Disponível em:

<https://www.academia.edu/30355146/Odores_da_cidade_Pesquisa_videogr%C3%A1fica_sobre_o_olfato_e_a_mem%C3%B3ri>. Acesso em: 20 abr. 2023.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral:** possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2006.

GOUVEIA, Nelson. **Saúde e meio ambiente nas cidades**: os desafios da saúde ambiental. São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/gnt8LsnHRWYzhnT75vT7pjf/>. Acesso em: 06 jun 2023.

GOMES, Uende Aparecida Figueiredo; PENA, João Luiz; QUEIROZ, Josiane Teresinha Matos de. **Dicionário de saneamento básico:** pilares para uma gestão participativa nos municípios. Belo Horizonte: Projeto SanBas, 2022.

GUIMARÃES, Camila Aude. **A feira livre na celebração da cultura popular**. São Paulo: 2010.

GUIMARÃES, Maria. Os mistérios do cheiro. São Paulo, 2009. In: **Revista Pesquisa Fapesp.,** 155 ed, 2009. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-misterios-do-cheiro>. Acesso em: 12 set. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JOUTARD, Philippe. **Reconciliar História e Memória.** Escritos. Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ano 1, n. 1. 2007. p. 223-235.

KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. In: **Revista Desenvolvimento e meio ambiente.,** Paraná, v.7, n. 7, 2003. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3051. Acesso em: 20 ago. 2020.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos.** Petrópolis: Vozes, 2016.

_____. **Experiências olfativas da cidade para o pedestre.** São Paulo: Ponto Urbe, 2020.

LEAL, Ivana Teresa da Rocha Martins. **Piauí Têxtil S/A:** Um estudo de caso acerca das forças competitivas determinantes para sua sobrevivência. 2010. Dissertação (Mestrado Profissional em Economia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

LIMA, Edivane de Sousa; PEREIRA, Viviane Silva. Relação entre saneamento básico e taxa de mortalidade infantil: evidências empíricas para os municípios do Piauí, nos anos censitários (1991, 2000 e 2010). In: **Rev. Econ. NE**, Fortaleza, v. 1, 2021. Disponível em: https://www.banconordeste.gov.br/revista/index.php/ren/article/view/1098/874. Acesso em: 19 jun. 2022.

MALNIC, Bettina. **O cheiro das coisas:** o sentido do olfato: paladar, emoções e comportamentos. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2008).

MEDEIROS, Antônio José. **Movimentos sociais e participação política.** Teresina: CEPAC, 1996.

MEIHY, José Carlos. S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MENDES, Breno. **A representância do passado histórico em Paul Ricoeur:** Linguagem, narrativa e verdade. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MENDES, José Paulo. **URUBUS X SEP (Sociedade Esportiva de Picos):** as relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

MOTTA, Marly. **A estabilização e a estabilidade:** do Plano Real aos governos FHC (1993-2002). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O Brasil republicano. v. 5. O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016

MOURA, José Elierson de Sousa; NASCIMENTO, Francisco de Sousa. **Tensões sociais e produção de sentidos:** a cidade de Picos e a habitação do Bairro Paroquial pelos pobres durante a década de 1970. In: Revista Urbana, v.6, nº8, 2014. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635302. Acesso em: 07 jan. 2021.

_____. **A pobreza em disputa:** ditadura, políticas de integração nacional e o combate ao perigo da "subversão" em Picos-PI (1968-1976). 2017. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2017.

MUCELIN, Carlos Alberto; BELLINI, Marta. Lixo e impactos ambientais perceptíveis no ecossistema urbano. In: **Revista Sociedade & Natureza Uberlândia,** n.20. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sn/a/q3QftHsxztCjbWxKmGBcmSy/?format=html. Acesso em: 21 mai.2022.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. In: **Revista História Oral.,** Teresina, n. 5, s/v, 2002. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho. Acesso em: 13 nov. 2020.

NERES, Thiago Tavares das; SOBRAL, Gustavo Leite. Os sentidos da cidade. In: **Revista Verso & Reverso.,** Natal-RN, v. 33, n. 82, 2019. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2019.3382.05. Acesso em: 20 de ago. 2020.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **História**, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, karla Ingrid Pinheiro. **A Amélia multifacetada:** as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

_____. **A geografia dos desejos:** cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960. Picos: UFPI, 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso em História-Universidade Federal do Piauí).

PEREIRA, Jessilane de Sousa. **Aromas e iguarias urbanas:** representações sensíveis do viver citadino em Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. In: **Rev. Brasil. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo. Acesso em: 20 de set. 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Rev. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n.3. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278. Acesso em: 13 jun. 2019.

RETONDO, Carolina Godinho; FARIA, Pedro. **Química das sensações.** Campinas, São Paulo: Editora Átomo, 2008.

REVEL, Jacques. **Micro história, macro história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado**. In: Revista Brasileira de Educação, Campinas, SP, v. 15, n. 45, set./dez. 2010, p. 434-444. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 jul. 2022.

RIBEIRO, Palmira Margarida Ribeiro da Costa Ribeiro; SANTOS, Nadja Paraense dos. **O olfato como objeto da história: a estética dos cheiros.** Campina Grande-Paraíba, 2018. Disponível em: https://www.16snhct.sbhc.org.br/resources/anais/8/1545175831_ARQUIVO_TrabalhoPalmiraeNadja-rev.pdf . Acesso em: 27 jun. 2021

RIBEIRO, Priscila Moura. **Juventude e lugares de sociabilidade na cidade de Picos (década de 1980).** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

ROCHA, Paulo Henrique Luz; BORGES, Maria do Socorro Rocha; COSTA, Suiane Silva; SANTOS, Raimundo Wilson Pereira dos. Barragem de Bocaina, Piauí: contexto histórico da construção, finalidades e uso recente. In: **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI**, Teresina, 2017, vol. 6, nº 2. Disponível em: < Barragem de Bocaina, Piauí: contexto histórico da construção, finalidades e uso recente | rocha | contraponto (ufpi.br)>. Acesso em: 20 mar. 2023.

RODRIGUES, Marly **A década de 80:** Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Àtica, 2003.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203).

SANDES-FREITAS, Vítor Eduardo Veras de. Herança e história política no Piauí: das origens à redemocratização. In: **Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História da Uece**, Ceará, 2019, vol. 7, nº 13. Disponível em: <327993461.pdf (core.ac.uk)>. Acesso em: 18 mar. 2023.

SANTANA, Maria de Fátima de Moura. **Praça Félix Pachecorondon:** Memória, Lazer e Sociabilidade em Picos (Década de 1990). 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. In: **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 3, nº6. Disponível em: file:///C:/Users/Nayara%20Gon%C3%A7alves/Desktop/Leitura%20das%20f%C3%A9rias/admin,+Artigo+2,+SANTOS.pdf. Acesso em: 14 jun. 2022.

SANTOS, Luciana Maria Espíndola. **O jornal como guardião da memória**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.unesc.net/portal/resources/files/595/O%20JORNAL%20COMO%20GUARDIAO%20DA%20MEMORIA.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

SANTOS, Vanessa de Moura. História e memória da urbanização do bairro São José na cidade de Picos-PI (1960-1980). 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **Rompendo o isolamento:** reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. Anos 90, Porto Alegre, v.27 – e2020011– 2020.

SCORTECCI, João. **Dos cheiros de tudo:** memórias do olfato. São Paulo, 1995, p. 7-83.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: NAXARA, M; BRESCIANI, S. (Org.). **Memória e (res) sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**.** In: **Rev. PSIC. CLIN**., Rio de Janeiro, v. .20, n.1, p.65 – 82, 2008.

SILVA, Ana Ester Matos. **Entre melodias, ruídos e ritmos:** sonoridades urbanas da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2021.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Layla Tayse da. **A feira livre de Picos:** cotidiano e relações socioculturais na década de 1960. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

SILVA, Luan Cardoso. **José Neri entre textos e imagens:** práticas discursivas e representações da história política de Picos (1996-2004). 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

SILVA, Vanuza Souza. Paul Ricoeur: por uma discussão da narrativa. In: **Rev. Veredas da História.** Bahia, 2010. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/48900/26558. Acesso em: 19 jun.2022.

SOUZA, Carolina Rezende de. **As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades:** alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação. Minas Gerais, 2015. Disponível em: <www.uff.br/trabalhonecessario>. Acesso em: 12 mar. 2023.

SOUSA, Maria José Rodrigues de. **Direito à cidade e à habitação:** Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) no município de Picos-PI. 2017. Tese de Doutorado (Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

SOUSA, Nayara Gonçalves de. **A cidade sensível:** cotidiano, memória e sociabilidades em múltiplos espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) -Universidade Federal do Piauí, Picos, 2021.

SUBSÍDIOS ao planejamento da área nordestina. In: INSTITUTO Brasileiro de Geografia. Rio de Janeiro, 1971. Disponível em: https://searchworks.stanford.edu/view/894429. Acesso em: 20 jun, 2022.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VIEIRA, Maria das Graças Alves. **A problemática do lixo no bairro Parque de Exposição.** 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) -Universidade Federal do Piauí, Picos, 2014.

Entrevistas orais:

BARROS, José Francisco de. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa.** Picos-PI, 2022.

COSTA, Maria Inês da. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos- PI, 2019.

FEITOSA, Francisca de Sousa. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2019.

NETA, Vitória Custódia. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos- PI, 2019.

NOGUEIRA, Vilebaldo. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa.** Picos-PI, 2022.

NUNES, Douglas. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2022.

SOUSA, Diva Maria Gonçalves. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa.** Picos-PI, 2022.

SOUSA, Edênia da Silva e. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2019.

Fontes hemerográficas:

ABEL constrói obras por toda cidade. [Bairro Paroquial, 1996]. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 13 set 1996, p. 6. 1 fotografia p&b.

A CIDADE e a eleição de novo. **Jornal de Picos**, Picos (PI), s/n, p. 2, 26 maio 1999.

A CIDADE tem medo de chuva. [Desabamento de casas, no bairro Paroquial, da cidade de Picos-PI, em 1994]. **Tribuna de Picos**, Caderno 2, Picos (PI), 13 jan. 1994, p. 1. 1 fotografia p&b.

AGENTES da FNS descobrem focos de dengue em Picos. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), ano I, n. 57, p. 5, janeiro 1996.

ALHO: uma cultura tradicional do Guaribas. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 76, p. 5, julho 1981.

A LUTA contra a esquistossomose. **Macambira**, Picos (PI), ano II, nº 15, p; 9, dezembro 1977.

A MAIORIA não sabe o que é. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano I, nº 13, p. 9, março 1985.

ANIMAIS estão presentes nas BRs e vias públicas. **Jornal de Picos**, nº 16, Picos (PI), 19 junho 1990.

ANIMAIS nojentos. **Jornal de Picos**, Picos (PI), s/n, p.12, 22 maio 1999.

A RUA prometida. **Jornal de Picos**, Picos (PI), s/n, p. 2, 07 maio 1999.

A SUJEIRA nas ruas. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano V, nº 152, p. 4, 19 fevereiro 1987.

BAIRRO Junco sofre com pó. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 95, p. 4, 31 dezembro 1982.

BANHEIRO do Açougue Municipal. [Banheiro do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018]. **Portal Riachão Net**, Picos (PI), 13 novembro 2018. 1 fotografia color. Disponível em: < Insetos e sujeira infestam Açougue Municipal de Picos - PORTAL DE PICOS - O Portal de notícias da macrorregião de Picos>. Acesso em: 15 abril 2023.

BURACO toma a rua Luís Nunes. **Jornal de Picos**, Picos (PI), s/n, p.3, 07 maio 1999.

BURACO toma a rua Luís Nunes. [Buraco na rua Luís Nunes, em Picos-PI, 1999]. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 07 mai. 1999, p.4, 1 fotografia p&b.

BRITO, José Rodney Leal. [**Plantação de alho às margens do rio Guaribas, 1990]**. Picos (PI), 24 jul 2017. 1 fotografia color. Disponível em: https://m.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos/a.489717407729181/1637854956248748/?type=3&source=54&ref=page_internal. Acesso em: 20 abril 2022.

CALAMITY Picos. **Momento Informativo**, Picos (PI), ano I, nº 2, p.12, julho 1995.

CÂMARA Municipal de Picos. **Atas Da Câmara Municipal De Picos**. Picos (PI), s/n, 1992.

CAPITAL Picos. **Jornal de Picos**. Picos (PI), Caderno 2, s/n, p.2, 17 junho 1993.

CASAS populares da Morada do Sol em fase conclusiva [Casas Populares entregues às famílias no Conjunto Morada do Sol]. **Tribuna de Picos**, Caderno 2, Picos (PI), 18 ago.1994, p. 4. 1 fotografia, p&b.

CHARGE os urubus [Charge Os urubus]. **Jornal de Picos**. Picos (PI), s/n, 4 fev. 1996, p.10, 1 fotografia p&b.

COM o Guaribas seco, cai a produção de alho. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), ano III, nº 5, p. 5, 12 dezembro 1992.

COMBATE ao lixo. **O Dia**. Teresina (PI), s/n, p.4, 07 janeiro 1980.

CONDIÇÕES precárias do mercado da carne. Macambira, Picos (PI), ano IV, nº 79

CONSTRUÇÃO de praças de lazer. **Macambira**, Picos (PI), ano IX, nº115, p. 4, 31 agosto 1984.

CRESCE em Picos parque das ICSA. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano IV, nº118, p 2, 09 outubro 1985.

CURSO para parteiras. **Macambira**, Picos (PI), ano IX, nº 113, p. 14, 30 junho 1984.

DA HIGIENE das habitações. In: **Código de Posturas Municipal**. Capítulo. III, Artº 33. Picos (PI), 1985, p. 7.

DAS medidas referentes aos animais. In: **Código de Posturas Municipal**. Capítulo V, Artº 105. Picos (PI), 1985, p. 17.

DECON quer a interdição do Matadouro Público. J**ornal de Picos**, Picos (PI), Caderno 2, 02 abril 1998.

ESGOTOS a céu aberto. **Jornal de Picos**, nº 12, Picos (PI), p. 16, 07 junho 1999.

ESPAÇO URBANO [**Espaço urbano da cidade de Picos, c. década de 1980].** Picos (PI), 28 out 2012. 1 fotografia p&b. Disponível em: https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense/photos/a.489717407729181/489717691062486. Acesso em: 12 junho 2022.

ESPORTE e lazer. **Macambira,** Picos (PI), ano IV, nº 64, p. 14, 31 março 1980.

ESQUISTOSSOMOSE. **Macambira**, Picos (PI) ano IV, nº 64, p.12, 31 março 1980.

ESTÁ criando o Movimento Pró-Limpeza. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano III, nº109, p.3, 20 abril 1985.

FÁBRICA em Picos. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 84, p. 6, 31 janeiro 1982.

FALTA de água prejudica o alho. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 87, p. 5, 30 abril 1982.

FEIRA de artesanato de Picos está agonizando. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 94, p. 3, novembro 1982.

FEIRA livre de Picos [Feira livre de Picos, 1974]. **IBGE**, s/d. 1 fotografia p&b. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=450864&view=detalhes. Acesso em: 25 mai. 2022.

FEIRA livre sufoca o centro de Picos, **Tribuna de Picos**, Picos (PI), Caderno 2, p. 5, 12 agosto 1993.

FIAÇÃO e tecelagem de Picos. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano III, nº109, p.9, 27 setembro 1985.

GOVERNO e prefeitura do mesmo lado. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 97, p. 3, s/m. 1983.

GOUVEIA, Nelson. Saúde e meio ambiente nas cidades: os desafios da saúde ambiental. In: **Revista Saúde e Sociedade**, v. 8, 1999. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/gnt8LsnHRWYzhnT75vT7pjf/?lang=pt>. Acesso em: 22 mai. 2022.

GRUPO Coelho busca alternativa para salvar a fábrica de Picos. **Tribuna de Picos**, (PI), ano III, nº 51, p. 5, 15 agosto 1995.

ICSA demite funcionários para não fechar a fábrica. **Tribuna de Picos**, (PI), ano III, nº 51, p. 5, 15 agosto 1995.

IMPACTOS ambientais das fibras têxteis e alternativas. In: **Ecycle**. Disponível em: <Impactos ambientais das fibras têxteis e alternativas — UNIVASF (Universidade Federal do Vale do São Francisco>). Acesso em: 03 abril, 2023.

INDÚSTRIAS Coelho S/A. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 59, p. 9, 31 outubro 1979.

INDÚSTRIAS Coelho S.A. Divisão têxtil. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano III, nº 108, p. 8, 27 setembro 1985.

INSTALAÇÕES físicas [Instalações físicas (parte interna) do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018]. **Portal Riachão Net,** Picos (PI), 13 novembro 2018. 1 fotografia color. Disponível em: < Insetos e sujeira infestam Açougue Municipal de Picos - PORTAL DE PICOS - O Portal de notícias da macrorregião de Picos>. Acesso em: 15 abril 2023.

JARDIM Natal. **Macambira**, Picos (PI), ano I, nº 9, p. 9, 01 julho 1976.

LAMA invade casas das ruas Olavo Bilac e Oswaldo Cruz. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano V, nº 152, p. 4, 5 junho 1987.

LIMPEZA pública II. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano V, nº 152, p. 4, 19 fevereiro 1987.

LIXO, sujeira e doença. [Esquina da rua Abílio Coelho com a rua Monsenhor Hipólito]. **Tribuna de Picos**, Caderno 2, Picos (PI), 04 mai. 1995, p. 10. 1 fotografia p&b.

LIXO toma conta das ruas de Picos. [Crianças picoenses brincando com o lixo]. **Jornal de Picos**, Caderno 2, Picos (PI), 23 jul. 1993, p. 9. 1 fotografia p&b.
MAPA das ruas de Picos.

LIXO: um problema sem solução até o momento. **Jornal Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 98, p. 8, 31 março 1983.

MÃO de obra barata e abundante. **Momento Informativo**, Picos (PI), ano I, nº 2, p. 14, julho 1995.

[Mapa das ruas de Picos, 2022]. **Google Maps**, Picos (PI), 1 fotografia color. Disponível em: https://www.google.com/maps/@-7.0781358,-41.4710677,16z?hl=pt-BR. Acesso em: 10 jun 2022.

MATADOURO e higiene. J**ornal de Picos**, Picos (PI), Caderno 2, p.2, 02 abril 1998.

MELHORIAS sanitárias na periferia de Picos. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), p.4, 09 junho 1994.

MEMÓRIA da região. **Macambira**, Picos (PI), ano IX, nº 9, p. 7, junho 1984.

MERCADO Central em condições precárias. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 92, p.5, setembro 1982.

MERCADO público necessita de cuidados. **Jornal de Picos**. Picos (PI), ano I, nº 13, p. 5, outubro 1982.

MERCADO da carne recebe alvará de funcionamento. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), ano III, nº40, p. 2, 05 janeiro 1995.

MORADORES da Industrial reclamam do calçamento. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano IV, nº 118, p. 3, dezembro 1985.

MORADOR da rua São Pedro despeja fossa no Centro. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), ano III, nº 46, p. 2, julho 1995.

MORADOR da rua São Pedro despeja fossa no centro [Fezes humanas escorrendo pelos esgotos a céu aberto]. **Tribuna de Picos**, Ano III, nº46, Picos (PI), 27 jul. 1995, p. 4. 1 fotografia p&b.

MUSEU em Picos: resguardando a memória da cidade. **Macambira**, Picos (PI), ano IX, nº 9, p. 6, junho 1984.

NA feira. **Jornal de Picos**, Picos (PI), s/n, p.6, 11 dezembro 1998.

NÉRI encerra 97 mentindo para o povo. **Vale do Guaribas**, Picos (PI), s/n, p. 2, 10 janeiro 1998.

NOSSO rio Guaribas. **Tribuna Picos**, Picos (PI), ano II, nº 34, p. 7, setembro 1994.

NOVO prefeito apresenta o seu plano de governo. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 94, p. 2, novembro 1982.

O LIXO toma conta da cidade. [Ruas de Picos, 1992]. **Tribuna de Picos**, ano I, nº 4, Picos (PI), 12 dez. 1992, p. 9. 1 fotografia p&b.

O PICOENSE na vida real. **Momento Informativo**, Picos (PI), ano I, nº 2, p. 17, julho 1995.

ORÇAMENTO municipal para 86 ultrapassa 18 bilhões. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano IV, nº 118, p.3, dezembro 1985.

ORIGEM do bairro Junco. **In:** Vem Ver o Semiárido. Disponível em: <Junco: Do capim para encher colchão até se tornar um dos maiores bairros de Picos- (faculdadersa.com.br)>. Acesso em: 04 de jun, 2023.

OS animais estão soltos na cidade. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 97, p.6, fevereiro 1983.

OS desassistidos. **O Liberal**, Teresina (PI), ano V, nº 466, p.6, maio 1973.

O SERTÃO virou mar. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 87, p. 2, 30 abril 1982.

PARTE externa do Açougue Municipal [Parte externa do Açougue Municipal de Picos-PI, 2018]. **Portal Riachão Net**, Picos (PI), 13 novembro 2018. 1 fotografia color. Disponível em: < Insetos e sujeira infestam Açougue Municipal de Picos - PORTAL DE PICOS - O Portal de notícias da macrorregião de Picos>. Acesso em: 15 abril 2023.

PEBINHA. **Picos, Cem anos de História.** In Revista Foco. Picos: s/ed, 1990, p. 31.

PREFEITURA recupera aspecto urbanístico. [Praça João de Deus Filho, 1993]. **Tribuna de Picos**, ano I, nº 4, Picos (PI), 27 janeiro 1993, p. 9. 1 fotografia p&b.

PICOENSES também querem a Assembleia Constituinte**. Jornal de Picos**, Picos (PI), ano I, nº 13, p.9, março 1985.

PICOS em foco. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº76, p. 2, 30 julho 1981.

PICOS e o caminho do desenvolvimento. **Momento Informativo**, ano I, nº 2, p. 13, julho 1995.

PICOS ganha usina de compostagem de lixo. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), ano II, nº 22, p. 4, março 1994.

PICOS. Lei nº 1465, 18 de junho de 1987. Institui o Código Municipal de Posturas. **Prefeitura Municipal de Picos**. Picos, PI, p. 6, 18 jun.1987.

PICOS na visão de um forasteiro. **Jornal de Picos**. Picos (PI), s/n, p.2, 09 maio 1999.

PICOS sobreviverá? **Tribuna de Picos**. Caderno 2. Picos (PI), s/n, p.15, 09 junho 1994.

PICOS tem a maior Indústria do Piauí, **Macambira**, Ano IV, nº90, Picos (PI), 31 jul. 1982, p. 5.

PICOS, uma cidade de expectativas. **Notícias Universitárias**. Picos (PI), s/n, p.3, 05 setembro 1995.

PICOS, uma cidade suja e abandonada. **O Estado**. Teresina (PI), ano XXVIII, n° 207, p.12, 01 Maio 1973.

PLANTAÇÃO de alho às margens do rio Guaribas. **Arquivo pessoal de José Rodney Leal**, Picos (PI), 2022. 1 fotografia color.

POR QUE Picos é tão suja? **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano V, nº152, p. 2, 19 fevereiro 1987.

PREFEITURA combate déficit habitacional na periferia. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), ano II, n° 22. p. 5, 03 março 1994.

PREFEITURA culpa o povo pela sujeira. **O Dia**. Teresina (PI), s/n, p.7, janeiro 1980.

PROJETO Bar cultural teatro ao ar livre, **Jornal de Picos**, Picos (PI), 07 mar.1997, p. 9.

PROJETO Rondon. In: **Ministério da Defesa**. Disponível em: < defesa.gov.br/programas-sociais/projeto-rondon> Acesso em: 17 nov. 2019.

PRÓ-LIMPEZA encaminhará documento às autoridades. **Jornal de Picos**, Picos (PI), ano III, nº 108, p. 5, 27 março 1985.

SANEAMENTO básico da Cohab está em fase de conclusão. **Tribuna de Picos,** Picos (PI), Caderno 2., p. 4, 01 setembro 1994.

SANEAMENTO preocupa autoridades e o povo. **Macambira**, Picos (PI), ano IV, nº 79, p. 2. 31 agosto 1981.

SAÚDE pública. **Jornal de Picos**, Picos (PI). Opinião 2., p.5, 11 março 1985.

SAÚDE quer evitar a entrada da cólera em Picos. **Tribuna de Picos**, Picos (PI), ano IX, nº 22, p. 7, março 1993.

UM abrigo para a velhice esquecida. **Macambira**, Picos (PI), ano II, nº 15, p.6. 5 dezembro 1977.

UM novo hospital para Picos. **Macambira**, Picos (PI), ano IX, nº 114, p. 13, 31 julho 1984.

UM olhar sobre a cidade. **Jornal de Picos**. Picos (PI), s/n, p.10, 4 fevereiro 1996.

URBANA província. **Jornal de Picos**. Picos (PI), s/n, p. 2, 06 março 1997.

URUBUS fazem a festa em lixo acumulado nas ruas centrais da cidade de Picos. In: **Portal GP1**. Disponível em: < Urubus fazem a festa em lixo acumulado nas ruas centrais da cidade de Picos - GP1 > Acesso em: 20 mai 2023.